

ru\_i\_pina\_afonsov\_2.txt

Project Gutenberg's Chronica de el-rei D. Affonso V (Vol. II), by Rui de Pina

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)

Title: Chronica de el-rei D. Affonso V (Vol. II)

Author: Rui de Pina

Release Date: June 23, 2007 [EBook #21911]

Language: Portuguese

Character set encoding: ISO-8859-1

\*\*\* START OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CHRONICA DE EL-REI D. AFFONSO V \*\*\*

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

BIBLIOTHECA DE CLASSICOS PORTUGUEZES

PROPRIETARIO E FUNDADOR

\_MELLO D'AZEVEDO\_

Bibliotheca de Classicos Portuguezes

Proprietario e fundador--Mello d'Azevedo

CHRONICA DE EL-REI D. AFFONSO V

POR

\_Ruy de Pina\_

VOL. II

\_ESCRITORIO\_

147--Rua dos Retrozeiros--147

LISBOA

1902

## CAPITULO LXXX

\_D'outra embaixada que ao Regente veiu d'El-Rei e do povo de Castella, sobre as mesmas cousas da Rainha, e da resposta que houveram, e como se entendeu em alguma concordia e contentamento da Rainha\_

E o Infante D. Pedro se foi com El-Rei á cidade do Porto, onde tornaram a elle sobre o mesmo caso da Rainha quatro embaixadores, dois em nome d'El-Rei de Castella, e dois em nome do seu povo; porque a Rainha D. Lianor, quando viu os primeiros embaixadores tornar com resposta á sua esperanza e desejo tão contraria, começou claramente de conhecer os enganos em que caíra, e lastimando-se d'isso aos Infantes seus irmãos, elles por em alguma maneira cumprirem com ella, fizeram com El-Rei que os procurados dos povos de seus reinos em côrtes ouvissem, como ouviram suas querellas e agravos contra o Regente, e com tal graveza se propozeram, que foi accordado enviar-se já por final aquella embaixada, em nome d'El-Rei e do povo com temerosas protestações, dizendo que quando aos requerimentos d'ella não se satisfizesse, poderiam então mover guerra, sem parecer que por sua parte as pazes se quebrantavam. Sobre a qual o Regente teve conselho, e enviou avisos aos Infantes e pessoas principaes do reino, e foi determinado que o Infante não desse determinada resposta aos embaixadores, e que por dilatar a remettesse, á que El-Rei seu Senhor enviaria, para que offerceria a El-Rei de Castella todo o que por contemplação sua e de seu povo á Rainha n'estes reinos se devia e podia fazer.

E com isto despediu os embaixadores, e se foi com El-Rei á villa de Tentuguel, que é no Campo Mondego. Onde accordou de enviar, como enviou por embaixadores a Castella, como ficara, a Lionel de Lima, que depois foi primeiro bisconde de Villa Nova de Caminha, e o doutor Ruy Gomes d'Alvarenga. Os quaes bem instructos e avisados do que haviam de dizer, se foram a El-Rei de Castella, com quem falaram em apartado as cousas de sua embaixada, em que sustancialmente concluíram que a Rainha por muitas causas, razões e impedimentos que apontaram, não devia vir a estes reinos, nem menos ter a governança d'elles, nem a criação d'El-Rei e seu irmão que requeria, e que o reino todo havia por tamanho inconveniente para o bem e assesejo d'elle, que para o não consentir se despoeriam ante a todo trabalho e perigo; mas ainda que por direito não houvesse para isso obrigação, que por ser madre d'El-Rei seu Senhor, e por elle Rei o requerer, lhe dariam onde ella quizesse fóra de Portugal, seu dote e arras, e todas as cousas suas que n'este reino se achassem, que não fossem da Corôa, e mais dez mil dobras d'ouro para satisfação dos que a serviram. E com isto outras muitas razões, com exemplos de merecimentos passados, porque El-Rei devia amar muito mais El-Rei seu Senhor e ao Regente, que a Rainha D. Lianor nem a seus irmãos.

El-Rei de Castella depois de os ouvir, ante de lhe responder teve com os grandes do seu reino sobr'isso conselho, em que eram os Infantes d'Aragão e a Rainha, onde para a paz e para guerra houve votos e sentenças contrairas; e finalmente o conde de Faram, e um Bispo da Avila que eram presentes, com fundamentos e razões mui justas concluíram que

por este negocio da Rainha, ainda que fosse irmã, nem filha d'El-Rei, que pelas pazes que com Portugal tinha feitas e juradas, não lhe podia nem devia fazer guerra, e que a mór ajuda que á Rainha podiam dar, assi era de rogos sómente; com os quaes dois senhores muitos outros se foram. E o conde de Faram aderençou sua falla para a Rainha, e lhe disse:

«Senhora, bem creiu em caso que o voto que dei seja contrairo a vosso desejo que não leixará vossa mercê de crêr que eu amo muito vosso serviço, e dos Senhores Infantes vossos irmãos, por cuja honra e estado eu trabalhei e padeci o que elles sabem, cá por isso o dei e o disse, e por isso vos quero bem conselhar. Soes primeiramente muito enganada em procurardes entrar em Portugal por guerra, e contra vontade do Regente e dos Infantes seus irmãos; pois sabeis que todo o reino por natureza os ama, e por obrigação e vontade os hão-de servir, e das mostranças que alguns lá fizeram de vos recolher e servir, já deveis de ser desenganada, e a concordia do conde de Barcellos e do Marechal com o Infante D. Pedro vos é para isso claro exemplo, e que vos pareça que a necessidade do tempo lh'o fez assi fazer, ainda não creaes, vendo elles as cousas revoltas que não sostenham a parte de seu Rei natural antes que a do estranho, e mais eu não sei que segurança tereis do amor do povo que guerreades por fogo e sangue, que tal caso se não pode escusar, antes para vossa vida conseguireis odio, desamor e perigo, que por todas razões não deveis querer; não fallo já no grande trabalho e muita perda que estes reinos de Castella receberam com esperança de tão duvidosa victoria. Aquelle reino não é pequeno, e é mui forte e de gente leal e mui esforçada, e será mui máo de sogigar por força. E para melhor verdes esta impossibilidade, sabeis bem que um cavalleiro de duas fortalezas tem n'estes reinos coração de se levantar contra a obediencia e serviço d'El-Rei nosso Senhor; e quero dizer se o devo dizer, que não é poderoso de o cercar nem tomar, quanto mais que os Infantes vossos irmãos que aqui estão, de necessidade conviria terem n'estes reinos outra gente d'armas, e não pouca contra o Condestabre e o Mestre d'Alcantara seus imigos, e que seria impossivel ou com abatimento de suas honras e estados se sogigarem a elles, que seria grande vituperio em sangue real, que Deus nunca consinta, cá não haveis de duvidar que estes dois homens pela grande imizade que comvosco e com elles tem e pelas boas obras que do Regente em suas necessidades e affrontas tem recebidas, o hão sempre de servir e ajudar, por mais enfraquentar vosso poder, cá de todo são desconfiados de vossa concordia, e fazendo ainda esta empresa tão leve, que sem muita pena cobrassemos o reino de Portugal, não creaes que o dessemos a El-Rei vosso filho, nem a vós o Regimento d'elle; porque para cobrar novos reinos não ha fé nem verdade, cá é aos mortaes cobiça sobre todas, e sobre tudo com reverença e acatamento d'El-Rei nosso Senhor que aqui está, vos digo que sua Senioria tem com gram razão grande amor ao Regente. E crêde que por só importunação de que por vós e vossos irmãos foi vencido, tem feito contra elle o que fez, n'estas embaixadas que enviou, cá não ha por sua vontade de proseguir cousa que em sua honra e estado muito desfaça, pelo qual Senhora, meu conselho é que pelo que a vosso habito, consciencia, e assesego pertence, acceiteis qualquer razoado partido que de Portugal vos fizerem, cá do contrairo sede certa, que cada vez recebereis mais dano, e mór paixão.

Este desengano do conde de Faram foi muito louvado, e muitos do conselho o seguiram, e El-Rei o approvou, pelo qual por parte da Rainha logo se apontaram alguns meios, em que para ella requereram uma grande somma de dobrões. E para alguns seus, casamentos assignados, e para outros satisfações de dinheiro, pago em certo modo e tempo, com outras cousas que tambem requereram, segundo que por escripto o apontaram, e com estes meios vieram os embaixadores a Portugal, com fundamento de logo tornarem com a concordia; e porque o Regente sem todo o reino e principaes d'elle

não quiz n'elles tomar certo assento, seguiu-se no ajuntamento para isso tanta dilação, que n'estes reinos, e nos de Castella principalmente sobrevieram em tanto cousas de taes afrontas e necessidades, que as da Rainha ficaram de todo por acabar, até que com ellas acabou também sua vida, como se dirá.

## CAPITULO LXXXI

\_De como o Infante D. João falleceu, e que filhos d'elle ficaram\_

No fim do mez de Outubro d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e dois, o Infante D. João em a villa d'Alcacere do Sal acabou sua vida de febre, d'onde levaram seu corpo ao mosteiro da Batalha, onde tem sua sepultura, dentro da capella d'El-Rei D. João seu padre, e foi sua morte com dôr e tristeza de muitos muito sentida; porque era Principe de grande casa, e em que havia muitas bondades e virtudes sem algum vicio que as minguassem, em especial era muito amigo do bem commum d'estes reinos, que por elle mostraram claros signaes da perda que n'elle perderam.

E o que de sua morte e privação mostrou sobre todos ser mais triste e anojado, foi o Infante D. Pedro que era em Coimbra, onde como soube de seu fallecimento, cahiu de verdadeiro nojo em cama á morte, não havendo em sua enfermidade outra causa, e não era sem razão; porque eram irmãos que sem cautella e mui verdadeiramente se amaram, e foram sempre em todo mui conformes, e o amor que o Infante D. Pedro lhe tinha não ficou sem experiencia de ser mui conhecido; porque não sómente na vida, mas depois da morte muito mais claro em todas suas cousas lh'o mostrou; porque do Infante D. João ficaram tres filhas e um filho. O filho houve nome D. Diogo, a que o Regente logo em nome d'El-Rei fez Condestabre, e deu o Mestrado de Santiago com totalas rendas e cousas que o Infante seu padre tinha, e falleceu logo muito moço, e a filha maior a que chamavam D. Isabel, que de virtudes da alma e perfeições do corpo foi em todo cumprida, casou com El-Rei D. João de Castella, que sendo elle de idade de quarenta annos a houve por segunda sua mulher, de que nasceu real geração e sobre todas mui excellente. E a segunda filha do Infante D. João houve nome D. Breatiz, esta casou o Infante D. Pedro com o Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei D. Affonso, de que houveram por filhos, a sobre todas mui virtuosa a Rainha D. Lianor, mulher que foi d'El-Rei D. João o segundo d'estes reinos de Portugal, e El-Rei D. Manoel nosso Senhor, que por fallecimento d'outro legitimo herdeiro, directa e ligitimamente os sobcedeu. E a terceira filha do Infante D. João se chamou D. Filippa, que sem casar, casando e fazendo muito bem a seus criados e criadas, acabou virtuosamente sua vida.

N'este anno estando o Regente com El-Rei na cidade d'Evora, falleceu sem herdeiros um D. Duarte, que foi senhor de Bragança, e tinha o castello d'Outeiro de Miranda; veiu logo á côrte o conde de Barcellos, e pediu este senhorio e castello ao Regente, o qual se escusou d'elle por o ter já promettido ao conde d'Ourem seu filho, que no requerimento se anticipara primeiro, e porém logo entre o pae e o filho houve n'isso tal concordia, que o conde d'Ourem por ser filho maior esperando todo sobceder, juntamente desistiu da promessa e por prazer do Regente a passou ao conde de Barcellos, que logo pelo dito Infante D. Pedro foi feito e intitulado duque de Bragança. Mas não se seguiu assi, porque o filho que era moço, falleceu primeiro que o pae que era já mui velho, como se dirá.

## CAPITULO LXXXII

\_De como falleceu o filho do Infante D. João que era Condestabre, e como o filho maior do Infante D. Pedro foi d'aquella dinidade provido, que foi causa e fundamento da morte do dito Infante D. Pedro\_

E no começo do anno seguinte de mil e quatrocentos e quarenta e tres, falleceu de febre continua D. Diogo, filho do Infante D. João, cuja herança e casa passou logo a D. Isabel sua irmã maior, e depois porque casou com El-Rei de Castella, passou por contrato á filha segunda D. Briatiz, casada com o Infante D. Fernando, como disse.

E o Infante D. Pedro, porque do Infante D. João não ficara outro herdeiro barão, fez com El-Rei que proveu logo do Officio de Condestabre a D. Pedro seu filho maior, e o conde d'Ourem fundando-se em razões que não provou, enviou pedir a mesma denidade ao Infante D. Pedro seu tio, dizendo-lhe, «que o seu avô o conde Nuno Alvares Pereira houvera este Officio, para si e para todolos que d'elle decendessem. E que por quanto d'elle não ficara filho barão que o herdasse o houvera o Infante D. João, não como filho de Rei, mas como quem casou com sua neta, e que como quer que a elle conde d'Ourem mais que a outrem de razão pertencesse, por ser neto barão e maior do Condestabre; porém que o leixara então de requerer, porque para se haver não fizera diferença entre o Infante D. João e si mesmo; mas agora que por sobcessão de barão ficava distinto, e a elle pertencia como a principal ramo que do tronco do Condestabre ficava, lhe pedia que o provesse d'elle».

E o Regente lhe respondeu «que El-Rei seu Senhor tinha já d'elle feito mercê a D. Pedro seu filho, para quem elle o pedira, para em algum cargo de honra ter mais razão de o servir; porém que se hi houvesse doação ou cousa assi autentica por que parecesse este Officio de direito lhe pertencer, que lh'a mandasse mostrar e que por alguma maneira lh'o não tiraria. Alegando-lhe mais para sua satisfação e contentamento a mercê de Bragança e de Castello d'Outeiro, que poucos dias havia que recebera, ainda que de sua vontade a trespassara em seu padre, o que elle assi consentira por ter razão de o mais cedo fazer duque depois da morte de seu padre, que por curso de natureza, segundo sua muita edade não podia já muito tardar, e que por hi elle ficaria duque, e tres vezes conde com outros senhorios e terras, de que para a estreiteza de Portugal se devia haver por muito acrecentado, honrado e contente. E que portanto lhe rogava, que por amor d'elle não se descontentasse em seu filho haver este Officio, em que bem cabia por muitos respeitos, e isto porém fosse quando não houvesse tal firmeza, porque de direito lhe pertencesse; porque se a houvesse fosse certo que seu filho lh'o leixaria».

E em fim o conde d'Ourem não mostrou o que por ventura não tinha; porém tamanho descontentamento e agravo mostrou que do Infante por isso recebia, que nunca depois quiz vir á sua casa, e menos á côrte d'El-Rei emquanto elle regeu, e este odio do conde d'Ourem foi a causa principal da morte e destruição do Infante D. Pedro, como se dirá.

## CAPITULO LXXXIII

\_De como foi a morte do Infante D. Fernando que era captivo em Fez\_

E n'este anno outrosi de mil e quatrocentos e quarenta e tres, veiu certidão da morte do Infante D. Fernando, que era posto por arefens em Fez, e segundo o testemunho que de sua vida e morte deram os christãos que com elle ficaram, homens fidalgos e pessoas de muito credito, certo de crêr é piadosamente que morreu santamente, e com esperança de ser santo e bem aventurado. E porque Deus por sua piadade e em galardão de seus merecimentos, segundo fé de muitos fez evidentes milagres, e a morte antecipou os naturaes dias de sua vida com a aspereza do trato e máo captiveiro que padeceu por mandado de Lazarac Marym, crú e máo tirano de Fez, que por ser vil e de nenhum sangue real, com muita sede e grande fome o fazia servir em officios baixos e vis, e com tal estreiteza, que em uma masmorra e prisão mui escura acabou n'este mundo a vida, para nosso Senhor lhe dar no outro outra melhor e mais viva, que em sua gloria durará para sempre.

A morte d'este Infante por sua calidade e desamparo foi muito sentida e pranteada n'este reino, e principalmente dos Infantes seus irmãos, que lhe mandaram fazer mui honradas e solemnes exequias e saimento, e seu corpo metido em um ataude, esteve muitos tempos pendurado por cadêas sobre uma porta da cidade de Fez, e depois por convenção que se fez, foram seus ossos trazidos a estes reinos em tempo d'este Rei D. Affonso, no anno de mil quatrocentos e LXXIII, e depois da tomada de Arzilla; os quaes de Lisboa foram levados com grande honra e solemnidade ao mosteiro da Batalha, em que tem sua sepultura especial e honrada na capella d'El-Rei D. João seu padre. Onde por signal que acabou como catholico e mui fiel christão, ha grande credito que nosso Senhor fez, e faz por elle muitos milagres.

Por morte d'este Infante D. Fernando ficou vago o Mestrado d'Avis, de cuja governança e administração, D. Pedro, filho do Regente, foi a supplicação d'El-Rei por auctoridade Apostolica provido.

CAPITULO LXXXIV

\_De como foi a morte da Rainha D. Lianor em Toledo, estando já para se tornar a Portugal\_

No anno de mil e quatrocentos e quarenta e quatro, vendo-se El-Rei de Castella em poder dos Infantes d'Aragão seus cunhados, roubado da liberdade e senhorio que a sua dinidade real pertencia, tinha a elles grande odio e desamor, e para se em alguma maneira d'elles isentar, ordenou por conselhos e modos do Condestabre D. Alvaro de Luna de mandar como mandou por visorei á comarca de Andaluzia ao Infante D. Anrique, provendo-o para isso de poderes fingidos com fundamentos falsos, dando-lhe a entender que assi cumpria para sua mais honra e mór segurança, onde por engenho do dito Condestabre e mestres de Alcantara e Calatrava seus contrairos, e com gente de Sevilha e outra muita que o Infante D. Pedro d'estes reinos lá mandou, foi em todo desobedecido, e em desbaratos que houve mui mal tratado, e d'esta vez se tomou Carmona, e em tanto se conformou o Condestabre com outros grandes senhores d'aquelle reino que para isso se ajuntaram por força d'armas, e tiraram El-Rei do poder e sobgeição d'El-Rei de Navarra, que segundo o que se via não o tratava, nem acatava como a rei superior se devia.

E d'estas voltas de fortuna que a Rainha D. Lianor viu padecer aos Infantes seus irmãos, foi da esperança que n'elles tinha desesperada de todo, e vendo-se já mal olhada d'El-Rei e da Rainha sua irmã, e com pouca sua ajuda, foi-se da côrte para a cidade de Toledo, d'onde constringida já de grandes minguas que a apertavam, soltou quasi toda a gente que tinha, encomendando os filhamentos e vivendas de seus criados a aquelles senhores de Castella com que cada um mostrava ter mais contentamento de viver.

Alli veiu a Rainha a tanta necessidade e pobreza, que para seu suportamento lhe conveiu receber ajudas em pão e dinheiro d'alguns Prelados e donas viúvas d'aquelle reino, em especial de uma D. Maria da Silva de Toledo, senhora de nobre sangue e muita fazenda. E n'este reino e em Ceuta sendo de suas necessidades sabedor D. Fernando de Noronha, primeiro conde de Villa Real, e segundo capitão da dita cidade; porque era de real sangue e mui nobre coração; principalmente porque El-Rei D. Duarte o criara e acrescentara com muito amor, e asi por elle ter com a Rainha divido mui conjuncto, a mandou visitar e ajudar com uma boa somma d'ouro amoadado, de que por sua nobreza e bom conhecimento foi de todos cá e lá mui louvado. Pelo qual a Rainha sentindo-se já envergonhada de requerer, e cansada de esperar, vendo os caminhos e remedios de sua esperança, com as mudanças de seus irmãos de todo cerrados, houve-se de todo por mal aventurada, e sobretudo por enganos mal aconselhada, e suspirando já por Portugal, ao menos para lhe sua terra comer o corpo, fallou com Mossem Gabriel de Lourenço, seu capellão mór, e com suas crenças, instrucção e poder, o enviou a Albuquerque, d'onde por meio do conde d'Arrayollos tratasse alguma concordia com o Infante D. Pedro, ao qual Infante a Rainha com palavras e cousas assaz piadosas, enviava já pedir, ao mais consentimento e lugar para vir a estes reinos, e n'elles morrer, não como Rainha, mas como sua irmã menor que se queria poer em suas mãos, de que se contentaria receber o que elle quizesse, e lhe parecesse razão.

O conde d'Arroyollos, como era homem virtuoso e de justa tenção, acceitou com boa vontade o negocio, e o Regente a que o dito conde por Vasco Gil, seu secretario, o notificou, o ouviu e recebeu com muito melhor mostrança, e andando já em apontamentos com esperança de bôa conclusão, chegou recado certo ao Regente, como a Rainha D. Lianor fallecera na mesma cidade de Toledo, sexta-feira XIX dias de Fevereiro de mil quatrocentos e quarenta e cinco.

Foi sua morte arrebatada, sem ter uma hora de accordo para o que á sua alma e á sua fazenda cumpria, em que houve violenta presumpção que fôra de peçonha; porque em lhe lançando uma ajuda, que por ser um pouco achacada requerera, logo sem entrevalo nem repouso deu alma a Deus. E a opinião dos mais foi que esta morte lhe ordenara, não o Infante D. Pedro, como muitos maliciosos quizeram falsamente dizer, mas o Condestabre D. Alvaro de Luna, por meio de uma mulher da villa de Ilhescas, que em casa da Rainha tinha grande entrada e muita familiaridade. Receoso que, se a Rainha vivesse, estando em a cidade de Toledo, ordenaria como o Infante D. Anrique seu irmão, tornasse a ella, de que fôra já lançado. Porque foi avisado que ella o procurava e concertava já com Pero Lopez d'Ayala, que na cidade era alcayde mór, e cavalleiro mais principal, crendo que se o Infante fosse senhor de tal cidade, o Condestabre o havia por cousa muito contraira a seu desejo e proposito, que era destrui lo e desterra-lo do reino com seus irmãos, e por argumento d'isto, outro tanto se presumio do mesmo Condestabre, que ordenara á Rainha D. Maria, mulher d'El-Rei D. João, que após sua irmã não durou com vida mais de XV dias.

E esta Rainha D. Maria jaz sepultada na capella mór do mosteiro d'Aguadallupe.

O Regente como soubesse do fallecimento da Rainha, enviou logo pela Infante D. Joana, que ficara e estava em Toledo em grande desamparo, e a foi ao extremo receber, e trouxe mui honradamente para Lisboa, onde a poz em companhia da Infante D. Catharina sua irmã, em poder de Violante Nogueira, e tomou para El-Rei todos os criados que ficaram da Rainha, tirando alguns em que tinha suspeita e descontentamento.

## CAPITULO LXXXV

Como o Condestabre filho do Infante D. Pedro foi enviado a Castella com gentes d'armas, em ajuda de El-Rei de Castella contra os Infantes d'Aragão, e do que se passou até tornar

Pela morte d'estas duas Rainhas o partido dos Infantes d'Aragão ficou em Castella mui fraco e abatido, e o Condestabre porque viu tempo que lh'o assi aconselhava, ordenou de os fazer lançar e desterrar fóra do reino, e acabou com El-Rei que escreveu ao Regente com as razões e causas com que sentio que o mais obrigaria, pedindo-lhe para isso ajuda de gente d'armas por seu messegeiro, o qual Infante teve sobre o caso bom conselho em Tentuguel, onde elle foi de sua vontade movido para ir em pessoa; e porque foi em contrairo aconselhado, determinou-se que enviasse o senhor D. Pedro seu filho que era Condestabre, em idade de XV annos, e a mais formosa nem melhor proporcionada creatura que se podia vêr de seu tempo, ao qual foram ordenados dois mil homens de cavallo, e quatro mil de pé, e com elle estes fidalgos principaes: D. Alvaro de Castro que depois foi conde de Monsanto, e Lopo d'Almeida que depois foi conde d'Abrantes, e D. Duarte de Menezes que depois foi conde de Viana, e Diogo Soarez d'Albergaria, e Fernão Coutinho, e João de Gouvêa, e outros muitos fidalgos e cavalleiros da côrte, em que ia a frol d'ella.

E porque o sr. D. Pedro não era cavalleiro, quiz o Infante seu padre que o fosse da mão do Infante D. Anrique seu tio, que era em Lagos, e foi para isso chamado a Coimbra, onde logo veio e este ajuntamento se fez, e sobre qual dos Infantes devia fazer aquelle auto de Cavallaria, houve entre elles uma perciosa, mas mui honrada e maravilhosa contenda. Porque cada um parecia que minguaava em seus merecimentos, por acrescentar nos do outro, e cada um se alegrava ser n'elles do outro vencido para que o fizesse, e em fim o cargo ficou ao Infante D. Anrique e não sem merecimento; porque em seu tempo muitos Principes foram de mais terras, gentes, e rendas, mas não houve em seus dias algum ante quem elle em perfeição de virtudes, e bondade d'armas, e esforço do coração se devesse contar por segundo, o qual com novas cerimonias e grandes festas, armou Cavalleiro o Condestabre seu sobrinho, no mosteiro de S. Jorge, que é junto com a cidade sobre o Mondego. D'onde logo partio com mais gentes de sua ordenança; porque alguma que falleceu, se refez toda com elle em Ciudad Rodrigo, primeiro lugar de Castella por onde entrou. E certo d'armas, cavallos, livré e arreios, foi gente mui luzida e mui aparelhada para fazer um bom serviço.

El-Rei D. João de Castella, para execução do que desejava, tinha já cercados na villa de Olmedo a El-Rei de Navarra, e ao Infante D. Anrique seus cunhados, com muitos e grandes senhores de Castella. Os quaes esforçados na muita gente que comsigo tinham e confiados que pela antiga criação e conhecimento que tinham d'aquelle reino, e assi pelo desamor

que geralmente tinham ao Condestabre, que as gentes d'El-Rei quando os vissem em rompimento e perigo os ajudariam, e temendo outrosi a gente de Portugal, que tambem ia sobr'elles, e vendo que por isso o cerco por muitos inconvenientes lhe não cumpria, determinaram poer seus feitos em ventura, e dar, como deram, batalha a El-Rei, em que foram de todo vencidos, d'onde o Infante D. Anrique sahiu ferido em um braço, de que a poucos dias falleceu em Aragão. E El-Rei de Navarra se acolheu fugido a seu reino sem mais vir a Castella; ainda que o depois muito procurasse.

D'este caso assi como passara foi o senhor D. Pedro em Ciudad Rodrigo avisado. Sobre o qual os do conselho d'El-Rei, que com elle eram, praticaram o que fariam. E acordaram que deviam todavia proseguir sua viagem como fizeram, e que do caso acontecido avisassem logo El-Rei seu Senhor, e a El-Rei de Castella notificassem sua ida. E com isto feito foram fazendo suas jornadas, até chegarem á cidade de Touro, onde o Condestabre D. Pedro houve resposta d'El-Rei de Castella, em que lhe rogava, que assi como vinha o fosse vêr, como foi, á villa de Maiorca, onde já com toda sua côrte estava, e em seu recebimento lhe foi feita honra mui assinada; porque El-Rei com toda sua côrte sahiu ao receber, mui contentes de vêr um Principe em todo tão proporcionado, em que muito acrescentava a graça das ricas armas em que ia vestido. E depois de passarem alguns dias, em que d'El-Rei e dos grandes de seu reino, foi com muitas honras e festas tratado, El-Rei com os aguardcimentos que em sua ida cabiam, lhe disse: «Que pois seu serviço lhe não era necessario, que se poderia tornar para Portugal. E como quer que o Condestabre muito insistisse para ficar e o servir; como d'El-Rei seu Senhor, e do Infante seu padre trazia ordenado, El-Rei não quiz, posto que lhe requereu e desejou que com a gente sómente que para o servir fosse necessaria ficasse aforrado em sua côrte. Mas aos fidalgos que com elle iam não pareceu razão leixa-lo assi, sem prazer do Regente. Pelo qual El-Rei o despediu com dadas de joias e cavallos, e mullas e outras cousas de grande preço, e não falleceram outros muitos grandes senhores d'aquelle reino que lhe offereceram seus presentes, de cousas que sua idade e tempo requeriam. Mas para d'outrem algum não receber nada, salvo d'El-Rei, teve as mãos tão castigadas, como as fez soltas em dar e fazer grandes mercês a aquelles que semelhantes cousas lhe apresentavam, ainda que com ellas se tornassem, e d'esto se escusava com tanta humildade e cortezia, que bem parecia que não era por algum vicio de presumpção que n'elle coubesse.

E assi com sua gente na ordenança em que fôra, e com bandeiras tendidas se tornou a Portugal e entrou por Bragança, e na villa d'Aveiro achou El-Rei e com elle o Infante seu padre, d'onde despediram os fidalgos e a gente que com elle fôra, dando pelo serviço que fizeram muitos aguardcimentos com as mercês que cada um por sua confissão merecia, e isto passou no anno de mil e quatrocentos e quarenta e cinco.

## CAPITULO LXXXVI

\_De como o Regente fez côrtes geraes, em que leixou a El-Rei a primeira vez o Regimento do Reino, segundo era obrigado, e como El-Rei lh'o tornou a dar\_

E consirando o Regente, como para o Janeiro do anno que logo entrava de mil e quatrocentos e quarenta e seis, El-Rei D. Affonso cumpria idade de XIV annos, em que, segundo fôro d'Espanha, qualquer Principe Real deve haver inteira posse e administração de seu reino e senhorio, e

lembrando-se isso mesmo da obrigação em que por sua fé e juramento ficara de a este tempo livremente lhe entregar o reino, querendo inteiramente assi cumprir, fez para isso côrtes geraes e solemnes em Lisboa, e na salla grande dos paços, sendo El-Rei com os Infantes e senhores, e seus officiaes e procuradores, em sua costumada e antiga ordenança, o doutor Diogo Affonso Mangancha, em nome do Infante D. Pedro, fez uma louvada oração, cuja sustancia se concludio em quatro cousas.

«A primeira, apresentar e entregar alli El-Rei em tal disposição de sua pessoa, siso e entender, manhas e virtudes, como de sua idade não cria que no mundo outro tal houvesse; porque dava e dessem todos muitas graças a Deus. A segunda, que no regimento do reino que todos lhe deram, como quer que para o bem fazer, elle com todas suas forças, entender, e diligencia fizera muito a além do que podera; porém que pelo grande trabalho, que em nome d'outrem era reger, especialmente em tempos de tantos desvairios e balanços como no seu se seguiram, elle confessava tel-o feito muito áquem do que devia, de que pedia perdão. A terceira, em dar aguardecimentos áquelles, que no tal caso bem e lealmente serviram e ajudaram, guardando nas palavras o acatamento, mais e menos, segundo cabia nas calidades das pessoas e estados do reino que eram presentes. A quarta conclusão foi, que em caso que não fôra direito nem costume aos Principes de tão pequena idade, como eram a quatorze annos dar-se livre poder de per si regerem reinos e senhorios, que a El-Rei seu Senhor vista em todo sua perfeição, por graça especial lhe devia ser dado, como a outro que fosse de muitos mais dias. E que para isso lhe entregava alli mui livremente, e sem cautella, seu Regimento.»  
Metendo-lhe logo com rostro mui alegre a vara da justiça nas mãos, que em gíolhos e com muito acatamento lhe beijou.

E depois d'El-Rei ser recolhido á sua camara, onde era o Infante D. Fernando, seu irmão, e o Infante D. Anrique, seu tio, com outros muitos senhores, o Infante D. Pedro, praticando com elle a maneira que d'hi em diante teria em reger, El-Rei depois de bem ouvir, lhe pediu que até vêr o que n'isso poderia fazer, elle inteiramente mandasse e fizesse em seu nome o que d'antes fazia; porque receava de per si só sem sua ajuda ou d'outrem não poder com tamanho cargo.

E de hi a tres dias se fez na ordenança passada outro ajuntamento, em que o mesmo doutor Diogo Affonso em nome d'El-Rei fez outra falla, porque sustancialmente se declarou «que havia por recebido em si do Infante D. Pedro seu tio e padre o inteiro regimento de seu reino, dando-lhe, por isso com largo recontamento de seus muitos serviços e merecimentos, grandes aguardecimentos com muitos seus louvores, outorgando-lhe não sómente auctorizadas quitações de todo o tempo de sua governança; mas ainda por maior sua honra, que ficasse em registo por verdadeiro e claro testemunho, da obrigação em que por isso ficava a elle e a seus filhos, com todolos que d'elles descendessem; porque conhecia e declarava que nunca algum Principe fôra no mundo com tanto amor e em tanta perfeição criado, nem em manhas e costumes reaes tão bem ensinado, nem com tanta lealdade e obediencia servido e tratado, como elle sempre fôra do Infante D. Pedro seu tio e padre; porém porque elle ainda não tinha idade para per si só reger sem perigo de si mesmo e das cousas que regesse, nem tivera a pratica e esperiencia d'ellas como para Rei cumpria, e era por isso necessario tomar alguma pessoa que no regimento o insinasse e ajudasse, e por todos respeitos, causas e razões, não havia em todos seus reinos outro para isso mais pertencente que o mesmo Infante D. Pedro, que elle de seu proprio moto, sem lembrança nem requerimento d'alguem o escolhia para isso, e havia por seu serviço e por bem de seus reinos que elle Infante tornasse com elle a reger e governar seus reinos, assi como d'antes fazia, até elle se

sentir em desposição para per si só o poder fazer, mandando que a obediencia que em regendo sempre lhe guardaram, essa d'hi em diante lhe guardassem muito mais inteiramente.»

E aos grandes e povos de seus reinos que eram presentes, em sua presença mandou muito agradecer por lhe requererem e darem por mulher a filha do Infante D. Pedro seu tio e padre, de que sobre todas as cousas do mundo, por muitas razões era mais contente; mas porque este seu casamento quando primeiramente foi em Obidos celebrado, por ventura por se fazer ante de haver idade cumprida e necessaria, para isso sem sua aprovação pareceria defeituoso, elle que então a tinha já para isso de todo perfeita, o aprovava e consentia, como se n'aquella hora de seu prazer, e com sua inteira liberdade novamente o fizesse.

## CAPITULO LXXXVII

### \_De como as filhas do Infante D. João foram casadas\_

E no começo do anno de mil e quatrocentos e quarenta e sete, o Infante D. Pedro se partiu com El-Rei da cidade d'Evora, para o lugar das Alcaçovas, onde por concerto veiu a Infante D. Isabel, mulher do Infante D. João, e trouxe consigo duas suas filhas, que alli ambas juntamente casaram; D. Isabel que era maior com El-Rei de Castella, por Garcia Sanchez de Toledo, que como seu procurador e embaixador a recebeu, e D. Briatiz com o Infante D. Fernando, por elle mesmo. E do casamento que prometeu a El-Rei de Castella, que foi cem mil florins d'Aragão, se seguiu a este reino pouca despesa; porque os recebeu El-Rei de Castella em desconto do soldo que era obrigado pagar á gente do soccorro, e da ajuda que El-Rei de Portugal lhe enviou com o Condestabre seu primo, como atrás já disse.

E no Maio d'este anno, que era o tempo da entrega da Rainha, em que se concertaram El-Rei e o Infante seu irmão, com todos os senhores e pessoas principaes do reino, fizeram em Lisboa por honra da Rainha umas grandes festas, acabadas as quaes, o Infante D. Pedro, acompanhado grandemente, levou a Rainha a Coimbra, onde foi festejada, e d'hi á villa de Pinhel que é em Portugal, onde era concordado que El-Rei de Castella havia de vir em pessoa, para lhe ser alli entregue e a levar, e elle não veiu, de que com palavras honestas e de receber, se enviou escusar por certos senhores e grandes de seu reino, a que a Rainha com seu poder e auctoridade foi entregue, e lh'a levaram.

## CAPITULO LXXXVIII

### \_Como El-Rei por meio do duque e de seu filho o conde d'Ourem pediu ao Infante o Regimento do Reino, e como inteiramente lh'o leixou\_

O duque de Bragança, e conde d'Ourem, e o Arcebispo de Lisboa com outros de sua valia, não ficaram sem grande paixão de ser o Regimento do reino outra vez tornado ao Infante D. Pedro, e o duque publicamente por Gonçalo Pereira, que se dizia das armas, o contrariou nas côrtes por uns apontamentos que a ellas enviou. Mas não foi então ouvido; porque o coração d'El-Rei ainda não era de falsos testemunhos corrompido, nem

cheio das erradas suspeitas contra o Infante, como ao diante foi. Mas em fim taes rodeios tiveram, principalmente o duque e conde d'Ourem, e taes incitadores buscaram e meteram secretamente ás orelhas d'El-Rei, que o comoveram para o que quizeram, que foi requerer, como requereu ao Infante D. Pedro que lhe leixasse livremente o regimento, porque só sem outrem queria reger.

E o Infante bem conheceu que tal movimento, e a tempo tão antecipado não nascera na propria vontade d'El-Rei, mas que fôra n'ella semeado por engenho de seus imigos. E porém lhe disse que elle era d'isso mais ledo e mais contente, do que por ventura lhe fariam crêr que o elle seria; porque quando elle nas côrtes que então foram, se escusava aceitar outra vez o regimento para que o forçava, bem via que lhe dera Deus tal siso e tal disposição, que per si sem outra ajuda poderia reger estes seus reinos e outros maiores; porém pois assi era sua vontade, que lhe pedia por mercê que com o regimento juntamente quizesse tambem tomar sua mulher, pois era em idade para isso; porque assim faria mais por sua honra e estado. No que El-Rei então consentiu; e ficou logo entre elles tempo assignado para isso, no qual o Infante se percebeu dos corregimentos e cousas que para a pessoa d'El-Rei e da Rainha, e assi para sua casa e camara cumpria; mas El-Rei por induzimentos d'alguns, e do Arcebispo de Lisboa principalmente, que de noite lhe ia falar, não esteve pela concordia em que ficara; porque antecipou o tempo, e tornou requerer o Infante, que logo leixasse o regimento; porque antes de casar elle inteiramente queria reger, cá em outra maneira não seria sua honra nem convinha a seu estado, ao que o Infante por não dar causa a mais danamento, logo satisfez e desistiu em todo do mandado e governança que tinha, em tanto que as cartas e provisões que d'antes foram por elle desembargadas, e eram feitas para se de seu nome assignarem, não as quiz mais assignar, nem entender em cousa que a regimento pertencesse.

E porém El-Rei no mez de Maio de mil e quatrocentos e quarenta e sete, em Santarem, tomou sua casa e sua mulher juntamente, com as benções e cerimoniaes pela Santa Igreja em taes casos ordenadas, e com alguma mostrança de festas, mas não foram n'aquella perfeição e cumprimento que o Infante quizera e tinha ordenado. Porque como leixou o regimento, logo totalas cousas ainda que fosse sem culpa sua, para seu desfavor lhe volveram as costas.

## CAPITULO LXXXIX

Das cousas que o conde de Barcellos fez em abatimento do Infante D. Pedro depois que soube que já não regia, e para lançarem o Infante fóra da côrte\_

O duque de Bragança como soube que o Infante desistira do regimento, e que já El-Rei absolutamente regia, por imprimir e confirmar no povo a suspeita de desleal que contra o Infante tinha já com El-Rei principiada, partiu da Villa de Chaves, e com estrondo de gente armada se foi á cidade do Porto, e a Guimarães e Ponte de Lima, e a outros logares d'aquella comarca, onde aos criados do Infante tirou os officios que tinham d'El-Rei, e a todos com infamia de tredores lançou fóra, e com nome de receio do Infante mandou velar e roldar as villas e castellos, como se El-Rei e o Infante foram imigos e houvera já entre elles pregoada guerra, com outras oniões d'esta qualidade, que no reino contra elle individamente se faziam.

Estas falsas novidades vinham logo ás orelhas do Infante, que feriam sua alma com muita dôr e tristeza, especialmente porque o remedio que n'ellas cabia e elle procurava, via que com desprezos lh'o denegavam.

Na côrte d'El-Rei andava a este tempo um Berredo, proto-notairo, filho de Gonçalo Pereira, de Riba de Vizela, mancebo avisado, que por estar já em côrte do Santo Padre tinha boa pratica, e por algumas letras que aprendera havia solta audacia de dizer. Este por astucia e conselho do duque e do conde d'Ourem, veio á côrte bem avisado d'elles, do que secretamente diria a El-Rei para o fim que desejavam, que era meter El-Rei em odio com o Infante D. Pedro e tira-lo do regimento, e com achaque de despedir suas cousas para Roma, fallava com elle muitas vezes em apartado, por cujo malicioso meio e falsa informação que astuciosamente dava a El-Rei, se seguiu principalmente o maior damno que o Infante e suas cousas receberam. Porque com isto fazia-se grande servidor e muito familiar do Infante, a cuja casa, camara e mesa ia continuamente. D'onde maliciosamente trazia novidades e suspeitas a El-Rei, com que umas horas lhe fazia crêr que andava subgeito, e contra o que a seu estado cumpria, e outras que sentia do Infante que queria reinar e fazer seus filhos grandes, acautelando-se sempre que o que dizia a El-Rei, não era como imigo nem desservidor do Infante, de quem recebia honra e mercê; mas porque era portuguez leal a El-Rei a quem mais devia.

E assi o sabia entoar, que todo o que queria imprimia á sua vontade na molle e nova idade d'El-Rei, e por aviamento d'este se foi El-Rei vêr com o conde d'Ourem a Torres Novas. Onde com muitas razões, que para o caso com seus aderentes tinha compilladas, fez crêr a El-Rei camanho abatimento e quão grande sobgeição sua era andar mais o Infante na côrte, que cedo por isso não obedeceriam a El-Rei, e era razão que o fizesse; porque andando o regimento assi misturado, sempre seria de crêr que o Infante mandava e regia, o que a todos seus vassallos fazia grande escandalo, e que por isto e por outras causas muitas que alegavam, El-Rei com alguma mostrança de bem o devia despedir de si e de sua governança, e que para isso seria melhor, e com menos pejo seu não tornar mais a Santarem, e mandar por outrem dizer ao Infante sua tenção e vontade, por se escusarem quebras e descontentamentos d'entre ambos em pessoa.

El-Rei levemente consentiu no despedimento do Infante, mas disse «que não havia com tal engano despedir seu tio; porque seria sem duvida declarar de todo sua fraqueza e algum desconhecimento; mas que em pessoa o despediria como era razão».

E para em caso que o Infante a isso não obedecesse e refusasse sua partida, disseram que era bem que El-Rei levasse comsigo armados, como levou, os vassallos da comarca. E que por força em tal caso, como a revel o lançasse fóra da côrte, com aquella mais pena que por isso merecesse. Mas o Infante a que tudo isto se logo descobrio, quiz da força alheia fazer sua livre vontade, e como El-Rei tornou a Santarem foi-lhe logo falar, e encobrimdo com uma falsa alegria de seu rosto uma verdadeira tristeza do coração que tinha; depois d'algumas praticas extraordinarias, publicamente lhe disse.

«Senhor, dez annos ha que n'este cargo, que vós e vosso reino me destes, vos servi como melhor pude e soube, nos quaes minhas terras por minha ausencia receberam de mim pequeno reparo, como todos sabem, e minha fazenda padeceu grande perda; porém tudo hei por bem empregado, pois tudo redundou em vossa perfeita creação e mui inteiro serviço. Agora pois vos Deos chegou a tal idade, e deu tal siso, entender e disposição para sem outra ajuda regerdes por vós vossos reinos ainda que fossem

maiores, peço-vos por mercê que me deis licença para ir prover o meu, que de mim já tem grande necessidade, e quando nas cousas graves e pesadas, que em vosso reino e a vosso serviço occorrerem minha presença fôr necessaria, mandae-me chamar, e prazendo a Deos vós n'isso e em todo conhecereis que sobre todos vossos vassallos e servidores, eu vos amo e vos sou o mais obdiente e mais leal».

D'este cometimento do Infante ficou El-Rei descarregado e mui ledo; porque com elle se viu aliviado do grande peso e cuidado que para isso trazia, e por sua humana e mui real condição, com tudo lhe pesava grandemente partir-se d'elle o Infante agravado nem descontente, e porém com palavras que pareciam de muito agardecimento e amor lhe outorgou a licença, e mais lhe mandou dar uma solemne quitação de todo o tempo que por elle regea seus reinos, com aprovação de todo o que em seu nome até então dera e fizera. O que alguns quizeram depois contrariar, dizendo que devia antes ser revogação que aprovação; mas por então sua contradição não aproveitou, por que todavia passou com toda solemnidade e perfeição.

O Infante como teve licença d'El-Rei e aviou as outras cousas que lhe cumpriam, se partiu de Santarem para Coimbra no fim do mez de Julho; e porque se recebeu de gente que o conde em Ourem tinha junta, quiz n'aquella travessa segurar sua pessoa com outra gente sua que mandou perceber, com que até Thomar foi mui honradamente acompanhado, e d'alli a despediu e levou sómente consigo os de sua casa, e dois seus filhos, D. Pedro o maior, e D. James que depois foi Cardeal.

E como o Infante leixou a côrte, logo o conde de Ourem, e o Arcebispo de Lisboa, e o conde D. Sancho com outros de sua opinião se foram a ella, onde todo seu cuidado foi inventar com El-Rei novidades e determinações que fossem em nojo e abatimento do Infante. E entre outras ordenaram que El-Rei para segurança não sómente de sua vida, mas da justiça e fazenda tirasse, como logo tirou todolos officios que os criados de seu tio na côrte tinham de qualquer calidade que fossem, poendo suspeições e testemunhos falsos, a uns que erravam na justiça, e a outros que roubavam a fazenda, e a outros que dariam peçonha a El-Rei, segundo a cada um em seus officios podia tocar, e para parecer que o queriam provar, não falleciam logo pessoas induzidas, que com medo de pena, ou com esperança de galardão que lhe promettiam, á sua vontade o testemunhavam. Ajuntavam-se a isto os criados da Rainha D. Lianor, que para mais agravarem suas querellas diziam contra o Infante por conselho de seus imigos muitas cousas á verdade mui contrairas. E o fundamento d'estes era semear contra o Infante e contra os seus estas desleaes suspeitas; porque o amor e affeição que por seus beneficios e merecimentos El-Rei e o povo de Portugal lhe tinham, e era razão que tivessem, o convertessem em odio e desamor, com que celeradamente e sem se poder remedear lhe causassem a morte como fizeram; porque sabiam que sua vida se muito durasse, não sómente impediria o effeito das cobiçosas esperanças em que para seus maiores acrecentamentos andavam, mas ainda suas vidas ao diante não seriam isentas de perigo, por saberem que além da grandeza do Infante e grande saber, a que seria mui defícil resistir, tinha muitos no reino que por criação e por graças recebidas lhe tinham grande amor, e des-hi que tinha filhos que seriam grandes senhores, e sobre tudo a Rainha sua filha, de cujo amor e fruto de geração, se El-Rei fosse ao diante vencido, como de sua idade e por suas virtudes e perfeições se esperava, teriam para si mui duros contrarios. E por tanto trabalhavam de poer El-Rei por qualquer maneira que podessem, no derradeiro gráo de odio e imizade contra o Infante.

## CAPITULO XC

\_Como o Infante D. Anrique entendeu nas cousas do Infante D. Pedro para seu favor, e assi o conde d'Abranches\_

Partiu-se El-Rei de Santarem para Lisboa, onde o Infante D. Anrique que era no Algarve lhe veiu fallar, e porque sentiu que a vida e honra do Infante seu irmão com maneiras falsas de seus imigos era maltratada, e se despunha a destruição e perigo, atalhou a isso algum tanto, mas não com aquella fortaleza e escarmento, que elle a seu irmão devia e o mundo esperava, o que lhe fôra bem possivel se quizera; porque achou contra o Infante artigos formados em que se afirmava que com cobiça de reinar matara El-Rei D. Duarte seu irmão, e em Castella dera ordem á morte da Rainha D. Lianor, e assi á do Infante D. João. Com outras muitas abominações de que se tiravam inquirições, em que por seu sobornamento lhe não falleciam testemunhas falsas com que parecia que o provavam. Mas o Arcebispo e o conde d'Ourem com outros de sua parcealidade, receiosos se o Infante D. Anrique segundo era no reino poderoso e de grande auctoridade pendesse á banda do Infante D. Pedro, que suas maginações ficariam com damno d'elles muito áquem de seu proposito, trabalharam de fazer a El-Rei suspeitosas suas muitas virtudes e segura lealdade, afirmando-lhe que nas desculpas do Infante D. Pedro o não devia crêr. Porque na culpa do engano e desterro da Rainha sua madre, e em outros desmandos que por morte d'El-Rei D. Duarte no reino se fizeram foram ambos causadores e participantes, mas como isto era falso, não damnava na limpeza do Infante D. Anrique.

## CAPITULO XCI

\_Vinda do conde d'Abranches ás côrtes\_

A este tempo chegou tambem a Lisboa, que vinha de Ceuta, o conde d'Abranches, que sobre todos era grande servidor e muito amigo do Infante D. Pedro, e publico amigo do conde d'Ourem, e em sua chegada não foi então d'El-Rei e de sua côrte assi agasalhado e honrado, como seus serviços presentes e merecimentos passados requeriam. Porém o conde assi como era de nobre sangue, assi não fallecia n'elle uma graciosa soltura de dizer, com mui esforçado coração e singular aguardecimento, com que ante El-Rei e os de sua côrte, no publico e no secreto defendia muito a honra e estado do Infante D. Pedro, com claros exemplos e vivas razões de sua mui louvada lealdade, afeando muito com grande audacia os movimentos e maldades que seus imigos tão sem causa contra elle moviam.

E como quer que El-Rei fosse induzido, que não ouvisse o conde e o mandasse ir fóra de sua côrte, poendo-lhe que em todas as culpas do Infante elle era muito culpado, porém porque El-Rei era de alto coração, aceso no ardor de autos cavalleirosos, suspirando para grandes empresas, folgava muito de o ouvir, e começava dar-lhe de si muita parte e acolhimento, especialmente porque o Infante D. Anrique ante El-Rei muitas vezes por cousas muito assinadas em que o vira, dizia por elle, que não sómente Portugal, mas Espanha toda se devia de haver por honrada criar tal cavalleiro. E porque os imigos do Infante viram que a vontade d'El-Rei ácerca do conde não terçava por elles como desejavam, lançaram-lhe amigos d'elle lançadiços, e pessoas de credito que com resguardo de grande segredo o aconselhassem que se fosse fóra da côrte,

e não entrasse em um conselho publico que se então fazia, avisando-o manhosamente que n'elle por cousas do Infante D. Pedro o haviam de prender. Mas o conde com a cara cheia d'esforçada segurança lhe disse:

«Amigos, certamente pelos muitos e grandes serviços que tenho feitos a esta casa de Portugal, eu lhe mereço mais villas e castellos com que me acrecente, que prisões nem cadeias em que sem causa me ponha, e por tanto com todo o que me dizeis, sabeí que não hei-de fugir do conselho e serviço d'El-Rei nosso Senhor, pois leal e verdadeiramente sempre o segui. E porém se tal cousa, e por tal causa se move contra mim, sabeí certo que em defender minha honra, e limpeza d'aquelle Senhor, eu me mostrarei hoje dino de ser confrade da Santa Garrotea que recebi, e espero em Deus que sem ociosidade de minhas mãos, os que me quizerem visitar antes seja na sepultura, que nos carceres nem cadeias, e por isso não hajaes dó nem compaixão de minha vida porque minha morte honrada a fará com louvor viver mui viva, e muito mais honrada nas memorias dos homens para sempre.»

Pelo qual o conde depois de com esta determinação despedir estes manhosos e dobrados conselheiros; porque a hora do conselho se chegava a que determinou ir, se vestiu de panos finos mui bem, e muito melhor d'armas secretas, com que entrou no paço, onde seus imigos vendo a segurança de sua pessoa, foram claramente certificados do esforço e bondade de seu coração.

E estando El-Rei na casa do conselho, onde eram muitos senhores presentes e os principaes imigos do Infante, o conde com cara que mais parecia que ameaçava que temia, lhe tocou em sua prisão que lhe fôra revelada, e assi lhe fallou com muito repouso e grande auctoridade nas cousas do Infante e suas, approvando sua bondade e lealdade por termos, e com razões a todos tão manifestas, que se não podiam contrariar; concluindo, que quaesquer pessoas de qualquer estado e condição que fossem, que do contrario tinham informado a El-Rei, eram com reverença e acatamento de sua real pessoa, a Deus e a elle e ao mundo máos e tredores, e que com licença e consentimento de sua Senhoria os combateria por armas, e em campo a tres d'elles os melhores juntamente.

A resposta d'El-Rei para o conde foi então graciosa e branda, e com mostrança que lhe pesara de o ouvir, que para o máo fundamento dos que tratavam a morte do Infante foram mui tristes sinaes, e por arredarem El-Rei do Infante D. Anrique e do conde, que começavam ser causa que de todo impedia seu damnado proposito, o levaram a Cintra aforrado.

## CAPITULO XCII

\_De como o Infante D. Anrique se foi vêr a Coimbra com o Infante D. Pedro, e com elle o conde d'Abranches, e das novidades que se seguiram\_

E o Infante e o conde d'Abranches vendo tempo para isso, foram vêr a Coimbra o Infante D. Pedro, que com tal vesitação pela estima e reputação em que o Infante D. Anrique era havido, elle e os seus mostraram receber muita alegria e grande favor.

Alli se juntaram os Infantes com alguns principaes seus adeptos que hi eram, e fallaram algumas vezes nas sem razões e agravos que o Infante D. Pedro tinha nas cousas passadas recebidos, e assi no remedio que se

teria nos que se aparelhavam e estavam por vir, para acrecentamento dos quaes foram alli certificados que El-Rei como foi em Cintra logo por engenho do conde d'Ourem e dos outros ordenara em desfavor e quebra do Infante estas cousas. Uma foi que escreveu a todos fidalgos e a cavalleiros do reino em que sentio que havia boa vontade para o Infante, que sob pena de caso maior por qualquer maneira o não fossem vêr. A outra que mandou poer e publicar editos por todo o reino, que todos criados que foram da Rainha D. Lianor, que de suas fazendas e cousas por seu caso fossem privados, viessem requerer suas restituções, para que foi dado por juiz Lopo d'Almeida, que como quer que em todas outras cousas fosse havido por homem justo e de são entender, n'esta a juizo de bons (por ventura, porque o tempo assi o queria) não guardou a ordem direita que devera; porque todo o que os damnificados por simples petição pediam lhe era sem exame nem resguardado de justiça julgado, e logo executado, em que ajuntavam muitas cousas fóra d'esta querella e d'esta calidade, de que a muitos se seguiu sem causa muito damno. A outra foi que El-Rei notificou ao Infante D. Pedro que o havia por degradado de sua côrte, e lhe mandava e defendia que sob pena de caso maior sem seu especial mandado não fosse a ella nem sahisse de suas terras.

E isto ordenaram assi os contrairos do Infante, porque se receiaram que elle com a vista e confiança do Infante D. Anrique tomaria por ventura atrevimento de se vir com elle á côrte, onde era certo que em pessoa alimparia ante El-Rei sua honra, o que a elles para seu desejo fóra mortal inconveniente.

Os Infantes descontentes e maravilhados da sem razão d'estas cousas acordaram de enviar sobr'ellas a El-Rei, como enviaram Gonçalo Gomez de Valladares, commendador da Ordem de Christo. O qual como quer que pelas cartas e instrução dos Infantes que levava em todo cumprisse seu officio; porém porque o juizo d'El-Rei por sua não madura idade, e pelas falsas opiniões em que o criavam andava de todo emnevoado, tornou-se aos Infantes sem alguma determinada resposta nem conclusão. Dilatando-a para outra pessoa que El-Rei disse que lhes enviaria, o que se não fez.

Partiu-se o Infante D. Anrique para a villa de Soure, e o Infante D. Pedro para Monte Mór-o-Velho, que são lugares d'onde cada dia se podiam vêr e avisar, e o mais certo e mais são remedio que n'estas alterações o Infante D. Anrique achou para seu irmão, em se d'elle despedindo lh'o leixou e encommendou, que foi sofrimento e paciencia que havia por armas mais seguras para n'este caso elle sempre vencer.

### CAPITULO XCIII

\_De uma fórmula de concordia que El-Rei fez em escripto entre o Infante D. Pedro e o duque de Bragança e d'outras cousas que contra o dito Infante se seguiram\_

E para mais acrecentarem cuidado e paixão ao Infante, vieram a elle logo D. Fernando, que por alcunha do povo se chamava Cagonho, e com elle Ruy Galvão, secretario d'El-Rei, pessoas que descubertamente em todo desserviam e desamavam ao Infante, estes trouxeram em escripto com signal e sêllo d'El-Rei uma fórmula de concordia e amizade com corados fundamentos de bem, que sem saber nem consentimento do Infante, El-Rei fez entre elle e o duque de Bragança, requerendo estes messegeiros ao Infante que á mão direita do signal d'El-Rei pozesse n'elle seu signal,

e tambem seu sêllo. Porque outro tanto era ordenado que o duque havia de fazer da outra banda; porque o d'El-Rei ficasse por marco de paz e segurança d'entre ambos. Mas o Infante pela fórma das palavras, que com pouca honra sua e muito abatimento vinham na concordia, e pela condição dos messegeiros que a traziam, claramente viu que eram tentações que seus imigos ordenavam para mais em breve indinarem El-Rei para sua destruição, e porém sem esperança que a concordia fosse verdadeira, assignou n'ella e a mandou assellar assi como lhe fôra requerido e ordenado. Porque o parecer e crença do conde d'Ourem, que isto inventou, foi que o Infante D. Pedro por sua forte e altiva condição não obedeceria em assignar tal concerto, e que sua desobediencia daria corada causa para El-Rei com mais razão ir sobr'elle e o destruir e castigar como a desleal; porque ao tempo que esta concordia se formava na côrte, se fizeram juntamente cartas de geraes percebimentos de guerra, para todalas cidades e villas e pessoas principaes do reino, salvo para o Infante e para seu filho o Condestabre, com o fundamento que se a isso não satisfizesse de irem logo sobr'elle; mas esta amizade assi como sem vontade de todos nunca entr'elles se guardou.

E porque isto por esta via não succedeu á vontade dos imigos do Infante, tentaram o negocio por outra, em que fizeram que El-Rei enviasse, como enviou ao Infante, Diogo da Silveira, que depois foi escrivão da puridade, o qual sem merecimento algum o repreendeu em nome d'El-Rei de cousas em que o Infante nunca tivera culpa, em especial lhe estranhou muito o açalmamento d'armas e mantimentos que se dizia que contra serviço d'El-Rei em seus castellos fazia, mas o Infante confiando em sua innocencia, depois de verdadeiramente se escusar das outras falsidades que lhe assacavam, mandou alli logo em continente mostrar-lhe todo o castello de Monte Mór, e assi o de Coimbra, que eram os principaes que tinha, em cujo despercebimento claramente viu a informação que se a El-Rei fizera ser em todo falsa e maliciosa.

E porém como Diogo da Silveira tornou á côrte, logo El-Rei ou por não ser por elle verdadeiramente informado, ou por outro algum respeito, tirou ao conde d'Abranches o castello de Lisboa, e a Aires Gomez da Silva o Officio de Regedor da justiça na casa do Civel, e a Luiz d'Azevedo o Officio de Vedor da Fazenda, sómente por serem amigos e servidores do Infante, tendo-lh'os já confirmados por suas cartas. E a D. Pedro seu filho pediu o conde d'Ourem o Officio de Condestabre, dizendo que era d'elle roubado, e lhe pertencia de direito. Mas por não lhe fazerem uma concessão tão fea, sendo seu imigo, El-Rei o deu ao Infante D. Fernando seu irmão.

## CAPITULO XCIV

\_De como El-Rei enviou requerer ao Infante D. Pedro as suas armas, que tinha em Coimbra\_

Após estas que para o Infante eram mortaes perseguições, lhe ordenaram seus imigos outra maior, que foi enviar-lhe El-Rei com muita estreiteza requerer entrega das armas do seu almazem, que o Infante tinha em Coimbra, onde ficaram ao tempo que o Condestabre seu filho volveu de Castella, quando foi em ajuda d'El-Rei D. João contra os Infantes d'Aragão, que tinha em Olmedo cercados, como atrás já fica dito.

E do fundamento d'este requerimento se seguia uma das duas conclusões sem outro meio, ambas ao Infante e a sua honra mui perjudiciaes, cá se

obedecendo entregasse as armas, ficava de todo com suas mãos e forças atadas sem alguma sua defesa, e se denegasse a entrega, cairia em caso de rebelião e desobediência, contra quem a indignação d'El-Rei em tal caso pareceria justa e de mais razão. Mas o Infante a que estes movimentos de seus inimigos não ficavam por entender, como quer que com receio d'elles se enviasse algumas vezes, e com muita razão e honestidade escusar, El-Rei não lhe conheceu de suas escusas, antes insistio em seu proposito e cada vez com mais graveza. A que o Infante finalmente respondeu:

«Que as armas em tal tempo não lh'as devia nem podia dar, pois em seu reino e com seus vassallos não tinha d'ellas necessidade, e muito menos com os estranhos, com quem elle tanta paz lhe procurara, pedindo-lhe por mercê pois as armas de sua innocencia, que eram as mais fortes, com a contrariadade de seus inimigos ante elle o não defendiam, que estas materiaes e de ferro lhe leixasse por algum tempo para detensão de sua vida e honra, e que não somente d'estas mas d'outras mais, visto seu caso com seus merecimentos lhe devia fazer mercên; porque em seu poder e para seu serviço as teria sempre mais limpas e mais certas que no seu almazem, e que se sua nobreza e real condição começasse de embicar n'elle em tão pequena contia, sendo a outros em outras muito maiores mui liberal, que de duas cousas uma houvesse por bem, ou lhe desse tempo conveniente em que lhe fizesse trazer de fóra outras tantas e melhores, ou mandasse receber o preço d'ellas em dinheiro para o almoxarife de seu almazem mandar comprar e trazer outras á sua vontade.»

Mas El-Rei d'algum d'estes não mostrou ser contente nem satisfeito.

## CAPITULO XCV

\_Como o conde d'Arrayolos veio de Ceuta para concordar o Infante com El-Rei, e as causas porque se presumio que estas cousas se damnavam mais\_

O conde d'Arrayolos a este tempo depois da morte do conde D. Fernando era capitão e governador da cidade de Ceuta, onde por ser muito amigo do Infante D. Pedro, sendo certificado do engano e malicia que n'estes feitos andavam, desejando o serviço d'El-Rei e doendo-se do Infante, para cuja perdição totalas cousas se inclinavam, se veio d'Africa á côrte como homem virtuoso e de justa tenção, e como quer que seu pai e seu irmão tivesse por contrarios, começou de entender com muita diligencia na concordia entre El-Rei e o Infante. Mas o duque seu padre, e o conde d'Ourem seu irmão anojados muito de seu proposito, não o podendo d'elle desviar faziam com El-Rei que em muitas cousas o desfavorecesse. Especialmente não o ouvindo as vezes que o conde requeria e desejava.

E vendo elles com tudo que sua bondade não cansava, e que sem embargo das fortes contrariadades que recebia tomava por fundamento trazer á côrte o Infante para que per si mostrasse a limpeza de suas culpas, fizeram novas fingidas, e com côres e signaes que pareciam de certeza, que os mouros vinham poderosamente cercar, ou tinham cercado Ceuta, com que o fizeram volver sem alguma conclusão em Africa, d'onde não retornou, salvo depois da morte do Infante. Porque então leixou livremente a capitania a El-Rei, que a deu ao conde D. Sancho.

E não foi o conde d'Arrayolos só a que esta enganosa quebra d'El-Rei com

o Infante parecesse assi mal como era razão. Porque muitos outros bons ás vezes publica, e as mais secretamente, quizeram com EI-Rei em sua concordia entender, mas os imigos do Infante punham ao coração d'EI-Rei com informações erradas taes defensivos, que a lembrança de seus merecimentos para seu galardão e limpeza nunca na memoria d'EI-Rei podesse entrar. Pelo qual o Infante apressado em sua alma d'estes continos padecimentos, suspirando pelo conhecimento da verdade, que havia por mais principal remedio de sua salvação, escreveu a EI-Rei por seus confessores, e por outras pessoas religiosas muitas vezes, pedindo-lhe em todas por mercê, com palavras de muita piedade e com grande acatamento e obediencia «que por testemunhos e induzimentos de seus imigos o não quizesse julgar nem tão maltratar, e houvesse por bem arreda-los de seus ouvidos, e assim manda-los sair de sua côrte, como a elle por menos causas fizera; porque sendo fóra, elle não haveria seus mandados e determinações contra si por tão graves nem tão suspeitas como então lhe pareciam, e as cumpriria sem agravo nem escandalo, e lhe obedeceria com muito amor e lealdade, e que lhe lembrasse a grande perfeição e amor em que o criara, e a muita verdade e acatamento com que o sempre servira, e ao pouco que durando seu regimento em sua fazenda e estado tinha acrescentado.» E principalmente por confirmação de sua boa vontade lhe pedia «que não se esquecesse que o casara com sua filha que tanto amava, e não fôra com fundamento e desejo de apagar, mas perpetuar sua vida e real geração.»

E com estas cousas que traziam fundamento de razão e verdade, e por a condição natural d'EI-Rei ser inclinada a todo razoado bem, muitas vezes se despunha a lhe pesar dos procedimentos e agravos que contra seu tio fazia, e certo parecia que as cousas de seu damno e abatimento em que consentia eram confrangidamente e sem sua vontade. Porque algumas pessoas dinas de fé e autoridade afirmaram, que uma das causas principaes porque estes feitos entre EI-Rei e o Infante mais se damnaram, foi por entrevirem n'elles cartas falsas; porque umas davam a EI-Rei em nome do Infante, que o Infante nunca mandara, e outras recebia o Infante com signaes d'EI-Rei, em que EI-Rei nunca assignara, fazendo os contrarios do Infante poer n'ellas as sustancias com que os corações de uma parte e da outra mais se damnassem.

E por certo presumir-se assi não era sem caso; porque cotejadas as cartas que n'este tempo se acharam escriptas da mão d'EI-Rei para o Infante com outras muitas feitas por escrivães que lhe mandavam, bem parecia que as da mão d'EI-Rei eram proprias, e de filho para pae, e as dos escrivães muito alheias; porque mostravam ser de Rei imigo para vassallo desleal, e em tanta contradição de cartas de uma só pessoa para outra, e em um tempo e sobre uma mesma sustancia, claro se podia conhecer que aquellas em que parecesse a boa vontade eram proprias e verdadeiras d'EI-Rei, e as outras eram accidentaes e postiças, ou o mais certo constrangidas.

## CAPITULO XCVI

\_De como EI-Rei mandou vir o duque de Bragança á sua côrte, e como o Infante D. Pedro determinou que em auto de guerra como vinha não leixaria-o passar for sua terra\_

EI-Rei se partiu de Cintra no começo d'Outubro de mil e quatrocentos e quarenta e sete para Lisboa, d'onde por suas cartas mandou vir á sua côrte o duque de Bragança, de que o conde d'Ourem seu filho mostrou a

El-Rei para seu conselho e serviço grande necessidade, e o aviso secreto que o duque de seu filho houve, foi que viesse mais em auto de guerra que de paz; porque já tinham commovido El-Rei para ir logo sobre o Infante D. Pedro. O qual pelas espias que com todos trazia foi logo certificado dos percebimentos de gentes e armas que o duque para isso fazia, e como fazia fundamento de vir e passar em tal auto, e sem prazer do Infante por suas terras, e sobre o que o Infante n'isso faria, de resistir com força sua passagem, ou a dessimular com paciencia, teve com os seus conselhos, em que houve votos desacordados, e finalmente o Infante seguindo a opinião do conde d'Abranches e d'alguns outros que com a sua conformaram, determinou com armas lhe resistir, mostrando que recebia de Deus muita mercê despoer-lhe assim de uma pessoa a elle tão damnsosa, vingança tão bem aparelhada e tanto desejada, pelo qual de Coimbra se foi á sua villa de Penella, d'onde as novas de seu fundamento correram logo á côrte d'El-Rei que era em Santarem, e com todo o desfavor do Infante alguns fidalgos seus amigos e servidores que eram na côrte, sentindo que em tal tempo teria d'elles necessidade, se vieram logo para elle, assim como Aires Gomez da Silva com Fernão Tellez, e João da Silva seus filhos, e Luiz d'Azevedo, e Martim de Tavora, e Gonçalo d'Atayde, e outros muitos de menos condição, e n'este caso Alvaro Gonçalves da Tayde conde da Atouguia e seus filhos, sendo criados e feitura do Infante, pelo não irem servir n'esta jornada, foram como ingratos á sua criação e bemfeitoria geralmente bem reprimidos, especialmente que para sua encuberta usaram de praticas, e fazendo-se manhosamente e por suas astucias prender e impedir, para não irem acompanhar e servir o Infante, fazendo-o já desleal e contraio ao serviço e obediencia d'El-Rei.

O Infante D. Pedro, porque a este tempo ainda tinha no Infante D. Anrique sobre todos grande esforço e muita confiança, mandou logo a elle que era em Thomar, João Pirez Diogo, seu cavalleiro, e por elle lhe enviou notificar e trazer por extenso á memoria os muitos agravos e desfavores que d'El-Rei por seus imigos tinha recebidos, e como lhe parecia que estas cousas, segundo as via guiadas do odio e viradas contra toda razão e justiça, que apertavam muito para sua destruição, avisando-o mesmo por mais claro argumento d'isso, da maneira em que o duque vinha, e como a seu despeito queria passar por sua terra e com que fundamento, pedindo-lhe que em tanta e tão injusta pressa e angustia como esta em que estava, elle por sua bondade e com seu valor e auctoridade, pois era em sua mão, lhe quizesse valer, afirmando se, porém, «que seu proposito e determinação era impedir por força e sem escusa a passagem do duque, pois vindo em sombra de poderoso e tendo outro caminho por que sem escandalo poderia ir á côrte, determinava vir pela Louzã, que era sua villa, sem lh'o primeiro fazer saber».

E o Infante D. Anrique por então lhe respondeu, «que do que então em seu caso, e em tal tempo melhor lhe parecesse, lh'o enviaria logo dizer». Como enviou uma vez por Fernão Lopes d'Azevedo, Comendador Mór de Christus, e outra por Martim Lourenço, tambem Cavalleiro da Ordem, cuja conclusão foi: «que o Infante D. Pedro não fizesse de si alguma mudança, até elle Infante D. Anrique não ser com elle em pessoa, para que dizia que se aparelhava».

## CAPITULO XCVII

\_Do recado que o Infante D. Pedro enviou ao duque, sendo já em caminho\_

O Infante D. Pedro como era prudente, e por não poer em seu proposito trabalhos escusados, e não fazer despezas baldadas e não necessarias, antes de o duque passar o Mondego, para saber a tenção com que vinha, enviou a elle primeiro Vasco de Sousa, fidalgo de sua casa, e por virtude de uma carta de crença que levava, em presença dos que com elle vinham publicamente lhe disse:

«Senhor, o Infante, meu Senhor, soube de vossa vinda, e d'este auto de guerra em que com tantas gentes vindes, e é certificado, que quereis assi, sem seu prazer, passar por sua terra, de que é muito maravilhado, assi por esta novidade de gentes armadas, que sem necessidade d'El-Rei, seu Senhor, nem do reino levaes, como por lh'o não fazerdes primeiro saber, que pois assi o determinaveis, que quer saber de vós em que maneira vos ha de receber, e que se houver de ser como irmão e amigo, como elle deseja, que queria que vos vades chã e pacificamente, como sempre fostes, e que d'elle e em suas terras recebereis aquella honra, prazer e gasalhado, que sempre recebestes, e que se com este desacostumado estrondo d'armas quizerdes assi passar, que por quanto pela quebra e rompimento em que com elle estaes, a elle seria fraqueza e abatimento consenti-lo, saibaes que vos hade receber no campo como imigo, mas que n'este caso por escusardes os males e damnos que se d'esta viagem podem seguir, deveis tomar outro caminho porque vades, pois sem seu abatimento nem muito trabalho vosso o podeis bem fazer.»

E com isto Vasco de Sousa se despediu, e tornou ao Infante.

## CAPITULO XCVIII

### \_Da resposta do duque ao Infante D. Pedro\_

Após o qual o duque enviou logo a resposta ao Infante, que ainda era em Penella, por Martim Affonso de Sousa, fidalgo de sua casa, que em presença de todos lhe disse:

«Senhor, o duque meu Senhor vos notifica por mim em resposta do que lhe ora enviastes dizer, que depois que nascestes, sempre vos teve por irmão e amigo, a que desejou fazer prazer e serviço, e que agora por este vos tem, e não com menos desejo e vontade, e que por cumprir o que El-Rei lhe mandou, vae a sua côrte por esta estrada publica, e que a gente que traz não é d'ajuntamentos nem d'alvoroço como vos fizeram crêr, mas é a que o soe de acompanhar, e que de vir em acerto seguido para a côrte caminho direito, haver de tocar vossa terra, que não sabe como seja caso d'agravo nem escandalo vosso; porque n'ella não ha de consentir que se faça damno, força, nem tomadia, sómente pedirem alguns mantimentos se forem necessarios, por seus dinheiros, como vós podereis fazer em suas terras quando por ellas de vontade, ou por necessidade quizesseis passar, e que por tanto elle determina todavia seguir assi seu caminho sem outro desvio, que vos pede que o hajaes assi por bem.»

E o Infante sorrindo-se fingidamente e com cara cheia de verdadeira sanha, lhe respondeu:

«Martim Affonso, dissei ao duque, que não sou tão nescio nem elle tão avisado, que com suas dissimulações haja de enganar minha pessoa, nem abater minha honra; muitos dias ha que nos conhecemos, e muitas vezes passou já por minha casa e por minhas terras; e me lembra bem a gente

que trazia e a que tem, e agora sei que traz mil e seiscentos de cavallo armados, com outra muita gente de pé que para esta vinda ajuntou sua e alheia, o que não responde aos tempos passados nem menos á paz e amizade que comigo quer ter. E não lhe declarando mais o fim porque assim vem, pois elle o sabe, nem o abatimento que n'isso recebo pois o deve entender. Finalmente lhe dizei, que se elle não toma algum outro modo de vir, porque a todos pareça e seja notorio que elle por minhas terras vem pacificamente e como irmão e amigo, saiba que vivo lh'o não hei de consentir.»

E com isto Martim Affonso sem outro mais repouso se despedio.

## CAPITULO XCIX

\_Do que o conde d'Ourem ordenou em favor do duque seu pae para não deixar de proseguir seu caminho, e dos recados que El-Rei ao Infante D. Pedro enviou\_

E o Infante D. Pedro vendo já por estas premissas passadas que o recontro e peleja com o duque em conclusão se não podia escusar, fez para isso aquelles percebimentos de gentes, armas, artilharias, mantimentos e cousas que sentio serem necessarias, e com aquella trigança e diligencia que o caso requeria. Das quaes cousas todas como passavam o conde d'Ourem foi logo na côrte avisado, e por favorecer a parte do duque seu padre não sendo bem seguro e confiado de muitos que n'aquella viagem o acompanhavam, temendo que na maior affronta o leixariam, fez crêr ao Infante D. Fernando, irmão de El-Rei, que por ser casado com a neta do duque, filha do Infante D. João, este caso era proprio seu. Pedindo-lhe que aos que com o duque vinham quizesse escrever e encommendar sua honra para que em tempo d'alguma affronta e necessidade se sobreviesse, como fracos o não leixassem.

E de ter o conde este receio e desconfiança não era sem causa; porque os mais dos fidalgos da companhia do duque com que refizera tanta somma de gente, não eram de sua casa mas vinham acostados a elle por aquella jornada sómente, e não com fundamento de tomarem por elle armas contra o Infante D. Pedro, mas pelo terem na côrte em sua ajuda e favor para seus negocios e requerimentos que esperavam fazer. E o claro conhecimento que o duque na vespera da affronta d'isto tomou, lhe fez não esperar o dia que para ella se aparelhava, como ao diante se dirá.

E porém o Infante D. Fernando como era de mui pequena idade em que o sangue fervia, não sómente satisfez ao conde com cartas que ordenou á sua vontade, mas ainda se offereceu ir em pessoa em ajuda do duque, e assi lh'o escreveu logo e aos seus, por Alvaro de Faria, que depois foi Commendador do Casal, cuja ida por então não houve effeito; porque as guardas que o Infante nos caminhos trazia o tomaram, e foi a elle trazido, e tomou-lhe as cartas e as leu, e o fez tornar para Santarem, e posto que do Infante nem dos seus não fosse em nenhuma outra cousa maltratado, elle depois de ser na côrte o não apresentou assi, antes no desbarato e destroço da sua pessoa e de seu cavallo, que de industria fingio, se mostrou ser de todo por mandado do Infante despojado, affirmando que dissera sobre tudo algumas palavras mui contrairás ás verdadeiras, e não do reprender com o despedio de si, com que poz os feitos contra o Infante em maior alvoroço e perseguição; porque El-Rei mandou logo riscar de seus livros o assentamento e todas as tenças que o Infante d'elle tinha, e deffendeu aos almoxarifes que d'hi em diante

mais lh'os não pagassem. E assi escreveu ao Infante por João Rodrigues Carvalho, escudeiro de sua casa, defendendo-lhe com grande estranhamento «que não tivesse ao duque o caminho, e o leixasse passar livremente, pois o ia servir.» Do qual recado foi o Infante mui triste, e mostrou grande sentimento, e sobre a sem razão de seus agravos e perseguições fallou algumas cousas ao messageiro que pareciam de aspereza, mas não tão feias nem assi malditas, que se não podessem dizer de um agravado servidor a um Senhor mal informado. Mas João Rodrigues como tornou á côrte, ou de sua não boa vontade, ou por ser dos contrairos do Infante assi induzido, afirmou que o Infante publicamente dizia «que não era vassallo d'El-Rei de Portugal, mas subdito e servidor d'El-Rei de Castella, e que assi como podera desterrar d'estes reinos a rainha D. Lianor, que outro tanto saberia fazer aos filhos». Com outras enormes palavras mui contrairas ás que o Infante com elle fallou, com o teor das quaes se fizeram logo autos, e tomaram publicos estromentos, que para mais indinarem o povo contra o Infante, logo foram pelo reino enviados.

Após João Rodrigues, veio ao Infante D. Pedro de mandado do Infante D. Anrique, o Bispo de Ceuta D. João, que com quanto tinha afeição ao conde de Ourem por ser da criação do Condestabre, era porém homem de grande prudencia e de sã e justa tenção. E como quer que apontasse ao Infante muitas causas e razões, porque catolicamente, e segundo a obediencia em que a El-Rei era obrigado não devia impedir a passagem do duque. Em fim não o pôde mover da sua determinação, aprovando-a o Infante com outras razões de honra e cavallaria, e porém taes que não desfaziam nada de sua lealdade a El-Rei, afirmando-se «que se o duque quizesse vir em fóрма de pacifico e amigo como sempre viera, que elle o receberia e lhe faria honra e acolhimento como a irmão e amigo, segundo sempre fizera, e que d'outra maneira lh'o não havia de consentir, como por Martim Affonso lhe mandara dizer.»

E estando as cousas n'este ponto, e esperando ainda o Infante D. Pedro em Penella pelo Infante D. Anrique, como lhe tinha enviado dizer, soube que elle sem lh'o fazer saber se partira para Santarem onde era El-Rei e sua côrte, de que o Infante D. Pedro recebeu muita torvação. E não sei como esta virtude de piedade falleceu n'este Principe para seu irmão, pois em seu coração todalas outras parecia que sobejavam, de que alguns disseram que El-Rei por enfraquentar a parte do Infante D. Pedro, o mandara chamar sabendo que o queria ajudar, e outros afirmaram que elle fingira tal chamamento por não ser com seu irmão, vendo já sua determinação de ir contra a defesa d'El-Rei, e por força d'armas resistir á vinda do duque.

E no começo do mez d'Abril d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, veiu ao Infante em Penela Fernão Gonçalves de Miranda com uma grande instrução d'El-Rei, cuja conclusão foi estranhar-lhe muito algumas cousas, em especial seus ajuntamentos e o movimento contra o duque, mandando-lhe em conclusão «que se tornasse a Coimbra, d'onde sem seu mandado não saisse, e leixasse o duque sem contradição passar assi como vinha. E que se o não fizesse, que fosse certo que logo procederia contra elle assi rigorosa e asperamente, como tamanha desobediencia merecia.»

A esta embaixada d'El-Rei respondeu logo o Infante, justificando com largas razões seu proposito, concluindo «que pois sua Mercê o mandava contra sua honra e estado tornar atrás, que outro tanto devia mandar ao duque que primeiro começara, e que posto que na priminencia das pessoas de um e do outro havia em tudo tanta diferença, como ao mundo era notorio, que este caso d'ambos julgasse e houvesse por igual, e ao menos o que defendia a um, não consentisse ao outro. E que pois sua Mercê por então não tinha de gente d'armas tão eminente necessidade, mandasse que

o duque passasse por sua terra em modo pacífico, e com a gente de sua casa ordenada, e que n'esta maneira o receberia como a irmão e amigo, e lhe faria e mandaria fazer muita honra e bom acolhimento, como sempre fizera, e que em outra maneira recebendo n'isso tamanha mingoa não o havia por seu serviço, pela grande parte e razão que com seu real sangue tinha» e com esta resposta o despediu.

## CAPITULO C

\_De como o Infante D. Pedro determinou impedir a passagem ao duque, e se percebeu e partiu para isso\_

E porque o Infante D. Pedro foi avisado que o duque não leixava de proseguir o caminho que começara, deu logo grande trigança á sua partida, e teve conselho onde e como o esperaria, e alguns lhe aconselhavam, que para sua justificação o leixasse primeiro entrar em sua terra, mas o Infante disse que a todo seu poder o duque por aquella vez não trilharia nenhuma pequena parte da herança que possuía, e que fóra d'ella o queria esperar. Pelo qual de Penela moveu logo com sua gente e carriagem, e se foi á Lousã, e d'hi logo a uma aldêa sua que se diz Villarinho, onde soube que o duque era em Cója, couto e lugar do Bispo de Coimbra, alli concertou e proveu o Infante sua gente, e ordenou com muita destreza suas batalhas, dando a avanguarda a D. James seu filho e com elle o conde d'Abranches, e tomou a reguarda em que havia de ficar.

Alli foi ao Infante dada secretamente uma carta com letra mudada e sem signal, em que o aconselhavam que logo movesse contra o duque porque o não havia d'esperar, mas o Infante publicamente disse «que aquillo era em favor do duque assi lançado, e para elle manifesto engano com que o queriam fazer algum tal desmando, de que esperando victoria ficasse vencido; porque bem cria que o duque que tantos annos se intitulara de filho de tal Rei, e que de tanta e tão honrada gente, para qualquer pesado feito vinha tão bem acompanhado, antes conhecidamente receberia morte, que tornar atrás nem consentir em tal fraqueza, á sua honra e estado tanto contraria.»

## CAPITULO CI

\_De uma falla que o Infante D. Pedro fez aos seus, estando todos a cavallo\_

Alli fez o Infante aos seus estando todos a cavallo uma comprida falla, em que pareceu pela muita prudencia e gravidade com que a disse, que já havia dias que a tinha cuidada.

Foi sua sustancia alegrar-se primeiramente no esforço, despejo, e segurança que em todos para sua honra claramente via e conhecia, e que não era sem causa; porque todolos que entre si via, poderia contar no amor por seus filhos e netos, pois todos eram seus criados e filhos de seus criados, e assi disse mui particularmente todolos agravos e perseguições, e desfavores, que d'El-Rei por induzimento do duque e do conde seu filho, e dos de sua valia tinha recebidos, com os quaes

justificou as causas de sua querella, para cuja emenda e vingança ali eram vindos, e que não cressem que n'isto entrava odio nem escandalo que tivesse d'El-Rei D. Affonso seu Senhor; porque elle como mui leal seu vassallo e servidor, o reconhecia algum não, porque Deus sabia que elle o amava e era razão que amasse sobre todas as cousas do mundo. E que na criação que em sua real pessoa fizera, e na governança, paz e conservação de seus reinos, que dez annos por elle regera e defendera, quem sem paixão o quizesse consirar, acharia d'isso prova mui autorizada, e que o agravo que tinha não era da natural inclinação d'El-Rei, mas da pouca idade sua, com que madura e perfeitamente não podia conhecer os enganos em que contra si seus inimigos o traziam, e que a principal causa da inimizade que seus inimigos contra elle tinham, não fôra por lhes dar pouco; porque do patrimonio real com honras e titulos muito lhes tinha dado; mas porque lhe não dera todo, especialmente por não dar ao duque a cidade do Porto e a villa de Guimarães, que muitas vezes com outras cousas da corôa mui cegamente lhe pedira, e que o acrescentamento que em si e em seus filhos fizera, fôra sómente de muito amor e grande lealdade, e com mui verdadeiro desejo de servir, em que ao mais leal do mundo não conheceria vantagem; porque da herança da corôa de Portugal, não falando na que El-Rei D. João seu padre lhe dera, ainda a primeira mercê e acrescentamento seu estava por receber, e porque seus contrarios sentiram, que sua bondade e seu livre conselho acerca d'El-Rei, seriam para suas cobiças e acrescentamentos cousas mui suspeitas e perjudiciaes, trabalharam de o apartar d'El-Rei e a El-Rei do amor que lhe devia ter, e credito que lhe devia dar, e que a vinda do duque por sua terra, e na maneira em que vinha, não era com verdadeira necessidade de serviço d'El-Rei, mas sómente pelo abater, ou por dar causa com que El Rei mais se indinasse para sua destruição; porque se o assi leixasse passar sem resistencia, seria publicar fraqueza de coração com seu vituperio e abatimento, o que a elle seria grave pena e ao duque muita gloria, se lhe resistisse indo á côrte, que lh'o reputariam a desobediencia e deslealdade contra El-Rei, para o mais asinha moverem para o que tanto desejavam. E porém que por ser quem era, e decender de quem decendia, finalmente o não havia de consentir, e que tanto esforço teria de morrer sobr'isso vencido com um só page, como então tinha esperança de viver e vencer, vendo-se acompanhado de tantos e tão bons amigos e criados, e que por isso era escusado esforça-los para a vingança de suas injurias com exemplos de feitos passados, pois os via para isso tão esforçados, antes se o caso viesse a rompimento como esperava, lhes encomendava a todos mais piedade que crueza, e com os olhos alevantados ao ceo cheios de muitas lagrimas pedio perdão a Deus com palavras de muita devoção, e se encomendou a elle, e á Virgem Maria sua Madre, e feito isto mandou que se armasem e percebessem todos.

## CAPITULO CII

\_De outra falla que o duque tambem fez aos seus em seu favor contra o Infante, e de como Alvaro Pires de Tavora lhe respondeu\_

O duque de Bragança não leixou de continuar sua viagem até duas legoas da Louzã, crendo que o Infante D. Pedro com todas suas ameaças não ousaria de lhe resistir, nem se moveria de Penella, assi por não quebrar o mandado e defesa d'El-Rei que para isso tinha, como pela pouca gente de que se percebera. E porém como pelas espias que trazia, soube que o Infante estava já em Serpiz, que era d'elle pouco mais de uma legoa, e vinha com determinação de peleja, foi posto em muito cuidado, e mandou alojar sua gente com aquelle resguardo e seguridade que para o tempo e

caso cumpria, e ajuntou logo os fidalgos e pessoas principaes de sua companhia para ter conselho sobre o que faria, ante os quaes disse:

«Nós somos aqui tão acerca do Infante como sabeis, e já devemos crêr que vem com determinação de por força nos resistir, vêde qual será melhor, ou o esperarmos aqui, ou irmos adiante busca-lo, ou por evitarmos as mortes e danos que d'este recontro se podem recrecer nos tornarmos atrás e seguirmos outro caminho, porque aqui por agora não é dar outros meios.»

Sobre o qual houve entre elles votos desvairados, e em fim Alvaro Pires de Tavora, disse:

«Senhor, a mim parece que para quem soes, e para a determinação com que partistes, e para a gente que levaes, seria cousa mui vergonhosa, e para vossa honra de grande vituperio, tornarde-vos atrás nem uma só passada; porque em caso que para Deos fosse razoada encoberta, dizerdes que por escusardes mortes e outros danos o fazeis, o mundo com que agora vivemos vo-lo não ha de levar n'essa conta, mas estimarvo-lo-ha como é razão, por grande fraqueza e assinada judaria; soes grande imigo do Infante e elle vosso, e as mais palavras e dissimulações são escusadas. Porque a amizade que El-Rei entre vós ambos assentou, bem sabemos que foi uma fórma falsa de palavras de que nunca soubestes parte, e assi nunca a guardastes; porque depois sempre em vossas cousas vos tratastes como imigos, e vós o sabeis, e que digaes que El-Rei vos manda chamar, não é o Infante tão privado do entender, consiradas as cousas passadas e o auto em que his, que não entenda que é sem fundamento de seu mal, e de o resistir e contrariar em sua terra, sabei que como Principe e como Cavalleiro tem razão e faz o que deve, e por tanto meu conselho é, que o que elle quer fazer vós o façaes primeiro, que será irmo-lo buscar, e nos desponhamos á ventura que nos vier».

E este conselho aprovou o duque por melhor, e determinou então de o seguir. Pelo qual porque soube que o Infante o havia d'esperar no extremo e confins de sua terra, a que já estava mui chegado, foi alli com esses principaes vêr o lugar de melhor disposição para a peleja, e assi partir e escolher o campo para elles mais seguro. E des-hi volveu a seu alojamento, e fez ajuntar todolos seus, e com quanto era de pouca fala, com a contenença grave e segura lhe fez um razoamento n'esta maneira.

### CAPITULO CIII

\_D'outra falla que o duque fez a todolos seus, em que determinou não leixar o seu caminho\_

Honrados criados e amigos, eu sou aqui vindo por mandado d'El-Rei meu Senhor, como vos disse, e por estas suas cartas o vereis; levo comvosco este publico caminho sem danificar nem agravar alguém como sabeis, e ora sou certificado que o Infante D. Pedro contra defesa e mandado do dito Senhor, vem por elle com proposito de por força m'o impedir, e porque eu por muitas causas que todos entenderéis, sou em determinação de todavia seguir ávante, eu vos rogo e encomendo, que para qualquer trabalho e afronta que sobrevier, por serviço d'El-Rei meu Senhor e minha honra esforceis os corações, e desenvolveas as mãos como de vós e de vossas bondades espero. E sabei certo prazendo a Deos, que a victoria é nossa sem algum vosso perigo; porque a gente do Infante é pouca para a nossa,

e vem constringida e cortada toda de temor; porque além de conhecerem o dano a que se despõem, sabem o erro e deslealdade que cometem, vindo contra a obediencia e mandado de seu Rei e Senhor. E por isso assi por sem duvida, que todos estes na sombra do medo, vendo-nos logo o leixarão. E por isso eu vos encomendo que no sangue d'estes não solteis vossas mãos e ferro a toda a crueza, pois em fim são christãos e vassallos de El-Rei meu Senhor, e á verdade innocentes, ainda que tenho grande receio á vinda do Infante D. Fernando, e do conde d'Ourem meu filho que vem detraz, e na hora do nosso ajuntamento serão conosco, que por ventura nas mortes e danos d'estes não quererão ter esse resguardo, mas Deos o perdoe, ou acoime ao Infante D. Pedro, pois é causa d'isso, e este trabalho que por mim tomaes, eu sempre vo-lo conhecerei, e El-Rei meu Senhor tambem vo-lo deve e por meus requerimentos e intercessão vo-lo satisfará com honras e mercês, como a bons e leaes vassallos que soes; e com isto se recolheu a seu alojamento.

## CAPITULO CIV

\_De como o conde d'Abranches fallou ao Infante, aconselhando-o que desse no duque\_

O Infante D. Pedro que era já no lugar de Serpiz, soube logo como o duque viera vê e repartir o campo, e assi da falla que aos seus fizera, e porque de um a outro não havia já mais de meia legoa, o conde d'Abranches assi armado como chegou, sem mandado do Infante se apartou com alguns, e foi vê o arraial do duque; porque da gente e assento d'elle se informasse para o que esperava, e em tornando lhe perguntou o Infante com mostrança de lhe pesar d'onde vinha, e o conde lhe respondeu:

«Senhor, venho de vê vossos imigos, de que prazendo a Deus e ao bemaventurado S. Jorge vos eu darei hoje se quizerdes mui boa vingança, e peço-vos por mercê que a não dilateis para mais, e hi logo dar n'elles; porque na desordem e tristeza em que estão, dão já certos signaes de serem cortados com medo e meio desbaratados, e não percaes tão bom dia; porque já em vossa vida nunca haveis outro tal, e não alongueis a vida a quem se lh'a hoje daes, sabeis que a encurtará mui cedo a vós, tendo por certo que o duque na maneira em que se repára e afortaleza não quer vir ávante, e ou se tornará para trás como veiu, ou escondido se salvará por outro caminho.»

E o Infante lhe respondeu: «Conde, não creaes que o duque por filho de quem é, e acompanhado e aconselhado de tão bons fidalgos como com elle vem, especialmente que é assaz entendido, tome nenhum d'esses sestros que abata sua honra; antes pois já determinou de vir, elle virá, e ambos como Deus ordenar experimentaremos nossas fortunas, e por hoje é bem que repousemos e provejamos no que nos cumpre, e a elles demos lugar que para taes vistas se percebam á sua vontade. Ao menos porque com a culpa de nosso salteamento e trigança, não se encubram e escusem da fraqueza e leve resistencia, que prazendo a Deus n'elles acharemos. E praza a Deus que ou se tornem, ou desviem por alguma maneira como dizeis; porque com guarda de minha honra eu os não veja, e elles possam salvar suas vidas, cá em fim patrimonio são d'El-Rei meu Senhor, em que me sempre pesará minguar e fazer estrago.»

## CAPITULO CV

De como o duque não quiz esperar o Infante, e se salvou atravessando secretamente a Serra d'Estrella, e do que o Infante sobr'isso disse e fez\_

O duque n'aquelle dia que era sexta-feira ante do domingo de Ramos; porque soube que corredores do Infante vieram vêr seu arraial, tambem mostrou que se provia e aparelhava, como quem determinava não desistir de seu proposito, e menos negar a peleja, e segundo o pulso que á sua gente tomou, não achou em todos aquella fortaleza e esforço, que para tal afronta se requeria; porque como atrás disse muitos d'elles não eram proprios seus, e vieram sómente com elle pelo acompanhar pacificamente até á côrte, sem esperança nem aviso de tal recontro, especialmente contra o Infante D. Pedro, a que muitos d'aquelles tinham afeição secreta, e desejavam servir.

Pelo qual, o duque vendo a fraqueza d'estes, com que não convinha meter sua vida e honra a um tão certo e tão chegado perigo, ou por ventura aconselhado do pouco esforço de seu coração, em que por então foi mui culpado, determinou em si mesmo de não seguir adiante nem cometer o Infante, nem menos o esperar. E ordenou poer-se secretamente em salvo como fez, e não se quiz tornar atrás como viera; porque foi falsamente certificado, que as pontes e barcas do Mondego porque passara, eram por mandado do Infante já todas quebradas e tomadas, o que não foi. Para o qual a mesma sexta-feira ante do domingo de Ramos d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, o duque apartou alguns seus a que revellou o modo de sua partida, e por se escusar rumor nem algum sentimento d'ella, lhes mandou que um e um dessimuladamente se saissem do arraial, e elle com duas sós guias que tomou, em se cerrando a noite se sahiu a cavallo, e se foi com elles ajuntar, que com mui grande perigo e trabalho dos corpos e cavalloos atrevessaram a Serra d'Estrella, que lhes jazia á mão esquerda; porque os montes eram grandes e frios, e a serra estava ainda com neves dobradas, de que o duque por ser já mui velho recebeu tão grande padecimento que foi em ponto de morte, e porém da grande frialdade que padeceu ainda lhe ficou d'alli o pescoço e a cabeça baixa em quanto viveu.

E os seus que leixou, como souberam de sua partida, que foi sendo já grande parte da noite passada, foram postos em grande desmaio, e cada um como melhor pôde se apressou de o seguir não sem grande desmando e nenhum acordo, e com perda de muitas cousas que leixavam, crendo que o Infante ou sua gente os seguiria. E assi passaram a serra do Baçó até descerem a outra banda de meio dia contra Covilhã, em que pela grande aspereza dos caminhos e as muitas neves e regelos que n'elle jaziam, os homens suportaram frios e trabalhos incomportaveis, e assi morreram e ateceram muitos cavalloos e azemolas, de que muitas ficavam. E se perdeu muita fardagem que os da montanha vieram recolher. E no cimo da serra onde dizem Albergaria, acharam mortas de frio algumas pessoas a que não houve remedio.

As escuitas que o Infante sobre a gente do duque sempre trazia, não houveram sentimento de sua partida, salvo depois que o geral rumor de todos todo lh'o certificou, que foi a tempo em que o duque já teria andadas quatro ou cinco leguas. E por se mais verdadeiramente afirmarem do caminho que levava, não trouxeram ao Infante certo recado se não em amanhecendo, da qual cousa sendo o Infante certificado, mostrou receber por isso tanta gloria e alegria, como pareceu que os seus houveram de pena e tristeza, por o duque se ir assi livremente e sem contenda, e

alguns requereram ao Infante licença para ainda lhes irem seguir o encalço, mas o Infante o não consentio, antes lh'o defendeo, dizendo «que os leixassem ir embora, e que de assi ser, dava por isso muitas graças a Deus.»

E porém a opinião dos mais foi que o Infante errara muito, tendo o duque tão acerca e em tão boa disposição para o cometer, não dar n'elle e o matar se podera; porque quanto alongou sua vida, como o conde d'Abranches lhe disse, tanto antecipou a morte de si mesmo como depois se seguio.

E feito isto, o Infante porque a gente que tinha já lhe não era necessaria por então, fez ajuntar todas as pessoas principaes que hi eram, e com aquellas palavras que mereciam, os que para tal serviço com tão boas vontades se offereceram e disposeram, lhes deu a todos grandes agradecimentos, e os despedio com sinais de muito amor e obrigação, leixando sómente os continos de sua casa, com que passado o dia de Ramos se tornou a Coimbra.

## CAPITULO CVI

\_Como o duque se foi a Santarem onde era El-Rei, e do que se fez contra, o Infante\_

E o duque como da banda de Covilhã acabou de recolher a gente que o seguio, fez logo seu caminho para Santarem. Onde por aviamento do conde seu filho, foi de toda a côrte assi grandemente, e com tanto triunfo recebido, como se o merecera por batalhas campaes, que contra inimigos vencera.

E isto foi por seus adherentes assi ordenado, porque com esta face de fingida honra encobrissem ao mundo o envés do verdadeiro abatimento que o duque em sua vinda tinha recebido. Porque para o proposito com que de suas terras o duque partira, e para a muita gente que comsigo trazia, sempre os seus na côrte afirmaram que o Infante D. Pedro por sua pouca força não ousaria de o cometer, nem lhe defender o caminho. Dando a entender que as mostranças de resistencia que o Infante fazia, eram tudo rebolarias do conde d'Abranches, porque n'estes feitos se governava. E porém assi imprimiram todo o que quizeram no novo e molle entendimento d'El-Rei, que a injuria d'este caso lhe faziam crêr que não era do duque, mas propria de sua pessoa real.

E porque no conselho em que ante El-Rei esto se praticava, o Infante D. Anrique terçou um pouco em favor do Infante seu irmão, afirmando que não consentiria dizer-se, que nenhum filho d'El-Rei D. João faria injuria a seu Rei e Senhor, fez no que contra o Infante D. Pedro então se requeria mui grande contrariedade, com que muitos do conselho se foram, e folgaram de o ajudar, crendo que o Infante D. Anrique clara e descubertamente a seu irmão queria já valer, e alegravam-se, desejando aproveitar ao Infante D. Pedro terem-no para isso por cabeceira, sem o qual consirada bem a disposição do tempo, e pelos contrarios serem de grande condição não ousavam. D'onde segundo a opinião dos prudentes e pessoas d'autoridade, que d'estes feitos tiveram conhecimento, se creu que o Infante D. Anrique n'estes dias falleceu ao Infante D. Pedro com aquelle verdadeiro amor, favor, e ajuda que como a irmão e amigo lhe devia; porque com muito seu louvor, e sem mingoamento de sua muita lealdade lhe podera valer, por maneira com que a El-Rei, e a sua corôa

fizera muito serviço, e ao Infante seu irmão desviara morte tão crua e tão abatida como recebeu, e sua tão honrada casa não cahira de todo como cahiu, segundo adiante se dirá, e porque o Infante D. Anrique sobre suas muitas virtudes era assaz prudente e discreto, bem é de crêr que esta piedosa bondade para seu irmão, muitas vezes lhe tocara e espartaria a memoria, e para o não fazer, o mais honesto e seguro seria leixar a determinação em duvida, salvo se a causa d'isso attribuissemos a algum occulto Juizo Divino.

E por tanto, porque a boa vontade do Infante D. Anrique não perseverou no favor do Infante seu irmão como logo então atentou, foi a querella do duque ouvida d'El-Rei, e posta e crida no mais alto encarecimento de fealdade, que contra seu serviço e estado se podia cometer. Pelo qual logo El-rei começou publicamente declarar a irosa vontade e grande indignação que contra o Infante D. Pedro tinha, a que por aviamento de seus imigos tambem ajuntava o desterro e morte da Rainha D. Lianor, sua madre. E porque no recontamento de suas afeições, desamparo e pobreza, que até morrer passara, o caso contra o Infante mais s'agravasse, faziam com as Infantes irmãs d'El-Rei, que eram meninas, e com os criados da Rainha, que de todas as partes faziam vir, que com lamentações e forçosos choros as apresentassem ante El-Rei muitas vezes, pedindo-lhe por isso do Infante D. Pedro justiça e vingança, como de culpas e crimes já claros e manifestos.

## CAPITULO CVII

De como El-Rei declarou o Infante por desleal, e mandou fazer geraes percebimentos de guerra para ir sobr'elle

Enviou logo El-Rei cartas de percebimentos de guerra por todo o reino, com declaração de querer por desobediencia e deslealdade do Infante D. Pedro ir contra elle, e assim mandou poer outras cartas publicas de perdão geral para todolos humiziados, que por quaesquer casos andassem fóra do reino, se n'esta ida contra o Infante o viessem servir, e assim se fizeram outras de editos porque mandava a totalas pessoas que eram com o Infante de qualquer estado e condicção que fossem, que a certas horas sob pena do caso maior se partissem logo d'elle, e d'estas algumas se pozeram nas praças publicas de Santarem, e outras haviam de ser por notarios publicadas em Coimbra onde o Infante era, e os primeiros que para isso foram ordenados cometeram o caminho, mas com receio não o seguiram e se tornaram, em cujo lugar foi logo ordenado por El-Rei e enveado a Coimbra Lourenço Abril, seu escrivão da camara, homem mancebo e de bom entender, e como quer que no caminho fosse das guardas do Infante impedido, houve porém de chegar a elle com sua licença e prazer, e tanta pressa se deu para a destruição do Infante, que o duque desapareceu de seu arraial em Coja, bespora de Ramos como atrás fica, e estes editos chegaram ao Infante em Coimbra bespora de Pascoa. O qual depois que foi e viu as cartas que Lourenço Abril sobr'isso levou, lhe disse:

«Lourenço Abril, dizei a El-Rei meu Senhor, que eu só tomo e retenho em mim esta sua provisão, e que não hei por seu serviço e minha honra publicar-se em tal tempo. Não por não querer que em seus reinos e fóra d'elles se cumpram e obedeçam inteiramente seus mandados; porque saiba que eu sou um dos braços mais fortes que tem para lhe ajudar a manter e cumprir sua vontade e justiça. Mas porque estes procedimentos são de sua ira contra mim, eu apello d'elle contra mim agora mal informado, para

elle mesmo de mim verdadeiramente e como deve depois bem informado».

E com esta resposta, e com outras palavras a estas conformes se tornou Lourenço Abril a El-Rei, que logo começou de fazer mercê a quem lh'a pedia dos bens e officios dos que eram com o Infante.

## CAPITULO CVIII

\_Do que o Condestabre filho do Infante D. Pedro fez, estando entre o Tejo e Odiana\_

Estes dias com totalas torvações e necessidades do tempo, o Condestabre filho do Infante D. Pedro nunca lhe acodiou, e não seria assi sem seu mandado, antes sempre esteve na comarca d'entre Tejo e Odiana, onde tinha o Mestrado d'Avis com suas fortalezas, e mais os castellos das villas d'Elvas e de Marvão, contra o qual fizeram tambem a El-Rei suspeita, e que se devia segurar d'elle. Especialmente que pela liança e amizade que o Infante seu padre com o Condestabre e Mestre d'Alcantara de Castella tinha feita, podia com entrada de gentes estranhas fazer a este reino muito dano, pelo qual acordou El-Rei de enviar sobr'elle, que estava então na Villa de Fronteira, D. Sancho, conde de Odemira como fronteiro mór.

E davam fama pelo reino para mais indinação do povo, que o Infante D. Pedro tinha ordenado com ajuda de Castella prender El-Rei e se senhorear do reino, e assi lançar n'elle grandes pedidos, e outras muitas opressões se o mais tempo regera.

E sendo o Condestabre d'esto certificado, vendo que Fronteira não tinha força nem disposição para n'ella manter cerco nem esperar afronta, aconselhado sobr'isso com bons cavalleiros e pessoas d'autoridade que comsigo tinha, se passou a Marvão, onde confiando na bondade e segurança da fortaleza esteve alguns dias. E porque o conde D. Sancho todavia se fazia prestes para o ir cercar, esses cavalleiros que com o Condestabre eram vendo-o com alguma fantasia de resistencia, a que a nobreza e esforço de seu coração o inclinava, consirando que não sómente á sua honra não cumpria faze-lo, mas que nos feitos do Infante seu padre podia muito danar, lhe disseram:

«Senhor, estas maginações de defensão em que vos vemos, ou de esperades no campo esta gente que vem, são por agora escusadas; porque a defesa d'armas e homens que tendes é nada em comparação dos que vem sobre vós, se cuidaes dar-lhe praça, e tambem para quem soes, e para o sangue de que descendeis, sabei que seria grande abatimento vosso esperades cerco, quanto mais tão desesperado de socorro como sabeis que este seria, principalmente cercando-vos pessoa de menos condição que vós e com tanto poder a que não podesseis resistir, em especial vindo com nome d'El-Rei nosso Senhor, a que seria feio desobedecer, e mais se o assim fizesseis seria em todo desacatar ao Infante vosso padre, e não cumprir sua vontade nem mandado, pois vos deve lembrar que a voz e nome, e o serviço d'El-Rei nosso Senhor, sobre tudo vos encommendou e encommenda cada dia, pelo qual nosso conselho é, que logo vos passeis aqui a Valença, que é do Mestre d'Alcantara, em que ha esperança d'achardes melhor acolhimento, e leixae em vossas fortalezas vossos alcaides com a gente que as guardem e tenham por vós, com mandado vosso, que se El-Rei lh'as pedir ou enviar pedir, que descarregando-os de vosso preito e menagem, lh'as entreguem. As quaes levemente tornareis a cobrar se Deus

pozer os feitos do Infante vosso padre em bem e asseseço, como a elle praza que seja».

Ao qual conselho o Condestabre obedeceu e o cumpriu, e leixou em Marvão por alcaide um Arthur Gonçalves, que por mandado d'El-Rei entregou a fortaleza. E o Condestabre se passou a Valença, onde por principio de suas fortunas começou logo d'espremenmentar as grande malicias e sobeja ingratição do Mestre d'Alcantara, que em tudo contrariou, e com nada lhe respondeu á muita honra e mercê, favôr e amparo, que em suas grandes necessidades passadas do Infante D. Pedro poucos dias havia que recebera, como atrás fica.

## CAPITULO CIX

\_De uma carta que a Rainha enviou ao Infante D. Pedro seu padre, sobre um conselho que acerca d'elle se tivera para sua morte ou destruição, e do conselho e determinação que o Infante sobr'ella teve\_

Evolvendo o processo ao Infante D. Pedro, estando elle em Coimbra não sem mortaes padecimentos, pela incertidão que tinha do fim que sua vida e feitos haveriam, foi-lhe dada uma carta da Rainha sua filha, por Vicente Martins seu secretario, porque lhe notificava, «que em um conselho que sobre seus feitos então se tivera, fôra contra elle determinado que El-Rei o fosse cercar, e que dando-se ou tomando-se por força, houvesse por pena de suas culpas uma de tres cousas. Ou morto, ou carcere perpetuo, ou desterro para sempre fóra do reino, para execução do qual El-Rei partiria contra elle aos cinco dias de Maio». E bem é de crêr que a Rainha lhe não enviaria esta carta sem esproso consentimento e mandado d'El-Rei, cujo bem e amor ella teve sempre em tanta estima, que pelo conservar e não perder nem minguar como mui virtuosa que era, nunca nos feitos do Infante seu padre contra o gosto e contentamento d'El-Rei se quiz entremeter. Esta carta foi dada publicamente ao Infante, que depois de sem alguma mudança nem torvação a lêr, com quanto n'ella viu que a morte começava já de bater ás portas de sua vida, elle a cerrou em sua mão e com a cara segura, e mais alegre que triste, esteve um pedaço perguntando ao messegeiro por novas da saude e bôa disposição d'El-Rei seu Senhor, e por as cousas em que se desenfadava, e porque as respostas redundavam todas em louvores e perfeições d'El-Rei, o Infante mostrava por isso tomar muita gloria sem alguma mestura da mortal pena que já recebera e tinha. E com este despejo se assentou a comer, e depois de acabar se recolheu a sua camara, onde fez logo vir esses principaes que com elle eram, perante os quaes mandou lêr a carta que tinha, e como a sustancia d'ella era já espantoso pregão da ira d'El-Rei, ficaram todos mui torvados, mais e menos segundo a bondade e esforço do coração que cada um tinha. E o Infante não dissimulando já sua infinda paixão e tristeza, com as mãos e braços abertos alevantou os olhos ao ceo cheios d'agoa; porque nos taes casos quando fallava assi o tinha por condição natural. E disse logo:

«D'estes agravos e perseguições em que justiça, razão, nem humanidade não consente, eu primeiramente me queixo a Deos como a só e principal Senhor de todas cousas, e depois á Real casa de Portugal em que nasci e me criei, e a que até agora bem e lealmente sempre servi. E assim á casa d'Inglaterra em que de sangue tanta parte tenho, e finalmente me agravo a vós meus criados, amigos e servidores como a participadores d'esta minha desaventurada fortuna, aos quaes como a companheiros de

meus conselhos e perigos, direi em breve n'este caso minha tenção, que é tomar por melhor, mais honra e mais descanso para mim a derradeira parte d'esta determinação que é a morte; porque das outras de que uma é ser desterrado, Deos nunca queira que eu filho legitimo d'El-Rei D. João, que com tanta honra uma vez sahi de seus reinos, fazendo a muitos em muitas provincias e senhorios estranhos grandes graças e mercês, haja d'andar sobre minha velhice por reinos e terras alheias, pedindo esmolos com muito trabalho e grande deshonra minha. Pois da outra que é ser preso, e que sobre cincoente e sete annos que hei haja de consentir ferros de justiça em minha carne, não sei a quem não pareça ser muito menos mal morrer, e este por mais bem e maior honra escolho para mim, como disse. Mas porque até agora em todas minhas cousas e alheias que tratei sempre, me prouve ser bem aconselhado, n'esta que me parece ser a derradeira, o devo e queria ser melhor. E por isso vos rogo e encomendo, que esguardadas bem todas as circumstancias d'esta fortuna, e a callidade e priminencia da minha pessoa, queiraes sobre tudo consirar, e cada um de manhã me dizer seu parecer, lembrando-lhe que meus imigos segundo esta nova determinação devem logo vir sobre mim, e partir de lá a cinco dias de Maio. E que diga meus imigos, nunca por amor de mim, e por segurança de minha limpeza entendaes que o digo por El-Rei meu Senhor, nem que o meto n'esse conto. Porque em caso que sua mercê venha com mostrança de ira sobre mim, sempre creerei que seu corpo virá com enganos de meus imigos forçado, a que sua nova idade não sabe nem póde resistir, mas que sua vontade sempre para mim e minha honra ficará livre e sã, como se espera de Principe bom e agardecido como elle é. E porém meu primeiro movimento é n'esse mesmo dia partir d'aqui, e os ir buscar e esperar no campo, e pedir a Deos e a El-Rei meu Senhor justiça e vingança d'elles, como de qnem tão sem razão tanto damno e perda me tem feito. E quando se por meus peccados assi não seguir, contentar-me hei acabar como cavalleiro. E porém d'agora para em todo tempo e sempre protesto, que seja com verdadeiro nome de bom e leal vassalo, e servidor d'El-Rei meu Senhor.»

## CAPITULO CX

Dos conselhos desvairados que ao Infante sobre sua proposição foram dados \_

Ao outro dia foram todos juntos, e leixando alguns apontamentos que alguns n'este caso fizeram, finalmente no conselho houve tres conclusões sustanciaes e em si desvairadas, e para cada uma não falleceram estas vozes. A primeira foi do doutor Alvaro Affonso, homem assaz prudente e bom jurista, em que depois de muitas palavras sumariamente concludio «que o Infante como cavalleiro, e principalmente como catholico e bom christão que era, não devia por si ir buscar a morte, mas antes espera-la, em que havia muitas esperanças de vida, e quando sem razão lh'a quizessem dar, que com grande fortaleza d'animo devia de defender sua vida e honra, para que allegou muitos direitos e trouxe mui autorizados exemplos, e que elle por mór resguardo de sua lealdade e mais segurança de sua pessoa, se devia fortalecer em Coimbra, e bastecer e prover d'armas e gentes os castellos de Monte Mór o Velho e de Penella, e aguardar El-Rei, ainda que com todo seu poder o quizesse cercar, e que sendo a cidade tão forte, e tendo elle tanta e tão boa gente comsigo, El-Rei por força o não poderia logo tomar, e que para lhe poer cerco prolongado, ou leixar sobre elle fronteiros, não havia disposição nem possibilidade para isso, e que com Monte Mór teria tambem a Foz de Buarcos, que em suas afrontas se sobreviessem, sempre seriam

portas abertas para sua salvação, e que por esta maneira não encurtaria como desesperado sua vida, e como prudente alongaria o tempo, que emfim por sua condição tudo com honra remediaria, especialmente que El-Rei assi como crescesse nos dias, assi iria crescendo e esforçando seu juizo, com que entenderia os enganos em que o traziam, a que sua nova idade por então não alcançava, quanto mais que a Rainha sua filha estava em esperança de empenhar, e com a geração que Deus lhe daria, El-Rei se acharia mais obrigado para o amar e honrar, e ella teria mór atrevimento de em seus feitos o requerer. E que o povo que com malicias alheias andava emnevoado, cansaria e amansaria de seus alvoroços, e que em fim por partido sempre lhe fariam o que elle quizesse, pois com isso claramente parecia elle com medo da ira de El-Rei, e por necessidade se defender, e não com vontade de o desservir nem desobedecer, pois todos sabiam que elle o tinha e amava por seu verdadeiro Rei e Senhor.»

E com este voto e parecer se foram D. Fadrique, Martim de Tavora, Aires Gomes da Silva, João Corrêa, João de Lisboa, secretario, e Diogo Affonso, e Pedro de Tayde, Dayão de Coimbra, que eram todos pessoas de bom entender, esforço, e autoridade.

Eram outrosi com o Infante n'estes conselhos Luiz d'Azevedo, e Lopo d'Azevedo, irmãos, e Martim Coelho, e Pero Coelho, tambem irmãos, os quaes por serem entre si por casamentos liados seguiram todos outro acordo, dizendo «que o Infante por maneira alguma não devia esperar cerco, cá não era honra, ao menos por respeito da Garrotea que tinha, nem proveito nem segurança, mas que leixasse suas villas e fortalezas em bom recado, e que com a outra sua gente se saisse de Coimbra, e passasse o Douro, onde n'aquellas comarcas teria a gente das terras de Lopo d'Azevedo, e de Martim Coelho, e Ruy da Cunha, e d'Aires Gomez, e d'outros muitos, com que seguraria sua pessoa e d'aquelles que o seguissem, e que d'alli poderia tornar á Beira, e passar-se a riba do Diana, e andar pelas terras do Condestabre seu filho; porque El-Rei o não podia tanto seguir, que não andasse sempre diante, ou desviado a seu salvo, aconselhando com isto que não sómente trouxessem a voz e nome d'El-Rei seu Senhor, mas muito mais as vontades para o bem e lealmente servir, e com a necessidade e fadiga que os do reino todo por isso receberiam, conhecendo a sem razão de suas perseguições, ousariam dizer a El-Rei a verdade e as falsidades com que seus imigos o moviam contra elle, de que se seguiria que ou o leixariam livremente, ou lhe fariam tal partido de que fosse contente.»

E com isto apontaram outras minguas, trabalhos, despesas e pecados, que o cerco por sua condição trazia comsigo, pelos quaes o devia fugir e avorrecer.

O conde d'Abranches tomou só outra conclusão, ás dos outros que apontei em todo contraira, allegando e tocando com largas palavras, muitas causas, razões e exemplos de Principes passados, porque não devia esperar cerco, e outras tantas para não dever andar pelo reino, especialmente com tão pouca gente, que muitas partes pela estreiteza dos passos, e pelo grande poder d'El-Rei, se podia atalhar e acolher no meio com muita deshonra sua, e assinado perigo seu e dos seus. E concludio com a tenção do Infante que foi «antes morrer grande e honrado, que viver pequeno e deshonrado, e que para isso vestissem todos os corpos de suas armas, e os corações armassem principalmente de muita fortaleza, e que se fossem caminho de Santarem, não como gente sem regra desesperada nem desleal, mas como homens d'acordo, e que iam sob a governança e mando de um tal Principe e tal capitão, que a El-Rei seu Senhor sobre todos era mais leal e servidor mais verdadeiro, e que mandasse a El-Rei pedir e requerer, que com justiça o ouvisse com seus imigos, que lhe tão sem causa tanto mal ordenavam, ou lhe desse com elles campo, em que de

suas falsidades e enganos, elle por sua limpeza e lealdade faria que se conhecessem e desdissem. E quando El-Rei alguma d'estas cousas não houvesse por bem, e todavia quizesse vir sobre elle, que então defendendo-se morressem no campo como bons homens e esforçados cavalleiros.

## CAPITULO CXI

\_De como o Infante se teve ao conselho do conde d'Abranches, que foi morrer\_

E o Infante depois de todos ouvir com muito tento e repouso, e lhes dar por seus conselhos muito louvor e grandes aguardecimentos, finalmente se teve com o conde d'Abranches, que seguiu sua primeira deliberação, e determinou quando melhor não podesse ser, de morrer no campo, requerendo e bradando a El-Rei por sua justiça. E para ella se começou logo de perceber, e tanta foi a fortaleza e segurança do Infante, que n'estes dias com quanto de cousas tão arduas, e tão chegadas á morte se tratava, nunca por isso leixou de ir á caça e ao monte, e ter seraus e festas com sua mulher e donzellas, assi como no tempo de mais assesego e de maior prosperidade que nunca tivera.

## CAPITULO CXII

\_Como o Infante D. Pedro e o conde d'Abranches consagraram ambos de morrer um quando o outro morresse\_

E passados alguns dias depois d'estes conselhos, o Infante não se esfriando em seu proposito, apartou só em uma camara o conde d'Abranches, e lhe disse:

«Conde, sabeí que eu sinto já minha alma avorrecida de viver n'este corpo, como desejosa de se sair de suas paixões e tristezas, e consirados os feios combates que minha vida, honra e estado cada dia recebem, com esperança de não minguaem, mas cada vez crescerem mais, certo se as cousas n'esta viagem me não sobcedem como eu desejo, e seria razão, eu todavia determino morrer e acabar inteiro, e não em pedaços, e como quer que tenho outros bons criados e servidores, que por suas bondades folgariam e não se escusariam de morrer comigo, porém em vós sobre todos tomei esta confiança, assi pela irmandade que comigo merecestes ter na santa e honrada Ordem da Garrotea em que somos confrades, como por criação que vos fiz, e principalmente pela certidão que de vossa bondade e esforço tenho ha muito conhecido, e por tanto quero saber de vós, se no dia que d'este mundo me partir, quereis tambem ser meu companheiro, e com isso lembre-vos para satisfazerdes aos primores de vossa honra, que sendo vós tão conhecidamente meu criado e servidor, e tão publico imigo do conde d'Ourem e Arcebispo de Lisboa, depois de minha morte não podeis ter vida, salvo reservada para com mãos d'algozes a perderdes em lugares vis, e com pregões deshonorados.»

«Senhor, respondeu o conde, para caso de tamanho contentamento, como foi sempre e é para mim viver e morrer por vosso serviço, muitas palavras nem os encarecimentos não são necessarios, eu vos tenho muito em mercê

escolherdes-me para tal serviço, e eu sou muito contente ter-vos essa companhia na morte, assi como vo-la tive na vida, e se Deus ordenar que d'este mundo vossa alma se parta, sede certo que a minha seguirá logo a vossa, e se as almas no outro mundo podem receber serviço umas das outras, a minha n'esse dia irá acompanhar e servir para sempre a vossa.»

E para mór confirmação d'este proposito o Infante mandou logo chamar o doutor Alvaro Affonso, que era clerigo de missa, perante quem relatou a concordia em que elle e o conde estavam, sobre a qual disse que lhe desse logo o santo sacramento, e o doutor depois de lhe fazer seus requerimentos e protestações para o não receberem (como a elle por sacerdote e por letrado em tal caso cumpria) elle lh'o deu, e elles o receberam com sinaes de muita devoção e contrição, afirmando ambos e cada um «que como fieis christãos a Deus, e leaes vassallos a El-Rei o recebiam, e por taes protestavam morrer quando morressem, e que seu fundamento não era offender, mas defender com razão e justiça a pessoa e honra do Infante.» O qual derribando-se no chão sobre seu peito, com os olhos cheios de lagrimas e com grande fervor de contrição se feria e acusava de seus pecados, e sobre a comunhão tornaram a firmar solenemente seus prometimentos, cujo segredo o Infante encomendou muito ao doutor, de quem depois se houve esta certidão.

#### CAPITULO CXIII

\_Como a Rainha houve d'El-Rei que perdoaria ao Infante seu padre se elle lhe pedisse perdão, e assi lh'o escreveu, e a causa porque não houve effeito\_

Vendo e ouvindo a Rainha em Santarem tantos alardos e ajuntamentos de gentes com tantos alvoroços e percebimentos para destruição e morte do Infante seu padre; porque n'ella se encerravam em grande perfeição totalas outras virtudes, esta de amor e piedade para elle tambem lhe não falleceu, e assi porque esta natural divida de sangue sempre a espertava por seu remedio, com vivas lembranças de muita dôr e grande compaixão, como tambem porque de sua innocencia d'elle era mui certificada, se pôs um dia ante El-Rei em giolhos, e com perseveradas lagrimas lhe disse:

«Senhor, \_cesset jam nanus tua\_, e pois minha desventura quer que na destruição do Infante meu senhor e padre damnem as falsas culpas mais, do que aproveitam seus merecimentos, nem o grande e verdadeiro amor que vos tenho, peço-vos por mercê, que ao menos como Principe agardecido, vos lembre as obrigações em que por sua tão alta criação, e por outros muitos seus serviços lhe soes, cuja paga devia ser outra, e não esta morte e destruição tão deshonorada, e com isso para alguma mais temperança de tamanha ira tambem vos não esqueça que vos pode nosso Senhor dar de mim filhos que serão vossos ramos, cujas raizes para sua mais honra e louvor deveis desejar e procurar que sejam antes limpas e sãs, que magoadas e sujas como ordenaes.

E El-Rei como era de mui perfeita humanidade, allevantando-a do chão com grande acatamento, lhe respondeu:

«Senhora, de todo o que me dizeis eu sou em mui inteiro conhecimento, mas como quereis que nas cousas do Infante vosso padre eu me faça brando, sendo elle em sua contumacia e para minha obediencia tão duro, de que se não quer conhecer nem arrepender, antes cada vez o mais continuar. Mandei lhe muitas vezes requerer minhas armas, não m'as quiz

entregar, outras tantas lhe encomendei e mandei que não impedisse o duque, que por meu mandado vinha a meu serviço, e por me desservir e anojar foi-lhe ter o caminho com outras muitas desobediencias, de que eu a elle nem ao Infante meu irmão não relevaria sem justo castigo. Porém pelo vosso amor principalmente, e porque n'isso sintaes o bem que vos quero, se o Infante vosso padre como quem errou me quizer mandar pedir perdão, eu me haverei com elle por outra melhor maneira de que sejaes contente».

A Rainha lh'o teve muito em mercê, e d'El-Rei houve logo licença para o assi escrever como escreveo ao Infante, o qual vendo a carta, porque acerca d'ella não deliberasse nada sem conselho, depois de aquelles principaes com que suas cousas consultava serem juntos e verem a carta, todos sem contradição concordaram ser bem e honesto que o Infante satisfizesse com o perdão a El-Rei na fórma que elle queria, pois em nada lhe prejudicava, cá parecia deseja-lo assi El-Rei para defesa sua, contra aquelles que para o contrario o indinavam. E porém o Infante lastimando-se muito dos agravos e desfavores d'El Rei, e confiando muito em sua innocencia recusava muito de o fazer, afirmando-se «que tão novo meio, segundo as cousas estavam não era com fundamento de seu bem, mas que El-Rei com astucia de seus imigos lhe lançava esta cilada de mal, para que n'ella o tomassem como perdão, nascido e causado da confissão de suas culpas e crimes que elle não tinha, com que ao mundo justificassem depois os males passados que lhe ordenaram, e corassem os que ao diante lhe queriam fazer. E que por isso antes queria morrer em que receberia muitos beneficios; porque acabaria inteiro Infante duque de Coimbra, e em sua vida não veria a outrem possuir nada do seu, nem elle como desaventurado seria constrangido andar por terras estranhas pedindo o alheio. E que em fim não lhe tirariam, que a todos os bons que pelos tempos fossem não pesassem de sua morte, a qual segundo sua vida era trabalhosa, esperava que fosse grande descanso já para si mesmo, e certa segurança da vida da Rainha sua filha.» Com outras muitas e boas razões com que se escusava; e em fim vencido d'outras tantas e melhores, com que seus conselheiros como a cavaleiro e christão o aconselharam e requereram, prouve-lhe pedir como pediu a El-Rei o perdão por escripto, na fórma que a todos bem pareceu, e com que El-Rei se devesse satisfazer, e tambem respondeu á Rainha, apontando-lhe largamente algumas cousas com que sua segurança devia ser acutelada.

E tendo já El-Rei recebido sua carta, mostrou se com ella suspenso como arrependido do que tinha outorgado, e porque na carta da Rainha que lhe ella mostrou, entre outras eram umas palavras do Infante que diziam «e isto Senhora faço eu mais por vos comprazer e fazer mandado, que por me parecer razão que o eu assi faça», El-Rei tomou d'ellas achaque para o não cumprir, e rompeu logo a carta do perdão que o Infante lhe mandara, dizendo que pois aquelle arrependimento era fingido e não de vontade, que não queria desistir do que contra elle tinha começado, e assi o fez, do que o Infante foi logo avisado. Porém o que d'esta mudança e nova sanha d'El-Rei, verdadeiramente se pôde entender, foi se a vontade d'El-Rei estivera de todo firme e sã para o Infante, que as palavras da carta da Rainha na forma em que vinham lh'a não revolveram nem danaram contra elle, mas El-Rei tinha já um odio calejado ao Infante, e mais pejou-se por moço em que o espirito da honra já se levantava, de parecer o que lhe já diziam, que se subjogava á Rainha mais do que era razão e ao Estado de um tamanho Principe cumpria, e para não cumprir o que prometera, tomou aquelle que foi mais achaque que causa verdadeira.

\_Como os inimigos do Infante D. Pedro procuravam haver antes odio que amor nem afeição entre El-Rei e a Rainha sua mulher\_

Porque os contrarios do Infante, vendo que a Rainha era já para elle a só esperanza e remedio de sua salvação, e que por suas perfeições corporaes e muitas bondades, El-Rei lhe tinha e teria cada vez mór afeição, com que a ella e a sua vontade se daria mais, trabalhavam por todas as maneiras de o apartarem d'ella, conselhando-lhe que fosse muitas vezes á caça e montes, dizendo-lhe que a conversação continua de sua mulher em tal idade, não sómente era mui contraira á sua saude, mas ainda mingoa e grande quebra das forças do corpo e do entendimento, e que ficaria afinado e não dino nem poderoso para soste o peso do Regimento e defensão de seus reinos. E na capella e guarda roupa não falleciam incitadores e ministros d'esta opinião, convocando para isso mesmo fysicos, que para seu proposito tinham bem ensaiados, que com livros e autoridades logo assi o provavam.

E taes conselheiros havia d'estes, que reprovavam o ajuntamento do santo e legitimo matrimonio d'El-Rei com a Rainha, que eram publicos adulteros e deshonestos concubinarios, jazendo como infernaes em mui continuo e reprovado coito.

E porque este caminho não sobcedia de todo á sua vontade, cometeram outro mui errado e muito para reprimir; porque fizeram n'estes dias prender D. Alvaro de Castro, camareiro mór d'El-Rei, que depois foi conde de Monsanto, assacando-lhe falsamente que dizia amores á Rainha, por tal que da pena de morte ou desterro que elle por tal caso merecia nascesse infamia á Rainha com que a El-Rei de todo avorrecesse. Mas o imigo da perdição que n'estes feitos andava por mediano, não pôde tanto danar, que mais não remedeasse o verdadeiro conhecimento que El-Rei tinha das muitas e limpas bondades da Rainha, e da grande lealdade do conde, com que o logo soltou e depois muito honrou e acrescentou.

## CAPITULO CXV

\_De um cumprimento que o Infante D. Pedro acerca de sua innocencia por meio de religiosos fez com El Rei\_

E o Infante D. Pedro por muitas esmolos e bemfeitorias que aos mosteiros e casas d'oração sempre fazia, era dos religiosos d'ellas sempre em suas orações e devoções muito encommendado a Deos, em especial n'este tempo de sua tanta afflicção, os quaes sabendo a determinação errada e perigosa em que o Infante estava de partir, recorreram muitos a elle, e como officiaes da alma o amoestavam, e lhe requeriam da parte de Deos aquellas cousas de que sua maior segurança e salvação se podia seguir, e principalmente que não partisse nem fizesse de si alguma mudança, e antes esperasse a fortuna, que acometer.

E ao Infante crendo que o conselho dos taes poderia vir da vontade de Deos, prouve obedecer-lhe, e quiz finalmente poer seus feitos em suas mãos, e d'elles apartou um Frei Antão, prior do mosteiro de Aveiro, e outro Frei Dinis que depois foi confessor d'El-Rei, pessoas de grande doutrina e mui santa vida, aos quaes disse os fundamentos que o moviam a sua partida, e as razões que lhe contrariavam esperar cerco, e menos

andar como fugido pelo reino, e assi as injurias e sem razões que d'El-Rei por induzimento de seus imigos tinha por extenso recebidas. Porém que lhes parecesse que isto podiam remediar, que elle sobreseria em sua partida, e por maior cumprimento com El-Rei e mais sua limpeza faria o que elles ordenassem, e que para firme segurança de manter sempre o que prometia, e que se fizesse d'elle justiça se a merecesse, que ante de ser ouvido lhe prazia mais que todos seus filhos fossem entregues em poder d'El-Rei.

Estes religiosos vendo tanta justificação, esforçaram-se acabar esta concordia, crendo que não podia ser homem tão sem juizo, e tão fóra de humanidade que a denegasse, e acordaram que com isto Frei Antão por mais secreto fosse só a El-Rei, o qual partiu logo com inteira crença e instrução do Infante, dando graças a Deos por elle se someter a tanta razão, com a qual esperava tudo acabar a serviço de Deos, e d'El-Rei, e bem de seus reinos e vassallos, mas este padre por muito que apressou sua ida, já diante achou o imigo da razão e os contrarios do Infante, com que não pôde nem ousou dar a El-Rei as cartas do Infante, e muito menos lhe falar; porque os imigos do Infante de que El-Rei em todos lugares e todalas horas era cercado, como sentiram que um religioso de tanta autoridade, que em tal tempo ia de mandado do Infante, não podia se não levar cousas de muita concordia e conclusão, de que lhes muito pesava, não sómente o impediram e ameaçaram para mais alli não estar, mas ainda lhe defenderam que não tornasse com a resposta ao Infante, pelo qual se foi triste e mui espantado para o mosteiro de Bemfica, d'onde avisou de todo o Infante.

## CAPITULO CXVI

\_Como El-Rei não tinha possibilidade de ir sobre o Infante como propoera, e como a partida do Infante de Coimbra foi causa da sua morte\_

El-Rei não sabendo da determinação do Infante, que era partir de Coimbra, fazia fundamento cerca-lo n'ella, o que pela muita gente que cresceu e pelos mantimentos, e assi outras provisões que se não podiam haver; e menos tantas bestas, bois, e carros para as armas, artilherias e carriagem, que para tal certo eram necessarios, parecia mui difficiloso ou impossivel faze-lo. Pelo qual muitos entendidos se affirmaram, consirado o pouco provimento que El-Rei tinha, e o muito que para tal empresa lhe era necessario que não podera haver, se o Infante não sahira de Coimbra, que El-Rei por aquelle anno não podera cerca-lo, e que o mais de dano que lhe podera fazer fôra comete-lo de passagem, o que ao Infante segundo estava percebido, trouxera mais honra que dano nem perigo.

Porém foi logo El-Rei certificado por um Lourenço Affonso, procurador de Coimbra, que o Infante se despunha a partir, e queria vir a Santarem, afeando o mais que pôde sua tenção, de que o duque e o conde seu filho, como principaes da empresa foram mui alegres; porque viram chegar-se o effeito de sua esperança e desejo, que era a morte do Infante, cuja dilação a elles poderia trazer perda e perigo. Pelo qual El-Rei acordou de sobre ser até saber da certa determinação do Infante, e então mandou poer fronteiros nos castellos d'arredor de Coimbra, receando que o Infante queria por ventura guerrear o reino, e andar por elle como lhe fôra aconselhado, e foi Diogo da Cunha a Thomar, e D. Duarte de Menezes a Pombal, e o proto-notario Berredo a Leiria, e assi outros a outros

lugares.

O Infante dava grande pressa á sua partida, porque não passasse de cinco dias de Maio que tinha posto; porque n'esse dia fôra certificado que El-Rei movia contra elle como se disse, e porém de dinheiro por suas muitas despesas tinha grande necessidade, de que por empréstimos dos seus criados e servidores se proveu em alguma maneira. E porque a moeda fallecia e não se podia haver, era conselhado para trato e serviço da gente, que da prata lavrada que tinha se fizessem uns quadrantes, da lei e peso de leaes que era então moeda do reino, e que sem mais outra letra nem figura valessem o preço d'elles. O que o Infante não quiz consentir, antes o defendeu estreitamente, e d'isto o reprenderam depois que se intitulara de Rei, e mandara fazer moeda e justiça, o que foi assacado mas não verdadeiro.

## CAPITULO CXVII

Como o Infante D. Pedro partiu de Coimbra, e como seguiu seu caminho até Rio Maior, e do conselho que hi teve

Sendo o Infante prestes para cumprir sua opinião, fez a um domingo que eram cinco dias de Maio partir diante com sua gente ordenada D. James seu filho, que foi dormir no campo logo acerca de Coimbra, e essa noite ficou o Infante na cidade em que com grande mostrança de muita alegria mandou dançar, e fazer festas como sohia. E depois de ter suas cousas providas se foi á Sé, e a Santa Cruz, e a Santa Clara por serem casas em que tinha singular devoção, e alli com sinaes de bom christão se encomendou a Deus, e com a cara alegre e mui descarregada se despediu de sua mulher, e dos que com ella ficaram, e foi com toda sua gente dormir ao lugar da Egua, que é cabeça da comenda mór de Christus, onde seriam com elle até mil homens de cavallo, e cinco mil de pé, com muita carriagem de bois e bestas.

Com o Infante além d'outros muitos e bons cavalleiros e escudeiros, eram estas pessoas principaes: D. James seu filho, o conde d'Abranches, Aires Gomez da Silva, e seus filhos João da Silva e Fernão Tellez, Ruy da Cunha, Gonçallo d'Ataide, Pero de Lemos, Luiz d'Azevedo, e Lopo d'Azevedo irmãos, e Martim Coelho, e Pedro Coelho irmãos, e Pero de d'Atayde, e João Corrêa, e Fernão Corrêa, Fernão d'Alvarez da Maya, João Peixoto, e Lopo Peixoto irmãos.

E no arrayal do Infante se levantaram duas bandeiras, uma sua, e outra de seu filho, e em ambas iam de uma parte umas letras que diziam Lealdade, e da outra Justiça e Vingança.

E ao outro dia ante que o Infante abalasse, fez ajuntar sua gente, que repartiu em capitánias, e a todos fez uma fala, cuja sustancia foi saniar a boa tenção e limpeza de sua vida «que sómente era como leal servidor d'El-Rei seu Senhor, ir pedir e conseguir ante elle justiça.» E assi em defender com razões de leal português, que se não fizessem males nem roubos, e que pagassem bem os mantimentos e cousas que tomassem. E sobre tudo encomendou aos capitães o castigo, pás, e assesego de sua gente, e principalmente que se não escandalizassem nem alevantassem por cousas que ouvissem, em caso que parecessem contradizer a suas bondades e muita lealdade.

E assi foi o Infante fazendo com muito resguardo suas jornadas até o

mosteiro da Batalha, onde o vedor da obra d'elle que fôra sollergião d'El-Rei D. João seu padre quiz com armas e artilharias poer o mosteiro em resistencia e defesa contra elle, mas os frades lh'o não consentiram, e abrindo as portas mandaram dizer ao Infante que o receberiam na fórma e com as cerimonias que elle ordenasse, mas o Infante não quiz que fosse salvo como sempre fôra, encomendando-lhe que na procissão com que a elle viessem, como de costume tinham, cantassem devotamente por elle o salmo que começa.

\_Qui habitat in adjutorio altissimi in protectione Dei celi commorabitur\_--que se podia bem aplicar á sua viagem.

E alli ouviu missa e mandou dizer outras muitas pelas almas d'El-Rei e da Rainha seus padres, e se despediu de seus ossos, que cedo havia de vir acompanhar, e esteve olhando com muita tristeza a sepultura ainda vasia, que em sua capella lhe fôra ordenada, sobre que disse muitas cousas que pareciam já revelações d'alma, e sentimento da carne que a cedo havia de povoar, como foi, e n'esta ordenança chegou a Alcobaça, e assi foi dos frades recebido e encomendado a Deus.

E como El-Rei soube que o Infante passava Leiria, logo mandou sobr'elle corredores, e outra gente de cavallo, para que sua gente com menos licença se soltasse fazer dano.

E porém o Infante chegou a Rio Maior, de que ha cinco legoas a Santarem, onde teve conselho se iria adiante como vinha, ou se enviaria seus messegeiros a El-Rei para que lhe pedisse seguridade com que em alguma bôa fórma, acerca das culpas que lhe falsamente davam fosse ouvido com justiça. E os que verdadeiramente o amavam, posposta toda outra fantasia e paixão lhe davam mui são conselho, que elle não seguiu; porque lhe disseram «que para uma parte nem para a outra não devia ir mais adiante, e que assi como viera se tornasse para Coimbra; porque assaz tinha cumprido por sua honra chegar alli e estar tres dias acerca de seus contrairos, que tendo já então muita mais gente e poder que elle, nunca lhe ousavam vir ter o passo, nem fazer uma leve resistencia, contrariando muito todo outro fundamento, e muito mais enviar-se embaixada a El-Rei, de cuja pouca idade diziam, que já o Infante emquanto as cousas assi andassem não devia fiar sua vida, em caso que com sinaes e sêllos lh'a segurassem; pois por induzimentos de sens contrairos, tantas vezes e em tantas cousas lh'os tinham quebrados, e que muito mais lh'o fariam fazer n'esta em que todo seu desejo se cumpria, e além d'isso se punha a outra perigosa ventura, que era seguindo mais adiante, e chamando-o El-Rei como a vasallo, e não indo nem obedecendo logo despejadamente como a leal servidor cumpre, cahiria em rebellião e desobediencia clara, de que os achaques passados contra elle ficariam certas culpas, com causas verdadeiras para sua mais justificada perseguição, quanto mais que metendo seu arraial adiante nos olivae de Santarem, segundo a grande espessura d'elles, e derribando-se pelos caminhos atrás, ficava de todo atalhado sem lhe ficar sómente uma possibilidade de salvação nem desposição de peleja, e que quando se quizesse salvar, já seria ao menos com perda da gente de pé e de toda sua carriagem, com que ficava de todo perdido e desbaratado, e que se por ventura quizesse seguir contra Lisboa com fundamento de se lançar e segurar n'ella, que era imaginação errada e certo perigo seu; porque a cidade segundo tudo andava revolto, já não era a madre que o criara segundo elle dizia e confiava, mas que a havia d'achar mui irada, bem guardada madrastra contra si, por onde não ficava poderoso de adiante nem atrás se salvar, se El-Rei com seus imigos lhe saísse nas costas como era de crêr, e que em tanta angustia lhe seria forçado, ou pedir misericordia duvidosa, ou receber morte certa e desesperada de vingança, ao que sem extrema necessidade se não devia arriscar, ao menos por

resguardo e segurança de tantos innocentes, quantos com elle sem causa morreriam.»

Aos quaes conselhos o Infante disse: «Bem sinto já que estar aqui não é necessario, e muito menos ir adiante contra Santarem, assi pelas causas e razões que bem apontastes, como principalmente porque hei por grande graveza para mim, parecer que levamos as pontas de nossas armas contra o lugar onde está a Real pessoa d'El-Rei meu Senhor, a que eu sobre todos desejo melhor obedecer e mais acatar e servir. Porém minha determinação é por nenhuma maneira tornar atraz, mas quero-me ir por este caminho contra Lisboa, não com esperança de me a ella acolher, porque n'ella não tenho trato nem segurança, mas não póde ser que meus imigos sabendo que vou assi com muito menos gente e poder do que agora tem, não saiam a mim com suas valias; porque terão possibilidade e tempo de cumprir o que tanto desejam, e mais escusarão trabalho, que a El-Rei meu Senhor por todos respeitos não é conveniente nem necessario, e esta só mercê peço a Deus que seja assi, porque é a maior que d'elle posso receber; e se não vierem a mi então chegaremos á ponte de Loures, e d'ali faremos volta por Torres Vedras e Obidos até Coimbra, onde esperamos a ventura que vier, e espero que a Rainha minha filha, e o Infante D. Anrique meu irmão remedeiem em tanto meus feitos, como a minha honra e estado cumpre.

Mas esta esperança que o Infante publicava de seu irmão, era para com ella favorecer e animar sua gente; porque em seu coração já tinha certa desesperação, o que acabou de confirmar quando por tres dias que em Rio Maior esteve, não viu em seu favor recado de seu irmão nem da Rainha, em que até então muito confiava. E o que os prudentes poderam conceber de tão errado conselho e tenção, como o Infante em tal tempo e caso seguiu, não foi salvo que desejando de morrer com algum mais cumprimento de sua honra, e com maior descargo de sua conciencia, quiz antes ser cometido d'El-Rei, que parecer cometedor, e que por isso lhe deu as costas, de que mostrou alguma prova e experiencia o lugar em que ao diante foi morto em que se alojou, onde por tres ou quatro dias repousou, podendo-se n'elle livremente salvar.

## CAPITULO CXVIII

Como o Infante partiu de Rio Maior e se foi a Alcoentre, e as  
pessoas d'El-Rei que hi mandou matar, e a causa porque

E porém o Infante moveu de Rio Maior contra Lisboa, e a opinião e rumor geral era, que por trato que com alguns d'ella tinha, se queria n'ella acolher e remedear; e com quanto esta fama era fingida e não verdadeira, não leixou de causar morte crúa a dois mancebos de Lisboa, que por haver n'elles suspeita de trato por serem criados do Infante, foram publica e innocentemente feitos em quartos, e postos pelos mais publicos lugares da cidade.

Seguiu o Infante seu caminho em sua ordenança, e a uma sexta feira XVI dias de Maio chegou ao lugar d'Alcoentre, em que dos ginetes e corredores d'El-Rei foi sempre seguido e perseguido, dizendo em altas vozes contra elle que os ouvia, palavras torpes e mui feas, chamando-lhe traidor tirano, e falso hypocrita roubador do povo, com outras vilezas e fealdades a estas conformes, das quaes o Infante sempre encomendava aos seus que se não anojassem nem lhes respondessem, e porém elle em as ouvir recebia em si muita dôr e grande sentimento, especialmente porque

as bocas d'aquelles, porque tantas torpezas contra elle sahiam, já lhe muitas vezes beijaram as mãos por honras e mercês que d'elle receberam, e como alojou alli seu arraial, coube a guarda da herva e lenha a Aires Gomes da Silva, sobre que vieram logo corredores da gente d'El-Rei travando com elles, e procurando escaramuça com desejo da gente do Infante se desmandar por algum seu dano, e com esses rebates que na guarda se faziam, veiu nova ao arraial que Aires Gomes com sua gente era dos d'El-Rei cercado e posto em grande affronta, a que o conde d'Abranches com grande trigança logo sahiu, e com elle quasi todos os do arraial não guardando alguma regra em sua sahida, antes com muita desordem e desmando romperam por muitas partes o palanque, e deram com muita força nos corredores, de que alguns d'elles achando-se atalhados, querendo-se salvar cahiram em um grande tremedal e lagoa, de que não poderam sahir, onde entre mortos e presos ficaram logo até trinta, e os vivos levaram logo ante o Infante, entre os quaes o principal era um Pero de Castro, fidalgo e criado do Infante D. Anrique, a que o Infante D. Pedro disse:

«Ó máo ingrato e traidor, assi como por tua boca sahiram hoje tantas vilezas, com que tão falsa e desavergonhadamente magoavas minha pessoa e estado, como tambem não entraram em tua memoria as muitas honras e mercês, que de mim tão poucos dias ha recebestes, para as leixares de dizer, e contentares-te de me fazer mal com tuas mãos, cá pareceram por tua escusa que eram forçadas d'outro mando e senhorio maior, e não com a lingoa com que cuidavas que me escandalisavas os ouvidos, e tu feriste-me no coração, certamente a morte com que logo acabasses, ainda seria áquem da culpa que tens, e pena que mereces.»

E então com um páo que tinha na mão lhe deu por cima da cabeça, e sobre esta pancada houve logo dos que eram presentes tantas feridas, de que logo morreu, e dos outros uns mandou o Infante logo degolar, e outros enforcar, segundo a condição das pessoas que eram.

Aquelle dia escapou por grande ventura Gonçalo Rodrigues de Sousa, que era capitão dos ginetes. E assi alguns outros a que valeu a bondade de seus cavallos; porque até o logar de Pontevel lhe seguiu o conde o encalço, e d'alli temendo alguma volta de gente fresca e mais poderosa, se tornou para o Infante.

Com a morte d'estes homens não foi menos a torvação e desmaio no arraial do Infante, do que foi alvoroço e indignação contra elle em toda a côrte d'El-Rei, a que as novas chegaram logo de noite; porque a mais da gente do Infante vendo tamanha crueza, julgaram-na por claro rompimento contra El-Rei, e temendo a pena da culpa em que por isso encorriam, pungidos da lealdade que não podiam encobrir, mostravam em suas caras uma publica tristeza, que de seus corações dava mui certos sinaes de fraqueza, com que muita gente, especialmente de pé, logo aquella noite fugiram do arraial, e por serras e veredas como melhor podiam se tornaram a suas casas, a que o doutor Alvaro Affonso com uma publica fala que a todos sobr'isso fez, quizera remedear mas não aproveitava.

## CAPITULO CXIX

\_Como El-Rei proveu e seguiu a cidade de Lisboa para o Infante se não recolher a ella\_

Como El-Rei foi certificado da ida do Infante a Lisboa, receoso de ser

com fundamento d'algum trato que n'ella tivesse, mandou logo por mar e por terra muitos fidalgos e outra gente, que a guardaram e seguraram a seu serviço. E moveu logo de Santarem contra o Infante com muita e mui formosa gente, que segundo a sentença dos que o melhor deviam saber, entre de cavallo e de pé, seriam numero de trinta mil homens de peleja, que segundo as memorias dos que a viam, foi a mór somma de gente d'armas que até então n'este reino se ajuntou.

Foi El-Rei aconselhado que não apressasse suas jornadas, assi por melhor trato e alojamento de suas gentes, como porque tendo a cidade segura, quanto o Infante mais a ella se chegasse, tanto se despunha a maior perigo, pelo damno que dos moradores d'ella, além dos que d'El-Rei podia receber.

## CAPITULO CXX

Como o Infante partiu de Castanheira, e se foi alojar no Ribeiro d'Alfarrobeira

E o Infante sendo no campo junto com o lugar da Castanheira, foi avisado que El-Rei era já de Santarem contra elle partido; e porque o lugar em que estava era campo devasso e sem disposição de se poder defender, e muito menos de resistir, principalmente porque a gente não leixava cada dia de lhe fugir, leixando já alguma parte de sua fardagem, partiu um domingo com voz de se ir a Lisboa, em que n'aquelle dia queria entrar. Mas isto se fingio assi por tal, que a gente na esperança de se salvar fosse com elle e não lhe fugisse mais, e ante do meio dia se alojou logo a além d'Alverca, em um ribeiro que se diz d'Alfarrobeira.

E o assento de seu arraial na maneira em que estava, foi d'aquelles que nas cousas da guerra tinham bom conhecimento muito louvado; porque havia n'elle disposição natural e artificial para poucos se defenderem a muitos, e alli houve o Infante por melhor esperar sua ventura e não seguir ávante, assi porque foi logo avisado da guarda de Lisboa, que de todo estava irada contra elle, como porque tinha ainda esperança que quando El-Rei sobre elle chegasse e o visse, que teria lembrança de quanto serviço lhe fizera, e não se esqueceria d'outros muitos seus merecimentos, com que lhe fizesse algum bom e seguro partido, e que para outros lh'o lembrarem e fazerem fazer não acabava de desconfiar do Infante D. Anrique, e d'outros muitos a que já fizera honra e mercê. E quando isto assi não sobcedesse, e o rompimento não se escusasse, que ao menos tinha escolhido lugar onde como Principe acabaria, e não sem alguma vingança.

E alli esperou El-Rei, que logo á terça-feira, vinte dias de Maio, pela manhã, chegou sobre elle, e mandou assentar seu arraial, de que o Infante ficou de todo cercado. E em vindo El-Rei com suas batalhas para chegar ao Infante, o conde d'Abranches sahiu e foi vêr sua gente, de cuja somma, gentileza e percebimento foi muito maravilhado, e em volvendo como quer que de praça para esforço dos seus mostrasse e dissesse o contrario, porém ao Infante não encobriu a verdade, a quem desenganou da pouca esperança que em sua resistencia e forças devia ter, e alguns disseram que o conde pedira e requerera ao Infante, vista a desigual comparação que havia de uns a outros, que só se fosse e salvasse, e o leixasse com sua gente alli, onde folgaria acabar por seu serviço, e que o Infante não quizera. Mas, o que mais verdadeiramente ácerca d'isto se deve crêr, é que o conde pela certa sabedoria que tinha

do proposito do Infante, que era morrer, e pelo consagramento que ambos por isso tinham feito, não lhe cometteria nem ousaria cometer tal cousa, em que ao menos ficava o Infante por fé perjuro e fraco.

## CAPITULO CXXI

\_Como El-Rei chegou sobre o arraial do Infante D. Pedro, e como por caso e sem deliberação se seguiu sua morte\_

El-Rei trazia já determinado por aquelle dia em que sobre o Infante chegou não o cometer, nem lhe dar combate algum, e dizem que com algum fundamento de bem para o Infante, e porém por seus trombetas e Reis d'armas e arautos mandou em torno do arraial do Infante dar espantosos pregões, mandando a todas as pessoas que com elle eram, que logo sob grandes penas com suas armas o leixassem, e se viessem a El-Rei. Ao que nenhum dos do Infante obedeceu, antes do arraial d'El-Rei se lançaram com o Infante pelo amor que lhe tinham, Fernão da Fonseca, seu criado, alcaide de Lisboa, que por este caso sahiu depois de seu siso, e assi acabou; e João Vogado, que depois foi escrivão da fazenda d'El-Rei, e estes escaparam, e Rodrigo d'Anellos, bom cavalleiro, e um Gonçallo Fernandes, que fôra corregedor da côrte, que ambos logo ali morreram.

E no travamento que n'este dia sem mandado d'El-Rei nem de seus capitães houve de uma gente com a outra, de que se seguiu a morte do Infante e do conde d'Abranches, houve muitas opiniões, porém aquella que os de mór auctoridade affirmaram é esta:

Andando as gentes de uma parte e da outra provendo suas necessidades, buscando os cercados do Infante maneiras para se defender, e os mais d'El-Rei para ofender, aconteceu que certos besteiros da gente d'El-Rei tomaram uma encuberta, e se meteram escondidos em um arvoredado que sobre a agua hi estava, d'onde sem serem vistos faziam tiros aos do arraial do Infante, de que alguns desavisadamente cahiam mortos e feridos. E Alvaro de Brito Pestana, que tinha então carregado dos espingardeiros d'El-Rei, lhes mandou outrosi, que de um cabeço em que estavam tirassem aos do Infante, em que se fez algum dano, e o Infante vendo começos de tanto mal, pelo em alguma maneira desviar, mandou poer fogo a algumas bombardas que trazia encarretadas, e que tirassem aos do cabeço, de que cria que o dano recebido procedia, d'onde por máo tento e pouco resguardo d'algum bombardeiro dos do Infante sahiu a pedra de uma bombardas que foi dar junto com a tenda d'El-Rei, sobre que muita e nobre gente logo acudiu, cuidando que na pessoa d'El-Rei fizera algum dano como publicamente se disse, o que não fez.

E porém foi por isto tanto o alvoroço na gente de El-Rei, e com tamanha indignação contra o Infante e os seus, que logo sem outro mandado nem repartida ordenança de peleja como se esperava, guiados sómente de sua sanha, deram mui fortemente no arraial do Infante, e romperam e entraram por muitas partes, cuja gente, e pela maior parte de pé, não podendo sofrer tanta força, com tamanho medo e perigo esquecidos do amparo e defesa do Infante, o leixaram e começaram de tomar a fugida por sua salvação, e o Infante vendo tamanha afronta, andando a cavallo se poz logo a pé com leves armas, socorrendo aos lugares de mór necessidade e fraqueza com grande esforço, o qual por armas defensivas trazia sómente vestida uma cota de malha, e em cima uma jorne de veludo cremesin, e na cabeça uma servilheira. E vendo elle que sobre a parte de sua estancia que era já rota recrecia a mór afronta de peleja, acudiu ali com muita

trigança e ousadia; porque em caso que a vil gente lhe fugisse, não falleceram outros muito bons que com esforçados corações oferecendo já suas vidas á morte sostinham e defendiam sua querella, tanto quanto e suas forças era possível. E como quer que o Infante d'alguns cavalleiros de sua guarda fosse requerido que se retraisse, aconselhados da força e multidão da gente que viam contraira, a que não podia já resistir, elle o não quiz fazer, antes com sua cara esperta e segura, posposto todo o medo e perigo, rompendo por sua gente em que já via muitos mortos e feridos, seguiu adiante, e não com ociosidade do seu braço direito, com que segundo testemunho dos que o viram, álem d'outros que feria bravamente, dez escudeiros de seu ferro ficaram alli mortos, e andando o Infante assi revoltado n'esta peleja foi nos peitos ferido de uma seta que lhe atravessou o coração, de que a poucos passos e menos horas cahiu logo morto, sem antes nem depois receber outra ferida, e o bésteiro que o ferio bem foi conhecido e havido por assaz destro em seu officio, o qual com outros de seu mester segundo fama, foram em especial pelos inimigos do Infante escolhidos e ordenados contra elle, para mais cedo abreviarem sua morte, a qual elle recebeu com sinaes de verdadeira contrição e grande arrependimento de seus pecados, que deu piedosa esperança da salvação de sua alma, pelos quaes sinaes o Bispo de Coimbra, que sobre elle logo acudio, o assolveu em lhe a alma saindo da carne; porque não houve tempo de confissão, que elle nas derradeiras palavras de sua vida afincada e devotadamente pediu; e porém elle no mesmo dia fôra confessado e absolto, e fizera em seu testamento que deixou algumas adições, porque claro pareceu que acabou como sempre viveu, catolico e bom christão, e leal vasallo e servidor d'El-Rei, em idade de cincoenta e sete annos.

## CAPITULO CXXII

\_Como o conde d'Abranches tambem logo foi morto, e como acabou como esforçado cavalleiro, e do que se mais seguiu no cabo da batalha\_

O conde d'Abranches andando a cavallo em outra parte do arraial, provendo e resistindo em sua estancia como bom e ardido cavalleiro, a muitas afrontas que o perseguiam, um moço chegou a elle e chorando lhe disse:

«Senhor conde que fazeis; porque o Infante D. Pedro é morto». E o conde com quanto esta embaixada era de morte, que sem escusa nem dilação desafiou logo sua vida, elle com a cara segura e o coração esforçado disse ao moço «calla-te e aqui o não digas a ninguem». E com isto ferio rijamente o cavallo das esporas, e foi-se descer em seu alojamento, onde sem alguma torvação pediu pão e vinho, de que por esforçar mais seu esforço comeu e bebeu alguns bocados, e tomou suas armas para com ellas honrar sua sepultura, que era a terra em que havia de cair, e sahio a pé pelo arraial, que de totalas partes era já entrado e vencido, e como foi conhecido logo os d'El-Rei uns sobre os outros carregaram sobr'elle cometendo-o de todas as partes para o matar, mas elle logo com uma lança que cortaram, e depois com sua espada os feria e escarmentava de maneira, que os que a primeira vez o cometiam, de mortos ou feridos não volviam a elle a segunda, e assi pelejou um grande pedaço como mui valente e acordado cavalleiro, não sem grande espanto dos que o viam trazendo as mãos e todas suas armas cheias não de seu sangue mas de muito alheio que espargeo, porque emquanto andou em pé e se pôde revolver, nunca sua carne recebeu golpe que a cortasse. E em fim vencido já de muito trabalho e longo cansaço, disse em altas vozes;--\_Ó corpo,

já sinto que não podés mais, e tu minha alma já tardas--e com isto se leixou cair tendido no chão, e uns dizem que disse,--\_ora fartar rapazes\_ e outros \_ora vingar villanagem\_. Cujo corpo que já não resistia, foi logo de tantos golpes ferido, que em breve despedio a alma de si para ir acompanhar a do Infante como lhe tinha promettido, e alli um seu amigo, que não usou do que devia, lhe cortou e levou a cabeça com que a El-Rei foi pedir acrescentamento e honra de cavallaria, e o tronco ficou no chão feito em pedaços, até que por requerimento de João Vaz d'Almada seu irmão bastardo, que era vedor d'El-Rei, houve logo enterramento no campo, e depois sepultura honrada.

E os outros fidalgos e nobre gente que eram com o Infante, vendo tão claro seu destroço, cada um desamparou a defesa das estancias que lhe foram encomendadas, e como desesperados das vidas não lhe fallecendo o coração e acordo para vingarem suas mortes, se soltaram pelo arraial á aventura que se lhes oferecesse, e em fim de mortos, feridos, ou presos não escapou algum.

E dos principaes da gente do Infante morreram ali: João Mascarenhas, alferes do Infante, e Luiz Gomez da Grã, que levava a bandeira de D. James, e um seu irmão, e Diogo Peixoto, e Rodrigo d'Anellos, e outros cavalleiros e escudeiros de boa sorte, e foram muitos feridos; e da parte d'El-Rei morreram principaes Ruy Mendez Cerveira, aposentador-mór d'El-Rei, e Fernão de Sá, alcaide-mór do Porto, e João Rodriguez Toscano, e assi alguns bons com outra gente de baixa condição, que fariam numero de até XXV.

## CAPITULO CXXIII

Da maneira que se teve com o corpo do Infante D. Pedro, e como foi vilmente tratado e soterrado\_

O corpo do Infante jouve todo aquelle dia sem alma descuberto no campo á vista de todos, e sob a noite o lançaram homens vis sobre um pavés, e o metteram hi logo em uma pobre casa, onde entre corpos já vazios d'almas e fedorentos, jouve tres dias sem candeia, nem cobertura nem oração, que por sua alma publica se dissesse nem ousasse de dizer, o que foi grande prasma e vituperio da casa real; porque a honra e acatamento que ali se devia, já não era do Infante morto sem sentido, mas era propria dos vivos que lhe fizessem, e da principal culpa de se isso assi fazer, El-Rei por sua mocidade e poucas experiencias passadas foi justamente então relevado, mas foi attribuida aos velhos e principaes da côrte, imigos do Infante, porque El-Rei n'aquelle tempo em tudo se governava; porque como lisongeiros e bafejados da fortuna, lhe faziam crêr que esta fôra batalha perigosa e campal, e de grande honra sua, em que por sinaes de victoria e triunfo, e por enxalçamento maior de seu estado, e por cerimonia acostumada convinha jazerem assi os corpos no campo da rota, das vidas e sepulturas privados, aniquilando em comparação d'esta a famosa batalha de Farsallia, em que Julio Cesar venceu Pompeo, e a de Canas, em que os romanos foram d'Anibal com tanto estrago vencidos. E isto não se fazia por honra nem estado d'El-Rei, pois claramente era magoa de sua corôa, e publico abatimento de seu sangue, mas ordenavam-no assi seus imigos por acrescentar no cume da desordenada vingança.

## CAPITULO CXXIV

Exclamação á morte do Infante D. Pedro

Ó inconstante fortuna, quão secreto segredo é o de tua variavel condição e semelhança de grande poder! Quem se fiará de ti, quem não haverá medo de ti, pois aquelles que com moderados giros alleventas no mais alto gráo da honra e da gloria, esses com apressadas voltas trocas e derribas em profunda pena, em deshonra mortal: os que hoje por tua ordenança fazes ricos, estimados, e grandes senhores, de manhã por tua desordem os tornas logo pobres abatidos em semelhança de servos, para cuja prova para que são outros passados e mais antigos exemplos senão este presente, lembrando-vos quem foi este excellente Infante D. Pedro, e agora vermo-lo fazer onde jaz; porque sendo Principe de tamanho estado, virtudes e grandeza, herdado de tantas terras e senhorio, e dotado de muitas mais bondades e virtudes, e sendo filho legitimo d'El-Rei D. João, Rei no mundo tão glorioso vencedor e nunca vencido, que por seu braço e esforço defendeu e acrescentou estes reinos, e parecia que tu, fortuna, por isso o servias e acatavas, e agora já não sómente vimos que o desconheces, mas ainda na propria patria em que nasceu e que honrou lhe denegas uma pouca de terra em que o metam, e um pedaço de panno grosseiro com que o cubram; hontem sendo vivo o serviam e honravam com razão grandes senhores, e hoje não acha quem morto o enterre, se não servos e pessoas mui vis.

Ó enganosa fortuna ou alguma outra força oculta; porque a este descreto e mui prudente Infante cegastes seu tão claro entendimento e limpo juizo, com que não entendeu o perigo de sua honra, e vida, e fazenda em que se meteo, e vós Infante D. Pedro como não apartastes com vosso siso, devoção, prudencia e lealdade de nevoas de tanta contradição, e a vossa vida e limpeza tão suspeitosas e contrairas; porque não tomastes a longura do tempo por cura de vossas paixões, e seguro remedio de vossos feitos, pois estava em vosso poder, e se haviéis que recebieis evidentes agravos e injustas perseguições, causadas contra vós do odio de vossos imigos, que vos faziam n'estes derradeiros dias avorrecer a vida, e por maior honra e descanso vosso desejar a morte como dizeis; porque vos não lembrava para a escusardes, que com ella haviéis de necessidade matar e desterrar e destruir vossa mulher e filhos, e os nobres mui honrados amigos, criados e servidores que tinheis, e vos haviam de seguir, dispensareis com vossa morte paixões e trabalhos por dardes a estes vida, segurança e descanso, pois o penhor e remedio d'isto era sómente viverdes, e vossa morte havia de ser o contrairo.

E tu fortuna imiga da razão e piedade com tua crueza assi o executaste; porque logo se viu o triste Infante sahir-se em Coimbra dos paços em que vivia, e sem algum resguardo de sua honra e estado, com medo da morte duvidosa, anda-la procurando certa pelas casas pobres e alheias, de maneira que fugindo crueza, parecia que a pedia avorrecendo piedade; vimos de seus filhos, D. James logo preso aparelhado para o cutello, e D. Pedro o maior fugido e desterrado em Castella, pedindo esmollas a quem já fizera mercê, e outros por escapar suas vidas vimos ir escondidos e mudados por terras estranhas, encobriendo com habitos e sinaes de pobreza suas mui nobres pessoas, que o real e mui alto sangue de que descendiam, em honra, abastanças e estado criara; vimos logo seus amigos, criados e servidores, uns mortos e outros presos e desterrados, e todos de suas honras, favores, officios, beneficios, rendas e patrimonios sem alguma misericordia de todo privados.

Ó mui excellente Rei D. Affonso, onde estava vossa piedosa humanidade, onde se escondeu n'este passo vosso singular agardcimento, grande

prudencia, e mui alto saber! Ó Divina Providencia! Ó Virtudes Celestiaes, pois com mãos não avaras os XVII annos d'este glorioso e mancebo Rei, n'este tempo dotastes de mais perfeições e bondades d'alma do que a outros Principes de muitos mais annos fizestes; porque tambem lhe não allumiastes seu mui angelico entendimento, com que perfeitamente conhecesse os falsos erros e claros enganos em que seus apaixonados servidores e conselheiros n'estes feitos o traziam emlheado e cego por tal, que do conhecimento d'esta verdade e limpeza, que nunca foi conhecida, se evitara a morte e perda de um tão perfeito e innocente Principe, que a elle mesmo Rei sobre todos era proveitoso e mais necessario, pois não é de duvidar que sua vida fôra sempre um forte freio e certa conservação da corôa e patrimonio real de seus reinos, e sua morte havia de ser o que foi redea solta de sua desoluição e encurtamento! Ó duque de Bragança e conde d'Ourem vosso filho; porque contra o Infante D. Pedro quizestes ser, e fostes principaes movedores e sós capitães d'esta feia e dorosa empresa!

Não foi certamente por hereje nem máo christão; porque suas obras o aprovavam por mui catholico e amigo de Deus. Nem seria por injusto nem incorrecto nas cousas da justiça, pois n'ella sua balança sem odio nem affeição foi sempre mui igual e direita. Nem prodigo e destruidor do thesouro e fazenda real, pois aproveitou e governou sempre com singular provisão e muita temperança. E se alguma cousa da corôa real tomou e emlheou para ser culpado, não foi para si nem seus filhos, mas foi sómente a que a vós e cousas vossas deu, nem seria por ser de fraco coração e não desposto para defensão dos reinos que regeu, pois sabeis com quanto esforço, deligencia e ousadia sempre os defendeu, procurando-lhe sempre paz e justiça, e nunca guerra nem torvação, pois certamente menos devera ser por desleal, ou por se sentir n'elle como tyranno alguma vituperada cobiça e danado desejo para reinar, segundo ao novo rei e a seu povo, para sua maior indignação fizestes entender, pois a todos foi notorio que não sómente se não achou contra elle culpa, porque verdadeiramente assi parecesse, nem se podesse bem conjecturar, mas ainda está claro, que durar a vida d'El-Rei tanto tempo em seu poder, e procura-la sempre com tanto amor e cuidado juntamente com sua mui real e perfeita creação o relevam contra si de semelhantes maginações, e de todo o alimpam d'esta errada suspeita, cá por suas muitas virtudes e grande lealdade teve como era razão a vida, saude e estado d'El-Rei em tanta veneração e resguardo, que além de se conhecer que sobre totalas cousas o amava, ainda parecia que o adorava, e se em seu coração entrara proposito tão reprovado, elle ou secreta ou artificialmente o privara da vida, para que teve largo tempo e boa disposição, ou o fizera criar e criara em tanta torpeza e danados costumes, com que não podendo os máos leixar nem dos bons aprender, se fizera para si mais dino de privação que da governança e regimento de nenhum reino, cujo defeito e indisposição causara requerer-se n'estes outro novo regedor ou rei como já outras vezes se fez, mas não se póde negar que El-Rei assi para Deus e para o mundo, como para si mesmo e para seus reinos e vassallos, foi tão altamente criado e ensinado tão perfeitamente, que a certidão d'isso que em sua real pessoa e mui nobre coração por evidencia de obras claramente se mostrava, fazia que nos reinos estranhos por sua louvada fama fosse desejado por seu proprio Principe, e nos seus propios servido e adorado por Rei; e porque o Infante D. Pedro tal o criou, bem se viu que por tal o amou e serviu sem alguma sua quebra nem defeito, usando seu officio de regente com tanta perfeição e cumprimento, que mais pareceu que acceitara tal cargo para sua pena e trabalho, mais que para sua gloria nem descanso, cujo galardão devera ser outro e não este que lhe procurastes, cá vos leixaste guiar d'odio, inveja e cobiça, com que lhe causaste a morte tão vituperada com tamanhas maguas em sua limpeza; mas porque com isto a bondade e justiça de Deus foi claramente offendida, elle como justo e

poderoso que é, não permittiu que tamanha culpa ficasse sem grave pena e justa vingança, pelo qual sua severa justiça e profundo saber, a que nada s'esconde ainda que fosse por tempos e passos tão vagarosos, quiz por castigo d'este e por enxemplo d'outros, que qual de vós irmãos infante e duque, em tantos males, mortes e desaventuras um ao outro tivesse a culpa, o neto do innocente, no neto do culpado com deshonrada e mortal pena de sangue igualmente a vingasse e justificasse depois, e assi se fez, como d'esta triste e espantosa execução depois de muitos annos passados a praça d'Evora foi publica testemunha, segundo em seus tempos e logares está mais declarado.

E acabados os tres dias o corpo do Infante por homens de prema, e com consentimento d'El-Rei foi levado em uma escada á igreja d'Alverca, onde porentão foi vilmente e com grande desacatamento soterrado; porque depois houve outras sepulturas, e com grandes cerimoniaes e solemnidades, como ao diante se dirá.

## CAPITULO CXXV

### \_Das feições, costumes e virtudes do Infante D. Pedro\_

O Infante D. Pedro por certo foi um singular Principe, dino de louvor entre os bons e louvados Principes que no mundo em seu tempo houve, homem de grande corpo, e de seus membros em todo bem proporcionado, e de poucas carnes; teve o rosto comprido, nariz grosso, olhos um pouco moles, os cabellos da cabeça crespos, e os da barba algum tanto ruivos como inglez; seu andar a pé era vagaroso e com grande repouso, suas palavras eram graciosas, com doce orgão de dizer, e nas sentenças mui graves e sustanciaes, e quando alguma sanha o tocava era sua cara mui temerosa, e porém não lhe durava muito, cá por siso ou condição natural, logo se lembrava de mansidão e temperança; foi algum tanto culpado em credeiro e vingativo, ainda que o desejo da vingança pareceu que não foi n'elle de grande e vicioso ardor, pois dilatou e temperou a que teve em sua mão, que para sua vida fôra mui segura e necessaria.

Suas roupas e trajos e maneira de viver, foram sempre de homem honesto, prudente e grande autoridade, e de moço até idade de LVII annos, em que acabou, sempre foi muito catholico temente a Deus, e de grande oração, e fez muitas esmolas. Honrou muito as pessoas ecclesiasticas a que sempre se escusou dar suas mãos a beijar, nem consentio estarem em gielhos ante elle.

Foi mui temperado em todolos autos da carne. Nunca se soube ter com alguma outra mulher carnal affeição, salvo com a sua propria, que legitimamente recebeu, com que ainda usava de grande temperança, cá como devoto e mui continente se apartava d'ella em todolos dias de jejuns, e dias outros solemnes da Igreja. E nas quaresmas com as roupas que de dia trazia, com essas de noite se lançava sempre vestido sobre palha, sem outra roupa nem cama ordenada; cada dia por sua devoção rezava as Oras Canonicas segundo costume romão, com outras muitas orações em que tinha devoção. Foi muito devoto do Arcanjo S. Miguel, por cuja devoção touxe por divisa as balanças; porque em sendo moço em uma doença que teve, foi de todos julgado por morto, e por um Martim Gonçalvez, capellão d'El-Rei seu padre foi assi levado ao altar da capela de S. Miguel, que está nos paços de Lisboa, a que foi devotamente encomenda-lo, d'onde milagrosamente logo retornou com vida e saude, em cuja memoria e por sua singular gratificação, com suas despesas proprias mandou fazer nos dias

que viveu casas e obras muitas piedosas, assi como a igreja da cerca de Penella, e S. Miguel d'Aveiro, e o mosteiro de Santa Maria da Misericordia, que deu á ordem de S. Domingos, e a igreja de Tentugal com outras.

Fez sempre uma mui louvada profissão do tempo, que nunca em seus dias lhe passou sem beneficio ou louvor; teve para todas as cousas horas certas e limitadas que nunca traspassou; deu a casa de Santo Eloy de Lisboa, em que jaz o Bispo D. Domingos Jarde, aos clérigos da ordem e regra de S. João Evangelista.

Foi Principe de grande conselho, prudente, e de viva memoria, e foi bem latinado e assaz mistico em sciencias e doutrinas de letras, e dado muito ao estudo; elle tirou de latim em linguagem o regimento de Principes, que Frei Gil Correado compoz, e assi tirou o livro dos Officios de Tullio, e \_Vegecio de Re Militari\_, e compoz o livro que se diz da \_Virtuosa Bemfeitoria\_ com uma confissão a qualquer christão mui proveitosa. E foi mui justo, de que lhe veiu sempre avorrecer os mãos, e fazer bem aos bons.

Foi muito verdadeiro e mui constante, e de mui claro entendimento; foi liberal com medida, e assi caçador e monteiro com temperança; porque o estudo em que se mais deleitava o privava de semelhantes prazeres; fez primeiramente usar que os Reis e Principes n'estes reinos comessem em publico, e fossem em suas mesas acompanhados, o que d'antes não faziam, cá pela mór parte sempre comiam retraidos; dizendo elle que suas mesas deviam ser escollas de sua côrte, para que costumava mandar lêr proveitosos livros, e ter praticas e disputa, de que se tomava muito ensino e doutrina.

Tirou as aposentadorias de Lisboa, e ordenou os estaos que deu causa a grande ennobrecimento da cidade, e assi fez outras muitas obras boas, e proveitosas ordenanças para o reino.

Porque sua alma recebera de Deus o galardão, pois em sua vida este mundo lhe foi tão ingrato.

## CAPITULO CXXVI

\_Do que a Rainha fez com a nova da morte do Infante seu padre\_

A Rainha D. Isabel mulher d'El-Rei e filha do Infante D. Pedro ficara em Santarem, onde em breve lhe foi dada a triste certidão da morte de seu padre, que ella com publicos sinaes de mortal dôr muito sentio e chorou, e não como alheia mas como sua propria morte, e não era sem causa; porque em caso que não houvesse n'ella tantos dias nem tão madura idade, de que se esperasse perfeito conhecimento nas cousas, era porém naturalmente abastada de muita discrição e prudencia com que sentiu bem, que além da grande perda que na privação de seu padre, não sendo vivo recebia, ainda sua vida com morte antecipada se dispunha a claro perigo como foi, e sobre tudo lhe dava mór tormento parecer-lhe que os amigos do Infante seu padre teriam com sua morte mais coradas causas a aprivarem e apartarem El-Rei seu Senhor d'ella, pois ante d'isto e sem alguma razão com grande instancia já o procuravam, como atraz fica.

## CAPITULO CXXVII

Como a Infante mulher do Infante D. Pedro soube de sua morte, e do que se fez de seus filhos

A Infante mulher do Infante D. Pedro era em Coimbra, onde sendo salteada com a nova triste de sua morte e da prisão de D. James seu filho, desejando achar quem logo a matasse, andava sem algum acordo de mosteiro em mosteiro, e por casas alheias, não por escapar sua vida que já avorrecia, mas por escusar á morte e prisão d'outros seus filhos que comsigo trazia, e não sem muitas lamentações e grandes prantos seus, e de muitas pessoas que a seguiam e acompanhavam.

Ficaram do Infante estes filhos, a Rainha D. Izabel mulher d'El-Rei, e D. Fellipa, que ella já trazia em sua casa em idade de sete annos, a qual não foi casada, e sem obrigação de religião, viveu e acabou mui honesta e santamente no mosteiro d'Odivellas, onde jaz, e o Senhor D. Pedro seu filho maior, que depois sem casar morreu em Barcellona, intitulado Rei d'Aragão, e D. James que depois foi Arcebispo de Lisboa e cardeal em Roma, e jaz mui honradamente sepultado em Florença, e D. João que morreu casado intitulado Rei de Chipre, e D. Briatiz que foi honradamente casada em Borgonha pela duqueza sua tia com Monseor de Cleves, de que nasceu o Filipe Monseor que foi lá Gram Senhor.

N'esta peleja foi preso D. James filho do Infante, e com elle muitos fidalgos e outra nobre gente do Infante, com que El-Rei acerca de suas solturas se houve com aquella nobreza e piedade que de tal Rei sobre victoria se esperava. E pelos ditos e testemunhos dos presos, foram logo tiradas inquirições sobre as culpas de desleal em que culpavam o Infante, e mais buscados para isso os cofres de suas escrituras, que no arraial foram tomados, e finalmente contra elle não se achou outra cousa, que com razão magoasse sua limpeza e bondade, salvo represando errado juizo por não obedecer ao conselho de se não mover de Coimbra e seguir opinião tão errada, como foi partir-se d'ella, onde se esperava era de crêr, que seus feitos andando o tempo tiveram bom remedio, e sua vida e honra receberam segura salvação.

## CAPITULO CXXVIII

Como os imigos do Infante procuravam que El-Rei se quitasse da Rainha, e quão virtuosamente El-Rei o fez com ella

El-Rei cumpriu alli no campo os tres dias, que para cerimonia do vencimento da batalha lhe fizeram crêr que eram necessarios, acabados os quaes despediu alguma gente do seu arraial, e com os Infantes, duque, e condes e prelados, e com outra muita e mui nobre gente, partiu para a cidade de Lisboa, onde foi mui altamente e com grande triumpho recebido, e alli por causa ainda do Infante se fez justiça crua d'alguns e mui innocentes.

E os imigos do Infante D. Pedro consirando no muito amor e grande afeição que El-Rei tinha á Rainha sua mulher, e no muito maior que ao diante com razão lhe poderia ter, com que o provocaria sempre para vingança e destruição sua, logo como viram a morte do Infante, lhe aconselharam e requereram, que para segurança de sua vida, bem e

assesego de seus reinos e vassallos se quitasse d'ella como de imiga, e já suspeita á sua real pessoa, e houvesse outra mulher, cá para Deos e para o mundo o podia e devia fazer. Allegando-lhe para isso muitas causas e razões que pareciam boas e necessarias, para cuja aprovação não falleciam autoridades e direitos, nem menos theologos e letrados induzidos que o confirmavam. Mas El-Rei em que havia bondades reaes e mui sã consciencia, e que nas virtudes e amor da Rainha tinha mui gram confiança, não deu a isso consentimento, antes para magoa e desfavor dos que tamanho erro lhe aconselhavam, o que elle muito estranhou, a mandou logo visitar e aconsolar a Santarem, e escusar-se com palavras de muito amor de a não ir vêr, e pedir-lhe que ella por si mesma o fizesse.

E com esta visitação de que a Rainha estava desesperada foi em sua paixão e tristeza mui satisfeita, e sem muito trespasso, sendo d'El-Rei primeiro certificada do modo em que a elle pelo mais contentar iria, deu logo ordem á sua partida; e ella com suas damas e casa, por accordo d'El-Rei, se vestiu com uma honesta temperança de dó. El-Rei sahio a recebe-la, e d'elle e de toda sua côrte foi com tanto acatamento e tão grandes cerimoniaes recebida, como até seu tempo nunca o foi outra Rainha, e na vista e fala que ambos logo houveram, pareceram mostranças de tanto prazer e contentamento, como se nunca entrevieram as desaventuras passadas.

## CAPITULO CXXIX

\_Como El-Rei fez aos Reis e Principes christãos uma geral notificação da morte do Infante, e das respostas que houve, e da embaixada do duque e duquesa de Borgonha, que sobre a morte do dito Infante e sua desculpa foi principal\_

E porque esta morte do Infante nos reinos e terras estranhas parecesse justa, hi logo em Lisboa firmaram os imigos do Infante uma instrucção contra elle, assaz feia e mui difamatoria, que El-Rei por escusa e justificação de sua morte enviou por seus messegeiros ao Papa e alguns Principes christãos, cujas respostas não vieram conformes a sua tenção, antes todos sem exceição, com apontamentos de muitos louvores e grandes merecimentos do Infante, enviaram acerca de sua morte muito reprehender El-Rei, avisando principalmente as paixões particulares e enganos dos de seu conselho, e escusando em alguma maneira sua pouca e não madura idade, pois tinha razão de se reger e governar por elles.

E porém El-Rei deu logo Guimarães ao duque de Bragança, que sempre requerera e lhe fôra denegado pelo Infante D. Pedro, e quizera haver a cidade do Porto, a que se seus cidadãos não resistiram, já a vontade de El-Rei era inclinada, e por esta maneira deu a villa de Portalegre ao conde D. Sancho, a que valeu a resistencia e leal porfia dos moradores.

E porém a principal embaixada que a El-Rei sobr'este caso do Infante veiu, foi uma do duque Felipe de Borgonha e da duquesa D. Isabel sua mulher, irmã do Infante D. Pedro, em que veiu por embaixador o Daião de Vergi, que com muitas causas e razões fundadas em razão e direito, o enviaram escusar e aprovar sua innocencia e limpeza e pedir para seu corpo a sepultura que lhe El-Rei D. João, seu padre, em sua real capella ordenara, e assi que se não negasse para sua mulher e filhos e criados amparo e piedade, a que pedio que fossem restituídas suas honras e fazendas.

E como quer que o effeito d'este requerimento, por contemplação do duque e de seu filho foi algum tempo suspenso, porém não tardou muito que por elle D. James se soltou, e se foi a casa da dita duquesa sua tia, e de sua mão enviado a Roma, onde pelo Papa Callisto foi feito Cardeal do titulo de Santo Estação, e após elle foi D. Briatiz sua irmã, que a duquesa com muita honra lá casou, como atrás já brevemente fica tocado.

E porque na primeira denegação que El-Rei fez á sepultura do Infante o dito embaixador requereu que lhe mandasse dar seus ossos para os levar a Borgonha, onde a duquesa sua irmã lhe daria sepultura honrada e merecida, receoso El-Rei de os furtarem da igreja d'Alverca, onde devassamente jaziam, os mandou tirar e levar ao castello d'Abrantes, cuja guarda e segurança encomendou a Lopo d'Almeida, que depois foi primeiro conde d'Abrantes.

#### CAPITULO CXXX

\_De como a judaria de Lisboa foi roubada, e a causa porque\_

E no fim d'este anno de mil e quatrocentos e quarenta e nove, certos moços christãos por travessura fizeram algum mal, ou sem razões a alguns judeus que andavam na ribeira de Lisboa, sobre que se agravaram á justiça e ao doutor João d'Alpoem, que era corregedor, o qual provendo sobrisso, mandou publicamente açoutar alguns d'elles, de que algum povo meudo e a voltas d'elle outras gentes que eram na cidade, assi se escandalizaram dos judeus, que sem mais outro acordo nem conselho, antes com grande onião e alvoroço, dizendo \_matalos e roubalos\_, cometeram a judaria pela porta que vem ao poço de Fotea, e a roubaram toda até o Poio, em que dos judeus que supunham em resistencia houve alguns mortos, ao qual insulto logo acudiram com muita força os officiaes da justiça, e principalmente D. Alvaro conde de Monsanto, que com suas forças atalharam o mais roubo e dano que se determinava fazer.

Foi El-Rei d'isto logo avisado por Pero Gaçalvez seu secretario, estando já com a Rainha na cidade d'Evora. E pedido com grande instancia, que a esta necessidade em pessoa quizesse prover, porque os rumores e alvoroços eram já taes na cidade, a que sem sua pessoa não se esperava resistir, á qual cousa El-Rei veiu em pessoa, e de muitos que pelo mesmo caso achou presos, mandou fazer publicas justiças, de que contra sua real pessoa se alevantavam oniões tão irosas, que houve por bem cessar de fazer mais cruas execuções; porque prendiam e puniam principalmente as pessoas, em cujas mãos as cousas do roubo por qualquer maneira se achavam; porque muitos que as não roubaram innocentemente padeciam.

#### CAPITULO CXXXI

\_De como foi o casamento da Inperatriz D. Lianor irmã d'El-Rei com o Imperador Frederico, e festas que por elle se fizeram\_

Tornou-se El-Rei a Evora, e na entrada do anno de mil e quatrocentos e cincoenta, houve cartas do Imperador d'Allemanha Frederico, que então se chamava Rei dos romãos, porque lhe prazia casar com a Infante D. Lianor sua irmã, segundo que fôra já apontado e requerido por El-Rei D. Affonso

Rei de Napoles e d'Aragão seu tio d'ella, sobre a qual cousa El-Rei veiu ter côrtes geraes em Santarem, em que foi acordado que o dito casamento se fizesse, para cujo dote o reino com pedidos satisfaria o que fosse razão e se concordassem.

Foi logo para isso ordenado por embaixador o doutor João Fernandez da Silveira, homem fidalgo prudente e grão letrado, que depois foi o primeiro barão d'Alvito. O qual no mez de Junho do dito anno se partiu e foi á côrte do dito Rei de Napoles, onde com os embaixadores e procuradores do Imperador, que para o caso eram hi vindos, o dito doutor por meio do dito Rei a que tudo ia cometido, concertaram o dito casamento, de que fizeram autenticos contratos, e assinaram tempo certo a que o dito Imperador enviaria sua embaixada com seu suficiente procurador, para em seu nome receber por mulher a dita Infante, que havia de ser na entrada do anno que vinha de mil quatrocentos e cincoenta e nove, e logo levada a Allemanha. Da qual cousa sendo El-Rei logo avisado, se foi com sua côrte a Lisboa, onde entrou a uma quarta feira XXIII de Junho, que por acerto foi bescora do Corpo de Deos e de S. João juntamente, onde quiz que o dito recebimento e entrega se fizesse com grandes e reaes festas, para que fez grandes provimentos e deu muita pressa.

E os embaixadores do Imperador que eram dois, tardavam já mais tempo do que fôra concordado, e a causa d'isso foi, porque em Castella no caminho de Santiago, a que vieram em romaria, foram roubados e deteudos, os quaes topou em seu destroço em Portugal, na Arrifana de Santa Maria, Afonso Nogueira, Bispo de Coimbra, que d'hi a pouco tempo logo foi Arcebispo de Lisboa, os quaes ambos eram homens de ordens sacras e letrados, um se dizia confessor do Imperador e outro seu capellão, e vendo Affonso Nogueira sua necessidade, e que não vinham em auto e casamento haviam de fazer, determinou indo á mesma romaria de Santiago se volver com elles, a que com suas despezas, prata e cama e servidores, mandou servir e prover com muita nobreza e em grande cumprimento, e em Coimbra fez comprar muitos pannos finos, de que a elles e aos seus mandou fazer de vestir, segundo ás pessoas de cada um pertencia. E com elles leixou hi todo provimento com que de seu vagar se fossem a Lisboa, para onde elle se adiantou; porque avizasse El-Rei do que lhe cumpria, e logo ao caminho se tornou aos ditos embaixadores, com que foi por Villa Franca, onde o Infante D. Anrique os recebeu com festas e mui manificamente, e foram dormir ao Lumiar quinta feira trinta dias do mez de Julho do dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e um, e ao outro dia foram recebidos de toda a côrte e cidade com muita e mui nobre gente, e de caminho foram decer aos paços d'Alcaçova. Em que El-Rei na sala grande, que para isso estava em grande perfeição aparelhada, os recebeu assentado em sua cadeira triunfante, posta em seu estrado real, acompanhado de muitos senhores e fidalgos como o auto requeria, e aquella hora não foi mais que d'encomendas e visitas, com as quaes feitas se despediram e foram aposentados nos estaos do Rocio onde lhe foram aparelhadas as casas necessarias como a taes pessoas cumpria. E assi lhe foram ordenados mantimentos e provisões, e outras cousas de graça em muita abastança.

E os ditos embaixadores repousaram alguns dias, dentro dos quaes depois de vistos e examinados os contratos do dito casamento, e assi os poderes que traziam para o fazer, o recebimento entre a Imperatriz e o procurador do Imperador se ordenou de fazer, e fez solemnemente por palavras de presenente nos paços do duque, que são junto com S. Cristovão, a um domingo IX dias de Agosto de mil e quatrocentos cincoenta e um, ao qual foram El-Rei, e o Infante D. Fernando seu irmão, e o Infante D. Anrique seu tio, e condes e perlados e muitos nobres

senhores, e assi foi a Rainha com a Infante D. Joana, e com muitas outras donas e donzellas de grande condição.

E por honra e memoria d'aquelle dia depois do casamento acabado, a requerimento da Imperatriz e dos embaixadores, outorgou El-Rei dificeis perdões de mui rigorosos casos, e fez quita de grandes dividas, que para outras pessoas particulares lhe foram requeridas. E houve aquelle dia convite real de vinhos e frutas em uma notavel perfeição, e assi muitas danças e festas em toda a noite. E depois em todos os dias que a Imperatriz esteve na cidade ante de sua partida houve sempre mui suntuosos banquetes, em que d'El-Rei e da Rainha foi muitas vezes convidada, e assi os embaixadores e Infantes, como em ricos momos que o Infante D. Fernando por si fez, e outros de muito mór riqueza e singular invenção, que o Infante D. Anrique mandou fazer, com outros de muitos senhores e fidalgos, e sobre todos o d'El-Rei, em que desafiou os cavalleiros para as justas reaes, que manteve na rua Nova, com condições mui excellentes e de grande gentileza, e assi propostos grados e empresas mui ricas para quem mais galante viesse á tea e assim melhor justasse. A que o Infante D. Fernando veiu com seus ventureiros vestidos de guedelhas de seda fina como selvagens, em cima de bons cavallos envestidos e cubertos de figuras e côres d'alimarias conhecidas, e outras diformes, e todas mui naturaes, e o Infante D. Fernando por melhor justador venceu então o grado, que foi uma rica copa de que fez logo mercê a Diogo de Mello. E assi vieram outros seis ventureiros do Infante D. Anrique ricos e em bõa ordenança, e após elles outros muitos, que no primeiro dia e em outros quatro que El-Rei manteve justaram, em que se fizeram notaveis e maravilhosos encontros. E depois das justas houve touros, e canas e mais momos e banquetes e muitos entremezes de grandes invensões, e com muita custa.

## CAPITULO CXXXII

\_Da partida da Imperatriz d'estes reinos, e das pessoas que com ella foram\_

E finalmente sendo já todas as pessoas ordenadas, e navios e cousas prestes para a partida da Imperatriz, uma segunda feira XXV dias d'outubro ante de embarcar e se meter no mar, ordenou El-Rei que fossem todos ouvir missa á Sé, para onde El-Rei foi diante com a Imperatriz, e após elles a Rainha, e com ella o Infante D. Fernando, e logo a Infante D. Caterina que levava o Infante D. Anrique, e após ella a Infante D. Joanna com que ia o marquez d'Ourem, e estas pessoas reaes foram todas a cavallo, e a outra gente que era muita e mui nobre, assi homens como mulheres foram todos a pé.

E como entraram na Sé a Imperatriz se foi á cortina d'El-Rei, e com ella as Infantes suas irmãs, El-Rei se foi para a da Rainha, que por ser prenhe e ter na emprehidão fortes accidentes se retraiu a uma capella da charolla em que ouviu missa.

Foi a principal missa dita em Pontifical e mui solemne, e com pregação á partida e auto consoante, acabada a qual, e dada a benção pelo Bispo de Ceuta com muita solemnidade e devoção á Imperatriz, abalaram todos até á porta da Sé, d'onde a Imperatriz com muitas lagrimas se despedio da Rainha que não pôde mais ir, e de hi El-Rei com todos os outros senhores e senhoras se foi com a Imperatriz a pé, até o cais da Ribeira, em que era feita uma ponte de toneis, porque entraram em uma carraca que para

ella se armou e concertou em grande perfeição.

E á primeira era ordenado que com ella fosse o Infante D. Fernando, e elle o desejou e procurou assi pela acompanhar mui honradamente, segundo a pessoa que era, como por ir vêr El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio que muito desejava. E em fim El-Rei o não houve por bem, e foram com ella o conde de Ourem, que então fôra feito novamente marquez de Valença de Minho, e a condessa de Villa Real a Velha com muitas donas e donzellas, e o Bispo de Coimbra D. Luiz Coutinho, e Lopo d'Almeida, e Pero Vaz de Mello, regedor da casa do cível de Lisboa, e Alvaro de Sousa, mordomo mór, e Affonso de Miranda, e Gomez de Miranda, e Gomez Freire, e João Freire, e D. Diogo de Castello o Velho, e Fernão da Silveira, e Martim Mendez de Berredo, e outros muitos cavalleiros a que então foram ordenadas quinhentas e oitenta emcavalgadas, e para sua embarcação levaram duas carracas e seis náos, e duas caravellas; e porque depois da Imperatriz ser embarcada sobrevieram ventos contrairos, ella sem sair da carraca esteve no porto sobre ancora muitos dias; e porém como Deos deu vento de viagem, partiram de Lisboa e foram a Ceuta a cinco dias de Dezembro.

E a Imperatriz com todos sahiu em terra, e foi de pé em romaria a Santa Maria d'Africa. Era então capitão de Ceuta o conde D. Sancho, que com as festas que pôde lhe fez muito honrado recebimento, e deu banquetes na terra, e assi muito refresco para o mar. E d'hi fizeram vella, e passaram ao mar grandes e perigosas tromentas, e em fim aportaram a salvamento em porto Liorne, junto com Pisa, bescora de Santa Maria Candelaram, primeiro dia de Fevereiro.

#### CAPITULO CXXXIII

\_Como a Imperatriz chegou á Italia e foi do Imperador recebida, e assim como ambos foram pelo Papa recebidos e coroados em Roma\_

E dos moradores da cidade de Pisa em que entrou foi altamente recebida, e foi a tempo que o Imperador esperando já por ella estava em Italia na cidade de Sena; d'onde logo enviou a ella o duque de Saxim e dois condes e quatro barões, e algumas outras senhoras d'Allemanha, e tambem Eneas Silvio, que então era bispo da dita cidade de Sena, e depois foi Cardeal, e tambem Papa chamado Pio segundo, com que de Pisa veiu com grande honra até a dita cidade de Sena, em que entrou a primeira quinta feira da quaresma. D'onde sahiu logo fôra o duque Alberto, irmão do Imperador, e depois El-Rei d'Ungria, moço acompanhado de rica e mui nobre gente, e o Imperador a esperou á porta da cidade da parte de dentro, acompanhado de dois Cardeaes, todos a pé, e a Imperatriz se deceu, e lhe quizera beijar a mão, e elle não quiz.

E depois de suas falas e arengas publicas, que por oradores alli se fizeram, se foram ás pousadas, onde por memoria d'esta primeira vista no proprio logar em que se primeiro viram está uma coluna de marmore mui alta com o escudo Real de Portugal, que o dito doutor João Fernandez da Silveira, embaixador, que era presente, mandou fazer.

E depois de se alli em Sena fazerem muitas festas e prazeres por alguns dias, o Imperador e Imperatriz partiram para Roma, onde tinha o Sumo Pontificado o Papa Nicoláo quinto, que depois de o Imperador fazer certos juramentos e solenidades, a que os Imperadores de Roma são obrigados, os mandou receber com o Collegio dos Cardeaes, e com toda a

côrte romana, que é a mór honra que se póde fazer. Entraram a nove dias de Março do anno seguinte de mil e quatrocentos e cincoenta e dois. E da porta da cidade onde os veiu receber uma solemne procissão, foram logo decer á Igreja de S. Pedro, onde o Papa nos degrãos da porta principal os veio receber, e depois de lhe beijarem o pé, e fazerem o divido acatamento, o Papa com grande alegria e muita honra os levou dentro ao altar de S. Pedro, onde depois de fazerem oração se tornou com elles ás portas, d'onde por aquelle dia se despediram para as pousadas.

E aos quinze dias houve missa papal em S. Pedro muito solene, a que o Imperador e Imperatriz estiveram, e alli o Papa lhes fez as benções que a Santa Egreja aos novos casamentos ordena; porque sem isso houveram por bem que o matrimonio entre elles se não consumasse nem consumou, salvo em Napoles depois da quaresma toda passada; porque assi o tomaram por devoção.

E aos vinte dias do dito mez no fim da outra missa do Papa, elle com grandes solemnidades e maravilhosas cerimoniaes, por suas mãos em S. Pedro os ungiu e coroou, e hi com grandes triunfos foram sem o Papa levados a S. João de Latrão, e ao passar da ponte de Santangelo, indo de caminho fez o Imperador cavalleiros o duque Alberto seu irmão, e El-Rei d'Ungria seu sobrinho, que vinham com elle. E assi outras muitas pessoas de grande valor. E ao outro dia tornou a fazer outros em S. Pedro ao pé da veronica, em que foi o dito embaixador João Fernandez, que depois foi o primeiro barão d'Alvito como já disse. Acabadas as quaes cousas o Imperador e a Imperatriz ante de se irem para o imperio, a XXVII dias de Março partiram para Napoles vêr El-Rei D. Affonso, que em bspora de Pascoa lhe fez tão ricos e suntuosos recebimentos e festas, que com razão por sua grandeza, nobreza, e manificencia apagaram a memoria de todolos excellentes, que até seu tempo se fizeram, e d'alli tornaram outra vez junto com Roma, e de hi fizeram seu caminho para Allemanha, e d'este Imperador e Imperatriz nasceu Maximiliano, que depois da morte de seu pae foi Rei dos romãos.

#### CAPITULO CXXXIV

Dos filhos que a Rainha pario, e de como o Infante D. Fernando secretamente se foi d'estes reinos, e logo tornou a elles\_

A Rainha D. Isabel ao tempo d'estas festas era prenhe da primeira vez, e pario em Cintra um filho, que houve nome o Principe D. João, e em menino logo falleceu, e depois pario logo a Infanta D. Joana, que sempre se chamou Princesa até o anno que vinha de mil e quatrocentos e cincoenta e cinco, em que o Principe D. João nasceo, e depois se chamou Infante, e falleceu honestamente sem casar nem obrigação de religião dentro no mosteiro de Jesu d'Aveiro, em idade de XXXVI annos no anno que vinha de mil e quatrocentos cincoenta e seis, e no anno de mil e quatrocentos cincoenta e sete El-Rei se foi a Evora, onde o Infante D. Fernando seu irmão, segundo alguma opinião, teve com elle alguns requerimentos a que El-Rei, segundo sua vontade não satisfez. Pelo qual o Infante, ou descontente d'isso, ou desejando acrescentar seu nome e honra na guerra d'Africa, como outros disseram, ou com desejo de ir vêr El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio, que por não ter filho herdeiro legitimo, tinha esperança que o dotaria por filho para sua sobcessão, determinou ir-se escondidamente d'estes reinos sem licença d'El-Rei, sendo já casado em idade de desoito annos. E para isso mandou a Lopo Fernandez Andorinho, seu estribeiro, que lhe fizesse como fez com grande trigança

e dissimulação aparelhar uma caravela na Foz d'Odiana, e como foi avisado que era prestes, partiu-se d'Evora secretamente dia dos Innocentes, que é a terceira Oitava do Natal, e com elle sómente Nuno da Cunha seu camareiro mór, e o doutor Vasco Fernandez, e dois moços da camara, e meteu-se n'ella com fundamento de tocar Ceuta.

Não foi El-Rei de sua partida sabedor salvo no outro dia, com que foi muito anojado, e mandou logo muitos fidalgos por todas as partes, avisados que por qualquer caminho que levasse o seguissem; e porque o Infante ao partir d'Evora por enlevar os que o seguissem, pôs o rosto em Moura com mostrança d'entrar em Castella, El-Rei que d'isso foi avisado, partiu logo para Mourão e d'hi porque não achou certo recado, partiu pelo rio d'Odiana abaixo sem algum repouso até que chegou a Crasto Marim onde soube que o Infante embarcara, e d'hi apressado se foi a Tavilla.

E ante que da mudança do Infante alguma cousa em Ceuta se conhecesse, chegaram a ella por mandado d'El-Rei, João de Mello alcaide mór de Serpa, e Galleote Pereira, que ao conde D. Sancho capitão de Ceuta notificaram o caso, e da parte d'El-Rei lhe encomendaram, que com gram diligencia e trigança mandasse guardar o estreito, para que se o Infante passasse como se presumia, em toda maneira até o avisar o detivesse.

Deu o conde a isso muita pressa e mandou logo armar fustas e caravellas, e esses navios do reino que tinha. E em se estas cousas aparelhando, estavam sobre o mar para isso postas atalaias, que n'elle descobriram uma gallé e uma caravela ambas juntas, e a galé era de um Peroso, cosairo italiano, que n'aquelle estreito andava d'armada, e na caravela vinha o Infante após quem o cosairo vinha, já avisado de quem era, e para o deter e não o deixar passar, se por ventura desviara a prôa de Ceuta, e o conde como houve conhecimento que alli vinha o Infante o foi em uma galeota logo receber ao mar, e com elle se veio ao porto onde com João de Sousa sómente entrou na caravela e lhe beijou as mãos, e o Infante sahiu, e foi logo a Santa Maria d'Africa, e tornou-se a apousentar, e o conde fez quanto pôde pelo agasalhar e servir em todo cumprimento e perfeição, e lhe entregou a vara da governança e capitania da cidade; mas o Infante havendo-a em sua mão e esforço por bem empregada, não lh'a tomou, e o conde como era de muitos annos e siso, depois de praticarem sobre sua partida, moveu o Infante ao que quiz, que foi conforma-lo com a vontade d'El-rei, para o qual o conde depois de concertar o assessego do Infante na gallé do cosairo, avisado bem de tudo logo partiu e o achou em Tavilla, com que El-Rei e o Infante D. Anrique e toda sua côrte crendo que vinha alli o Infante, foram postos em grande alvoroço, e os vieram receber á ribeira, e depois de o conde lhe dizer o fundamento do Infante, El-Rei com causas e razões evidentes, e que muito faziam ao resguardo de sua honra e estado, houve por escusado satisfazer á tenção do Infante, que era estar como fronteiro em Ceuta, a quem tambem logo mandou o conde d'Arrayollos com quem foram seus filhos, e o conde d'Atouguia, e o marechal, e após elles outros muitos fidalgos e pessoas principaes de todo o reino, para o Infante lhe dar fé, e o moverem logo para sua tornada.

E assi se tornou o conde D. Sancho, que no caminho tomou por força uma caravela com uma rica empresa de mouros e cavallos, e cousas outras muitas com que veio alegre a Ceuta. E elle e os outros declararam logo ao Infante a vontade e desejo d'El-Rei. E finalmente depois de o Infante ser por cartas d'El-Rei, e por os senhores que com elle eram mui perseguido acerca de sua volta para o reino; com especial porque na cidade morriam muito de pestenença, houve por bem faze-lo, sendo já diante partido o conde d'Arrayolos e D. Fernando, e D. João seus filhos, que o Infante tinha despedidos com fundamento de ficar em Ceuta alguns dias.

E ante de o Infante se meter no mar; por que o conde D. Sancho andava anojado por uma sua filha já mulher, e por o Arcebispo de Lisboa D. Pedro seu irmão, que uma em Ceuta, e o outro no reino ambos então falleceram, e em signal de tristeza trazia por elles grande barba, o Infante lhe rogou que a fizesse e tirasse o dó, e o conde para o fazer lhe metteu por condição que tambem fizesse a sua que ainda nunca fizera, de que ao Infante aprouve e assi o fez, e logo embarcou em navios, e com elle o conde D. Sancho, e o conde d'Atouguia, e outros muitos senhores e fidalgos, e passaram logo á ilha de Tarifa, e d'hi pelos lugares da costa do mar até Callez, recebendo o Infante dos castelhanos muitos e honrados presentes e grandes refrescos, e elle assim fazendo a muitos que lh'o pediam muitas mercês e esmolos.

E de Callez se foi a Crasto Marim, onde chegou quarta feira sete dias de Fevereiro do anno de mil e quatrocentos cincoenta e tres, onde estava o Infante D. Anrique, que no rosto e alegres mostranças com que logo recebeu o Infante seu sobrinho e filho, e nas festas e avondanças com que o tratou e os que com elle vinham, pareceu mui claro o grande e verdadeiro amor que lhe tinha, e alli esteve o Infante D. Fernando oito dias, nos quaes mandou fazer de vestir asi e a todolos senhores e fidalgos que com elle vinham, de muitos pannos de sêda e de lã que em Callez para isso mandou comprar.

E depois de se despedir do Infante seu tio se foi a Mertola, e d'hi a Beja onde El-Rei o esperava, que foi aos XVII dias de Fevereiro, que era a primeira sexta feira da quaresma.

Sahiu El-Rei tres legoas ao receber, em cuja vista elle e toda a côrte receberam muita alegria. E assi foram fallando até á villa, d'onde por mandado d'El-Rei sahiu muita gente a receber o Infante com muitas festas e prazeres.

E d'hi a poucos dias El-Rei por satisfazer ao descontentamento do Infante de que mais sua partida pareceu que procedera, lhe fez doação das villas de Beja e Serpa e Moura.

## CAPITULO CXXXV

\_Como o Gram Turco tomou a cidade de Constantinopola, e o Papa publicou cruzada contra elle, e El-Rei D. Affonso a tomou\_

E no Maio d'este anno de mil e quatrocentos cincoenta e tres, o Gram Turco chamado Mafamede tomou por cerco a nobre cidade de Constantinopola em Grecia, cabeça do imperio no Oriente, e a cidade de Pera com muitos outros reinos e provincias de christãos de Europa e Asia, sendo Papa na Santa Egreja de Roma Nicolau sexto, que de muito velho e anojado do caso a que quizera prover, logo falleceu e sobcedeu em seu lugar o Papa Calisto terceiro, de nação valenceano, em virtudes, saber, e esforço homem mui singular, e com a dôr da perdição d'aquellas cidades e terras, e aceso em um santo ardor de as cobrar, convocou e encitou para isso por seus breves e messegeiros todolos Reis e Principes christãos. Entre os quaes foi El-Rei D. Affonso, que como era Principe mui catholico e de grande coração, e em que o real sangue para mais honra servia, sendo ainda a Rainha viva, acceitou a empreza com promessa de servir a Deus n'aquella guerra com doze mil homens por um anno á sua custa, para execução do qual, em fazimento de navios e compras d'armas, e em outras

cousas a tal e tão longa viagem necessarias, fez grandissimas despezas, não sem grandes lamentações do reino, e em fim El-Rei por então desistiu d'aquella ida, assi porque lhe falleceu para isso muito dinheiro, como porque o Papa Calisto falleceu, que deu causa aos outros Principes christãos tambem desistirem. E assi juntamente porque foi certificado que El-Rei de Fez sabendo de sua partida fóra de seus reinos se aparelhava vir como veio sobre Ceuta; mas porque então achou a cidade com mais força e maior segurança do que fez fundamento, alevantou o cerco com proposito de logo tornar sobr'ella com mais artilharias, engenhos, e poder.

E tendo El-Rei muita frota e gente prestes, para a empregar como dizia, occorreram-lhe tres emprezas juntamente, a primeira era a necessidade que tinha de prover e remedear aos males e roubos que n'este tempo os francezes faziam no mar aos naturaes d'estes reinos, de que se os mercadores a El-Rei muito querelavam. A segunda cumprir sua promessa ácerca da guerra dos turcos, que já tinha publicada, e para que tinha feito muitos percebimentos. A terceira a ida d'África, com fundamento de tomar aos mouros algum lugar, com que de cercos e affrontas affrouxassem Ceuta, e sobre todas tres teve conselho.

E a primeira de tamanha frota andar pelo mar á ventura, houveram que era cousa duvidosa e não certa, e ainda com despeza e perigo. E a segunda de seguir a empreza do turco não menos por escusada, pois El-Rei ficava n'ella só, em que pela desigual comparação de poder que d'elle ao contrairo turco havia, sem duvida se perderia.

E porém o marquez de Valença e alguns que o seguiram aconselhavam El-Rei que esta sobre todas era razão que seguissem, pois o promettera e se esperava por isso em toda a christandade, tendo ainda por mór e mais forte contradicção, que devia ir por terra e não por mar, em cujo voto foi de todos confundido, e alguns tiveram que a tenção do marquez em dar e soster conselho de tantas contrariedades, não fôra se não por arredar El-Rei da affeição da Rainha, de que se muito receava por causa da morte do Infante D. Pedro seu padre, em que elle fôra o principal movedor. E finalmente a terceira de passar em Africa se houve por melhor, especialmente que presuppunha que El-Rei de Fez magoado de chagas novas, que com sua passagem tomando algum lugar receberia, viria sobre El-Rei que lhe daria batalha, e com ajuda de Deus o venceria, e porém as cousas sobcederam logo no reino de maneira, que este desejo e determinação se não pôde assi cumprir.

## CAPITULO CXXXVI

\_De como a Rainha pariu o Principe D. João e d'outras cousas a que El-Rei satisfez ácerca do Infante D. Pedro, e como casou a Rainha D. Joanna com El-Rei D. Anrique de Castella\_

E no mez d'Agosto do anno de mil e quatrocentos cincoenta e quatro, estando a Rainha em Almeirim empenhou do Principe D. João, e segundo El Rei D. Affonso affirmou, á hora de seu concebimento a Rainha trazia em um annel uma rica esmeralda, que por sua virtude especifica de guardar castidade lhe quebrou no dedo, e ella lastimando-se da pedra, El-Rei a confortou com esperança de cobrar por ella um filho, e assi foi.

E no anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco annos El-Rei se foi a Lisboa, onde a Rainha acabou com elle, assi por intercessão do Papa e

d'outros Reis e Príncipes que sob'isso tinham a El-Rei aficadamente requerido, como principalmente por seu amor d'ella, que com devidas exequias e cerimoniaes se dêsse ao Infante D. Pedro a sepultura que na capela d'El-Rei D. João seu padre lhe fôra apropriada, e que seus ossos fossem a ella trasladados com aquella honra e solemnidade que sem a desventura de sua morte merecia. Para o qual da egreja d'Alverca onde seu corpo foi logo soterrado e d'onde seus ossos foram por Lopo d'Almeida levados ao Castello de Abrantes, foi ordenado que d'ali ao tempo da trasladação fossem solemnemente levados a Lisboa, e d'hi á Batalha, como adiante direi.

E aos tres dias de Maio d'este dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco, em Lisboa pario a Rainha o Principe D. João, que aos oito dias logo seguintes na Sé da dita cidade foi bautizado pelo Bispo de Ceuta D. João, que depois foi Bispo da Guarda, e foi levado á pia nos braços do Infante D. Fernando, irmão d'El-Rei, e acompanhado do Infante D. Anrique, e das Infantes e senhores e senhoras do reino; foram padrinhos o duque de Bragança, e D. Vasco de Tayde, prior do Crato, e madrinha D. Briatiz de Vilhena, mulher de Diogo Soarez.

E d'ahi a um mez foi por todos os tres Estados do Reino solemnemente jurado por Principe legitimo herdeiro, e D. Joana sua irmã até então se chamou Princesa, e d'hi em diante Infante.

E as festas e prazeres que no nascimento do Principe, seu bautismo e juramento em Lisboa principalmente, e assi em todo o reino se fizeram, foram grandes e com muitas deversidades d'alegrias, que duraram por muitos dias, e em grande perfeição.

E n'este anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco, El-Rei D. Anrique o quarto de Castella, se quitou da filha d'El-Rei D. João de Navarra seu tio que tinha por mulher, e se concertou com El-Rei D. Affonso de Portugal, que lhe deu por mulher a Infante D. Joana sua irmã, que sem dote e com os sós corregimentos de sua pessoa, casa e camara, que foram muito reaes e de gram cumprimento, a recebeu por mulher em idade de XVII annos, e foi muito honradamente levada ao extremo d'estes reinos, e d'hi levada a Castella por a condessa D. Guiomar, e por o conde da Atouguia D. Martinho seu filho, que a entregaram a El-Rei, e além das festas que em Lisboa se fizeram mui grandes, houve tambem outras e honradas justas na Landeira; porque a Rainha entrou por Elvas.

## CAPITULO CXXXVII

Da treladação e exequias que se fizeram aos ossos do Infante D. Pedro, e como a Rainha sua filha logo falleceu, e os ossos da Rainha D. Lianor foram de Castella trazidos ao mosteiro da Batalha\_

E além do grande amor e affeição que entre elle e a Rainha havia, ainda pelo nascimento do Principe se dobrou muito mais, com que a Rainha já mais confiada requereu e pediu a El-Rei, que os ossos do Infante seu Padre como lhe tinha prometido não andassem provando tantas e tão vis sepulturas, e quizesse que fossem trazidos a Lisboa, e d'ali os levassem ao mosteiro da Batalha; porque alli faria por mais sua honra e mór seu estado.

E como quer que isto fosse pelo duque de Bragança e por seu filho o marquez muito contrariado, El-Rei posposto tudo o concedeo. Não querendo

porém que o senhor D. Pedro Irmão da Rainha, que depois da morte de seu padre andava em Castella desterrado, viesse a suas exequias e saimento, nem a este reino; porque o tinha por seu alvará assi prometido ao dito duque. E tinha dado ao Infante D. Anrique o Mestrado d'Avis, que tinha D. Pedro filho do Infante D. Pedro. Mas o Papa nunca lh'o quiz conceder, dizendo que se não podia confiscar nem elle o perder como as outras cousas seculares. Pelo qual os ossos do Infante com assaz honra foram logo trazidos ao mosteiro da Trindade de Lisboa, e d'hi ao mosteiro de Santo Eloy, onde foram em grande triumpho e muita veneração postos em tumba e estrado á vista de todos.

E concertado o dia em que os haviam de levar á Batalha, El-Rei e a Rainha se foram diante para os esperar no mosteiro da Batalha, a que foram chamados e vieram todolos senhores e senhoras principaes do reino, salvo o Infante D. Fernando, e o marquez de Valença, que tomaram outra opinião contraira ao prazer e contentamento da Rainha.

E o cargo principal da treladação e acompanhamento da dita ossada ficou ao Infante D. Anrique, o qual vestido não de dó preto, mas d'aluz escuro, e assi muitos senhores que eram com elle fez com muita pompa e grande cerimonia tirar a dita ossada do dito mosteiro de Santo Eloy, e com solemne procissão de Bispos e cabido, e muitas ordens e clerezia, que para isso foi junta, e com grande numero de tochas acesas a levarem á Sé. E d'hi pela rua Nova, acompanhada do Infante e de muita gente com que chegaram á Porta da Mouraria, e de hi se tornaram, e foi com ella o Infante D. Anrique com muitos senhores, que com grande honra e com muitas orações, que de continuo iam pela alma do Infante rezando, a levaram ao dito mosteiro da Batalha, d'onde El-Rei e a Rainha com solemne procissão acompanhada de muitos prelados, abades e clerizia e de muita e nobre gente sahiu a recebe-la.

E as senhoras e mulheres que alli foram, levaram algum sinal de dó que não foi de veos pretos, mas tintos como allionado escuro. Fez-se o dito saimento com essa, e com toda outra perfeição e solemnidade que se podia e devia fazer a um tal Principe natural, sem alguma magoa fallecido. Acabado o qual, entrando já o inverno, El-Rei e a Rainha se foram para a cidade d'Evora, onde a Rainha adoeceo logo de fruxo de sangue, de que nos paços de S. Francisco onde pousava, a dois de Dezembro do dito anno de mil e quatrocentos cincoenta e cinco logo falleceu, cuja morte foi d'El-Rei muito chorada e sentida, e assi de todos, em especial dos criados e servidores do Infante seu padre.

A causa de sua morte segundo foi accidental e arrebatada, por maginação dos mais foi attribuida a peçonha que dos imigos de seu padre por sua segurança disseram que lhe fôra ordenada, e como quer que para isso houve muitas conjecturas e presunções, porém da certa verdade Deus é o sabedor.

Foi seu corpo levado ao mosteiro da Batalha, onde jaz soterrado per si em uma capella do cruzeiro. E d'hi a um mez que foi no Janeiro seguinte de mil e quatrocentos cincoenta e seis, El-Rei lhe fez o mais honrado e solemne saimento que até então por Rainha d'estes reinos se fizera. A que vieram ao dito mosteiro todolos senhores e senhoras, e Prelado, abades e priores de todo o reino, e toda outra gente de sorte sem excepção.

N'este anno logo depois da morte da Rainha, El-Rei enviou pela ossada da Rainha D. Lianor sua madre, que jazia em Toledo onde falleceu como atrás fica, a qual com grande honra, e com muita e nobre gente foi trazida a Elvas, onde El-Rei com todolos grandes e Prelados de seu reino a foi receber, e a levou ao mosteiro da Batalha, em que com a devida

solemnidade e cerimonia, que em tal auto e a tão alta Rainha se requeria, foi lançada com El-Rei D. Duarte seu marido.

## CAPITULO CXXXVIII

Como El-Rei outra vez acceitou a crusada contra os turcos quando fez os Cruzados, e com os percebimentos que para isso fez passou em Africa e tomou aos mouros a villa d'Alcacere\_

E no anno de mil e quatrocentos e cincoenta e sete annos, veio a estes reinos por delegado do Papa Calisto, um Bispo de Silves português, homem de bom saber e grande autoridade, que a El-Rei trouxe a Cruzada contra os turcos, com grandes e piedosas graças e perdões da Sé Apostolica, assi como sobre o caso foram outros a outros reinos e provincias de christãos.

E El-Rei porque de sua real condição era para honrosos feitos mui inclinado, consirando a obrigação em que estava pela offerta e aparelho que para isso já fizera que não cumprira, vendo-se em melhor disposição e com menos pejos, por razão d'estar sem mulher, e que para segurança de sua direita sobcessão tinha filhos legitimos, elle com grande alegria e muita devoção, e com todas as pessoas principaes do reino acceitou a dita Cruzada. Na qual se offereceu servir com os ditos doze mil homens por um anno á sua custa, como d'antes prometera, para que tinha d'ajuda muitas armas que comprara, e navios que mandara fazer, e assi outras muitas cousas para tal perseguimento mui necessarias e proveitosas.

E fazendo fundamento, e crendo que todos os outros Reis e Principes christãos com suas pessoas, gentes e forças ajudariam como elle n'este santo proposito, mandou logo Martim Mendez Berredo, fidalgo de sua casa, e a elle mui acceito, a El-Rei D. Affonso de Napoles seu tio, para d'elle saber e se enformar muitas cousas que por seu aviso lhe cumpriam, e assi lhe requerer e trazer mandados e provisões suas, com que em seus reinos e terras, e principalmente em Secilia e na Pulha lhe desse por seu dinheiro bitualhas e mantimentos, onde El-Rei era aconselhado que com mais seu proveito e menos trabalho se podia fornecer, mas o dito Berredo não achou em Napoles nem Italia, aquelle percebimento nem desejo que para tal empresa cumpria, nem como El-Rei cuidava, de que logo avisou El-Rei.

N'este tempo e no fervor d'esta Cruzada, andava ainda desterrado em Castella o senhor D. Pedro, filho do Infante D. Pedro, que com muita paciencia de grandes necessidades e desaventuras, que em seu desterro suportava, e com uma louvada temperança, que em suas fallas e obras para El-Rei e para o reino sempre teve, obrigou e comoveu El-Rei para o retornar em seus reinos e lhe fazer aquella honra e mercê que elle por muitas causas merecia, especialmente porque o duque de Bragança, como viu a morte da Rainha, não o contradisse com tanta instancia nem com tanto receio, como em sua vida d'ella fazia; porque tinha uma promessa d'El Rei, que o dito D. Pedro em vida do duque sem seu prazer não viesse a estes reinos, da qual desistio. E El-Rei por isso lhe alevantou o desterro, e o convidou para a Cruzada, com fundamento de o levar comsigo, a que elle obedeceu, e veio a estes reinos bem acompanhado, e logo para a mesma Cruzada invencionado com muita gentileza foi d'El-Rei e da côrte com muita honra e gasalhado recebido, e El-Rei lhe leixou o mestrado d'Avis, de que ante de seu desterro e por morte do Infante D. Fernando fôra provido, e deu-lhe mais seu honrado assentamento, com que

sempre serviu mui leal e honradamente, até que de Ceuta se foi para Barcelona como se dirá.

E com o grande desejo e louvado alvoroço que El-Rei tinha para esta santa viagem, mandou novamente lavrar d'ouro fino sobido em toda perfeição, a moeda dos cruzados, em cujo peso e não preço mandou sobre todos ducados da christandade acrescentar dois grãos, por tal que por terras tão alongadas e nações tão diversas como as porque esperava de passar corressem e se tomassem sem alguma duvida; porque em seu tempo e d'El-Rei D. Duarte seu padre, de ouro não se lavrou outra moeda, salvo escudos d'ouro baixo, que em reinos estranhos se tomavam com grande quebra e muito pejo.

E tendo El-Rei com seu animo não menos catholico que esforçado, com innumeraveis despesas, feitas e aparelhadas todas cousas e provimentos que cumpriam, o notificou assi á mór parte de todos Reis e Principes e provincias de christãos. E finalmente nunca d'algum por verdadeira obra, nem sómente fingida mostrança, pôde entender que em seu piedoso trabalho e perigo tão conhecido, o teria por parceiro nem ajudador, antes claramente foi conhecido que se El-Rei por abatimento de todos tal movimento fizera, que por vingança da injuria e quebra que n'isso recebiam lhe ordenaram coisas com tal cautella, com que por força desistira da empresa, com muita despesa e pouca sua honra.

Pelo qual tudo bem visto e examinado em seu conselho que teve, ajuntando tambem outras muitas contrariedades e inconvenientes que no reino e fóra d'elle em muitas cousas e de grande perigo podiam recrescer, foi El-Rei finalmente e sem contradição aconselhado que na empresa da Cruzada se não entremettesse, e que repousasse, regendo em paz e justiça seus reinos e vassallos, até que a visse tomar e proseguir a outros Principes, e que então obraria n'isso como o tempo e a razão o aconselhassem, ou se quizesse por exercicio de sua devoção, e por elle parecer verdadeiro ramo dos excellentes e reaes troncos de que procedia, podia passar em Africa, e tomar aos infieis algum lugar em que Deus fosse servido, e sua fé mais acrescentada, pois era guerra da mesma calidade, e que a elle com mais honra e mór segurança d'Espanha mais pertencia. E este acceitou El-Rei por meio mais de sua inclinação e contentamento, e no conselho que logo sobr'isso teve foi acordado que fosse á cidade de Tangere, sobre que acordou de levar vinte cinco mil homens de combate, afóra a outra gente do mar e serviço, para que fez seus percebimentos, e ordenava passar logo n'este anno de mil e quatrocentos e cincoenta e sete. Ao que deu total impedimento sobrevir crua pestenença á cidade de Lisboa, onde da embarcação principal se fazia fundamento. Pelo qual El-Rei foi aconselhado que sobrestevesse e leixasse por então a guerra dos mouros pela não tomar com a ira de Deus e contra sua vontade.

E sobre esta determinação, que para seu desejo foi de mortal tristeza se passou á comarca d'entre Tejo e Odiana, e estando em Estremoz, por certidão que houve dos danos e roubos que dos franceses os seus vassallos no mar recebiam, acordava de mandar em guarda da costa o almirante Ruy de Mello com vinte náos grossas e outros navios, e com muita gente, em especial a mais limpa de sua côrte. E estando já tudo ordenado e provido, e a frota com as vergas altas para partir, vieram a El-Rei cartas do conde d'Odemira, que era capitão de Ceuta, como por avisos certos que tinha, El Rei de Fez vinha sobr'ella para a cercar, pedindo-lhe provisão e ajuda e socorro quando cumprisse. Da qual cousa sendo tambem avisado o Infante D. Fernando, veiu logo a El-Rei pedir-lhe licença para ir ao socorro, e assi o fez o marquez de Villa Viçosa, de que El-Rei se escusou; porque lhe descobriu que sua determinada vontade era passar em pessoa, e trabalhar por tomar algum bom lugar, com desejo

de vir em sua defesa e cobramento El-Rei de Fez, para lhe dar batalha e acabar com elle estes rebates, e elles assi o aprovaram.

E para socorro de Ceuta enviaram diante alguns senhores, com fundamento d'El-Rei ir após elles, mas não foi, porque El-Rei de Fez como deu vista a Ceuta logo seolveu. Porque esta determinação d'El-Rei ir sobre Tangere foi ao conde D. Sancho revelada, El-Rei por seu conselho a mudou, e converteu em Alcacer Ceguer com fundamento e razões que a bem de conquista e a necessidades do reino cumpriam, a que por sua evidencia que apontou, se deu inteira auctoridade. Pelo qual El-Rei acordou, que por razão da má disposição de Lisboa que ainda não cessava, sua embarcação fosse em Setuvel, e o marquez de Valença fizesse a outra no Porto, e o Infante D. Anrique a do Algarve.

E tudo se aparelhou e fez prestes com muita brevidade e trigança, para que foram ajuda e aviamento os percebimentos passados.

El-Rei, d'Estremoz se foi a Evora, e hi leixou seus filhos, e com elles D. Briatiz, e Diogo Soarez d'Albergaria seu marido, que por sua fidalguia, bondades, e grande saber foi dado ao Principe por aio, e até sua morte sempre o foi.

Veu-se El-Rei a Setuvel para logo embarcar, em que sobreveiu alguma torvação pela grande doença de febre em que achou o Infante D. Fernando seu irmão, de que Deus em breve o livrou, tendo elle já mandado que por não ficar o levassem, e assi doente em um leito o metessem no mar.

E um sabado, derradeiro dia de Setembro, do anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil quatrocentos e cincoenta e sete, depois d'El-Rei ouvir sua missa solemne e prégação mui devota, foi em procissão armado, e não de todas armas, até os bateis, acompanhado de sua guarda e de muita e mui luzida gente, e n'elles bem remados e ricamente toldados se foi á sua náó, que se chamava Santo Antonio, e com elle o Infante D. Fernando, e o senhor D. Pedro, que alli veiu com gentes e concertos que muito louvaram, e o marquez de Villa Viçosa com D. Fernando, e D. João, seus filhos, e D. Alvaro de Castro, e Pero Vaz de Mello, e outros muitos senhores e fidalgos, com que El-Rei do dito porto partio com noventa vellas.

E á terça-feira seguinte, tres dias d'Outubro, pela manhã, dobraram o cabo de S. Vicente, e chegaram á villa de Sagres, onde o já esperava o Infante D. Anrique, que a El-Rei e a todos os que saíram em terra fez falla em grande perfeição e abastança; era já hi o conde d'Odemira, que viera de Ceuta com quatro fustas e um barinel, e á quarta-feira foi El-Rei a Lagos, e á quinta-feira sahiu em terra e pousou no castello, onde esteve oito dias esperando as frotas do Porto e do Mondego e d'outros lugares, que alli todos chegaram.

El-Rei á terça-feira, que eram dez dias d'Outubro, se recolheu á sua náó porque todos se recolhessem, e á quarta-feira tornou logo a sair armado, com sua guarda diante, e todo o mais com maravilhoso e rico estado e grande gentileza, foi ouvir missa, e com elle todolos senhores que eram na frota. Acabada a qual El-Rei posto em meio de todos, com graciosa e alegre contenença, e com palavras cheias de devoção e grandeza, esforço e perfeita eloquencia, e com cautelas e fundamentos de bom e prudente guerreiro declarou sua ida sobre a villa d'Alcacere, louvando e agardecendo a todos com muita humanidade a diligencia e amor com que o tão honradamente vinham servir, offerecendo-se a lh'o conhecer com as honras e mercês, e acrescentamento que a cada um coubesse e merecesse. E em fim de sua falla, o Infante D. Fernando como pessoa mais principal lhe respondeu por todos, assaz bem e como cumpria. E em fim de suas

palavras, com os gíolhos no chão lhe beijou as mãos, e assi todos os principaes que hi eram, e á quinta feira XVII dias d'Outubro El-Rei partiu de Lagos com toda sua frota, em que por todas haveria duzentas e vinte vellas, e ao sabado porque o vento não terçou para tomar o porto d'Alcacere, foi El-Rei surgir pela manhã sobre a barra de Tangere, onde esteve aquelle dia e ao domingo, por recolher a outra frota que não chegava.

E n'estes dias andando El-Rei pelo mar, viu e contemplou bem a cidade, sobre que desejou que sua ida se mudasse, e acerca d'isso teve conselho bem aperfiado; porque a grandeza de seu coração não requeria menos empresa, e em fim se concordaram no primeiro proposito com que logo partiu, e á segunda-feira ao meio dia chegou a Alcacere, e com elle os navios mais pequenos que se podiam ter ás correntes do estreito.

Mandou El-Rei aparelhar e perceber, para logo tomar terra, e porque ambos os navios em que iam os Infantes não poderam ancorar com elle, e com forçadas correntes foram d'elle surgir duas legoas, e assi bem outras quarenta vellas, El-Rei os mandou a grã pressa chamar, e quando vieram já o acharam armado entre muitos bateis armados postos em sua ordenança para tomar terra, esperando pelo Infante D. Anrique que já tardava, e como o viu fez com muita viveza vogar rijamente os bateis á praia, que com muito esforço e acordo a tomaram todos juntamente, em que se não soube bem determinar quaes foram primeiros nem segundos.

Eram na praia até quinhentos mouros de cavallo d'aquella comarca, e muitos mais de pé, de que na resistencia que cometeram para defender a desembarcação morreram logo alguns, e elles tambem dos christãos feriam outros, e mataram ao sair, um Ruy Barreto, comendador da Ordem de Christus. Mas com tal pressa foram os mouros apertados, que uns para a villa, e outros para as serras d'onde vieram, todos se acolheram, e no encalço d'elles seguiu João Fernandez da Arca, fidalgo de bom esforço, e nas cousas do paço de seu tempo gracioso e mui ensinado. E tanto se chegou ao muro por vingar a morte que logo recebeo, que de uma pedra de cima do muro foi logo ao pé d'elle morto, de que por sua bondade e criação em toda a côrte houve grande sentimento.

E sobre a tarde depois de se repartirem os combates, e n'elles se assentarem as bombardas e ordenarem as mantas, e bancos, e escadas, que com muita presteza se tiraram da frota, El-Rei posto em um cavallo sezeliano, armado e acobertado com sua espada nua na mão, mandou cometer a villa com alguma mostrança de combate, para vêr sómente a maneira de fortaleza e defeza em que se os mouros punham, que n'elles foi assaz boa e com grande recado e esforço; porque com tiros de fogo e bestas que tinham, e pedras que não falleciam, faziam muito dano. Mas os christãos emprenderam tão de verdade, e com tanta força o combate, que El-Rei nem os Infantes os poderam recolher nem afastar d'elle, em que logo derribaram um grande lanço da barreira, e os cavalleiros e gente do Infante D. Anrique, com muito esforço e ardidez romperam e entraram por as portas da mesma barreira, e foram com muita ousadia cometer com engenhos as portas da villa, que por sua grande fortaleza não poderam quebrar; porque eram mui fortes, e forradas de mui grossas pastas de ferro. E sendo já de noite vendo o Infante D. Anrique o desejo e a determinação dos seus, socorreo alli com sua bandeira despregada, e com palavras de Principe tão prudente e ardido como elle era, os avivou muito mais para o combate, que á sua vista e com sua ajuda o fizeram sem alguma covardice. E El-Rei e o Infante D. Fernando seu irmão sentindo na gente do arraial o mesmo fervor e orgulho, que de victoria lhes davam mui grande esperança, mandaram ás trombetas fazer sinal de combate, que por todas partes se deu tão rijamente, e com tanta competencia de honra, que o que menos trabalhava, parecia que toda a empresa tomava sobre si,

a que ajudava muito e não favorecia pouco a presença d'El-Rei, que a todalas afrontas acudia, e com palavras de tanto acordo e esforço, de que todos eram maravilhados e mui contentes.

O Infante D. Anrique que n'aquelle officio era velho artificial, mandou á meia noite poer fogo a uma bombardada grossa, que no seu combate era assentada, com que aos mouros começou de fazer não menos dano que espanto, pelo qual desesperados já d'achar remedio de salvação em suas armas, nem defesa, a vieram buscar e procurar na piedade do Infante. O qual lhe respondeu que por quanto El-Rei seu Senhor era alli vindo por serviço de Deos sómente, e não por cobiça de seus resgates nem fazendas, que ao dito Senhor aprazia que elles se saíssem com suas mulheres e filhos, e cousas, e leixassem a villa com todos christãos captivos que n'ella estivessem, os quaes vendo tão determinada resposta, vencidos já de condições tão piedosas, lhe pediram que por aquella noite mandasse sobreeser no combate, do que ao Infante não prouve, antes o mandou mais avivar, e pediram após isso uma hora de sobresimento para haverem seu acordo, e o Infante muito menos lh'a deu, antes os desenganou que se fossem entrados por força, que todos sem resguardo nem privilegio de idade, com ferro haviam d'acabar suas vidas. Os quaes meios e concertos o Infante mandou logo notificar a El-Rei, e ao Infante D. Fernando, que de todalas partes esforçaram o combate, que era esforçado e não enfraquecia, pelo qual os mouros se remedearam, e deram nas primeiras seguranças e condições do Infante D. Anrique, e para aprovação de seu rendimento enviaram logo suas seguras arrefens, que foram levadas á tenda d'El-Rei com que o combate logo cessou. E ao outro dia quarta-feira pela manhã, os mouros saíram todos com suas mulheres, filhos, e fazendas sem algum receber nojo, dano, nem alguma outra semrazão, de que os mouros vendo tanta e tão segura verdade nos christãos, tomaram em seu mal muito conforto. Porque o Infante D. Fernando teve na saída d'elles cargo de sua segurança, e como acabaram de sair, que foi depois de meio dia, entrou El-Rei na villa a pé em procissão com os Infantes e senhores e outra nobre gente, e se foi á misquita, que foi logo tornada em igreja de Santa Maria da Misericordia, onde já estava posto um altar em que El-Rei fez oração, e elle e todos com muita devoção por tão segura victoria deram graças e louvores a Deos, porque segundo o lugar era de torres e muros mui forte, e tão provido de gente, bem pareceu tomando-se tão levemente como se tomou, que com a mão e graça de Deos se tomara, mais que com força nem poder dos homens.

## CAPITULO CXXXIX

Como El-Rei se foi d'Alcacere a Ceuta, e como a villa foi por El-Rei de Fez cercada, e El-Rei a não pôde socorrer, e desafiou El-Rei de Fez,

Esteve El-Rei em Alcacere até o domingo, em que de muitos e mui principaes homens foi requerido sobre a capitania da villa, mas El-Rei a deu e empregou bem em D. Duarte de Menezes, com que ainda não satisfizes ás grandes promessas que em cousas d'aquella calidade lhe tinha por seus assinados prometidas, e El-Rei quando lhe deu a dita capitania e governança, publicamente assi lh'o disse com palavras de muita sua honra e louvor.

E depois d'El-Rei prover a villa dos mantimentos, armas, e gente que pareceu necessaria, e armar muitos cavalleiros que o bem mereceram, á

segunda feira por mar se foi a Ceuta, onde ainda não fôra. Ao qual senhorio acrescentou d'hi em diante em seu titulo, o d'Alcacere em Africa, dizendo, \_D. Affonso por graça de Deus Rei de Portugal e do Algarve, Senhor de Ceuta e d'Alcacere em Africa\_.

E certamente quando El-Rei viu e contemplou na realeza de Ceuta, e em sua grandeza, maravilhoso e forte assento, que seu avô com outra semelhante passagem ganhara, e se lembrou d'Alcacere, e de seu sobrenome Ceguer, ficou triste e pensoso; porque a parecer dos que as viram, tão pequena cousa não encheu a grandeza e bondade de seu coração, e suspirava por outra maior.

El-Rei de Fez como soube que a villa era cercada, partiu com muita pressa e grande poder pela socorrer, e quando soube que já era tomada, com muita ira e tristeza sua e dos seus se veio logo á cidade de Tangere, para d'alli ajuntar suas gentes e a vir cercar, e trabalhar pela recobrar, da qual cousa D. Duarte foi logo certificado por um mouro d'autoridade, que na face d'Alcacere em uma escaramuça que houveram fôra com outros tomado e captivo, o qual logo mandou a El-Rei que ainda era em Ceuta, e sobre a certa informação que do mouro houve teve conselho, em que depois de ser acordado sem diferença, que Alcacere sobre o provimento d'armas e mantimentos que tinha lhe devia ser dado outro maior, quanto ao mais, que tocava á ida d'El-Rei para o reino, ou esperar alli o fim do cerco ou lhe socorrer houve votos diferentes. Porque uns diziam que dado o dito provimento se devia vir a seus reinos e não esperar lá mais, outros tiveram que em tal tempo estando El-Rei de Fez tão acerca, e partindo-se pareceria fraqueza, e que com seu medo o fazia, e que para isso por tirar suspeitas e fazer um grande cometimento, que á sua honra e estado cumpria, que o devia mandar desafiar em campo, e que se acceitasse o desafio, que ainda estava poderoso para lhe dar batalha e esperar victoria, e quando de tal reto se escusasse, que então sem pejo poderia para seus reinos partir sem algum prasma nem reprehensão dos seus nem estranhos, que o já remocavam.

E a este parecer se inclinou mais El-Rei, que com as palavras e razões que bem cabiam, formou para o dito Rei de Fez um desafio, que lhe enviou por Martim de Tavora, e Lopo d'Almeida, que embarcados em um navio aparelhado d'armas, e Reis d'armas e trombetas, e de suas pessoas em grã cumprimento foram sobre Tangere. Mas El-Rei de Fez avisado do recado com que iam, mandou que lhe tirassem ás bombardas, e não os quiz ouvir, e tornaram-se Lopo de Almeida a Ceuta, e Martim de Tavora a Alcacere, onde tambem com desejo de honra se lançaram muitos fidalgos, que sem duvida no cerco que defenderam a mereceram e ganharam, tão bem e melhor que na tomada da villa.

E aos XIII dias de Novembro El-Rei de Fez com trinta mil de cavallo, e gente de pé sem conto veio sobre a dita villa, que já d'antes com oito Alcaides seus era cercada, e logo com bombardas grossas e muitos tiros outros de fogo, e com muitos besteiros de Grada que trazia, combateu a villa muitas vezes e com muita força, mas nas infindas mortes e feridas, e outros danos que sempre dos christãos receberam, bem conheceram logo que não tinham d'elles a victoria tão leve e tão certa como esperavam.

E sendo El-Rei certificado do cerco da villa e da estreiteza em que os mouros a punham, logo aos sete dias do cerco veio d'avante d'ella, com vontade de a socorrer, ou ao menos de a bastecer. Porque quando a tomou, sómente lhe ficou mantimento para a gente ordenada para tres mezes, o que houvera de ser causa de a villa e gente ao diante de necessidade se perder, se Deus por sua piedade o não remedeara.

E porém, El-Rei pela muita gente contraira dos mouros que achou, que por

mar e por terra impedio sem remedio seu socorro e bastecimento, depois de enviar a D. Duarte e aos cercados muitos confortos e dar grande esperança da sua breve tornada, se partiu para Farão no Algarve, onde desembarcou, e d'hi se foi a Evora para dar ordem a tornar a socorrer a dita villa, para que depois de tudo bem consirado e provido, achou que para isso todalas cousas falleciam.

## CAPITULO CXL

\_Das cousas que passaram n'este cerco, até que de todo se alevantou\_

E n'estes tempos foi a villa d'Alcacere pelos mouros com bombardas e trons e outras armas, e com uma irosa porfia muitas vezes combatida e afrontada, e com a graça de Deus não faziam dentro o dano de que elles tomavam de fóra muita vã gloria, e porém a verdadeira pena elles a recebiam com muitas mortes e feridas, que dos christãos de noite e de dia sempre padeciam.

E porque viram que com os mui apressados e furiosos tiros que faziam, os muros da villa não caiam como maginavam, ordenaram trazer uma bombarda grossa, das que no tempo do palanque ficaram aos christãos em Tangere, em que já tinham a sua só confiança, a qual lançava pedra de quatro quintaes de peso, e logo foi armada e ensarada e fez alguns tiros, de que os mouros vendo ficar as paredes mui sãs, e os christãos sobr'ellas com muito prazer e alegria, ficaram mui tristes e desesperados, e por isso vendo que sua empresa não sobdecia como esperavam, elles a risco das graves penas que por sua fugida lhes eram postas, de dia e de noite não leixavam de fugir, de que D. Duarte por elches e mouros que se na villa lançavam, era logo avisado.

E no tempo da maior afronta chegou á vista d'Alcacere Luiz Alvarez de Sousa, vedor da fazenda do Porto, que El-Rei mandou aos cercados com esperanças e confortos, que enviava do mar com escriptos em virotões. E D. Duarte fez um aviso a El-Rei, e por mór cautella escripto em francês, notificando-lhe a extrema necessidade em que estavam, e sómente por mingoa de mantimentos e polvora, e pedindo remedio com as palavras que em tal affronta cabiam. O qual escripto enviado a Luis Alvarez com outro virotão, cahiu no arraial dos mouros, entre quem não falleceu quem lh'o logo leu e interpretou inteiramente, de que elles ficaram mui alegres, e tendo sobr'isso seu conselho, acordaram ser bem d'El-Rei de Fez, por seu Marim requerer a D. Duarte que se desse e lhe entregasse a villa, para que lhe mandou uma carta, e dentro della a outra que tomaram, e dizia n'estas maneira:

«Porque eu já sei tua puridade, mais por modo de compaixão que de necessidade que tenha, conhecendo de ti que és bom christão e esforçado cavalleiro, filho do outro bom velho de Ceuta, defenda-te Deus e te mostre o caminho da verdade por melhor e mais direito, se te quizeres poer em nossas mãos com algum honesto trato farás cousa a ti proveitosa, e a esses que hi tens mais que a nós; porque a ti e a elles guardaremos de mal, e vos faremos o que o vosso Rei fez aos nossos mouros, que estavam n'essas casas em que tu agora estás. Conselhe-te Deus de conselho são, e se tu isto não quizeres, sabe que Deus é grande e justo, e quererá dar ás mãos de seus servos as casas em que nasceram, e as herdades que seus padres e avós fizeram e prantaram, e manda logo a resposta com toda tua vontade».

D. Duarte recebeu a carta que era do Marim, e a fez lêr para si só secretamente, e perguntado dos fidalgos pela sustancia d'ella lhes encobrio a verdade, e disse que lhe cometiam trato de paz como mouros fracos que eram, e que estavam já de todo perdidos, para segurarem a terra de mais dano, com fundamento de se quererem alevantar, mas que lhe responderia, como respondeo de si mesmo ao Marim n'esta maneira:

«Tu sabe que El-Rei meu Senhor não leixou a mim e a estes seus fidalgos e a outra nobre gente n'esta sua villa para t'a entregarmos como cuidas, mas para a defendermos como defenderemos a ti e ao teu rei, e com elle a todos Reis mouros do mundo quando sobre nós viessem, e crê que nossa determinada vontade pela defender é sofrer não sómente o trabalho que nos dás, que por tua covardice é assaz pequeno, mas outros muitos maiores, até sobr'isso morreremos. E para conheceres se estas palavras saem da boca ou do coração, chega-te melhor aos combates do que fazes e ve-lo-has, e porque me dizem que o teu Rei manda fazer escadas para subir aos muros e nos combater e entrar, dize-lhe que eu o escusarei d'esse trabalho; porque se n'elle e em ti ha coração para isso, eu entre torre e torre lhe mandarei poer muitas que El-Rei meu Senhor aqui trouxe para tomar a villa, e manda subir aos teus por ellas, e verás que força põem em nós o serviço do nosso Rei e o enxalçamento de nossa fé, e a estima de nossas honras, e d'esta graça se a de nós quizeres receber não queremos de vós outros outra paga, se não que não sejaes tão covardes e tão fracos como até qui mostrastes, cá não é honra nem gloria vencer-vos».

Esta resposta foi lida na tenda d'El-Rei, perante elle e seus merins e alcaides, de que ficaram mui maravilhados, attribuindo tudo á soberba, como fôra a do cerco outro de Tangere, que apontaram. Mas Xarate, alcaide de Tangere que hi era, disse:

«Sabei vós que esses em que fallaes que d'essa vez vieram a Tangere, se dentro de taes paredes se acharam, e de mantimentos tiveram razoado soportamento, podera ser segundo o que vi, que mais caro nos custaram. E porém na continua alegria d'estes christãos sentireis bem sua fortaleza, e que n'aquelle escripto confessassem ao seu Rei suas mingoas e trabalhos, são maneiras que os cercados sempre tem para obrigarem com mais piedade e mór trigança a seu socorro, mas não é de crêr que tomando-se hontem a villa, e estando aqui o seu Rei com muitos navios, que a não leixassem açalmada para muito mais tempo do que nós podemos aqui estar».

E porém o Marim tornou a replicar a D. Duarte, que ao messegeiro mandou tirar ás bestas e não lhe quiz vêr a carta; porque receou tendo tão pouca esperanza de socorro, parecerem a alguns bem suas palavras e cometimentos, e enfraquentarem-se por isso na defesa da villa e esforçarem-se para o dar d'ella.

Aos mouros porque o tempo era de grandes frios, morriam e atereciam os cavalos, e assi os camelos e bestas de sua carriagem, e tambem elles padeciam asperezas incomportaveis. E com isto eram tão cansados e tristes, como os christãos pelo contrario; porque no testemunho e prova de seus alegres rostos e esforçados corações, em especial na segurança e valentia de seu capitão, tomavam todos esperanza de sua honra, resistencia e desejada defesa.

Os mouros porque as cousas em nada sobcediam a seu proposito, eram postos em grande cuidado, fazendo entre si grandes lamentações pela triste e deshonorada memoria que d'elles ficaria, não acabando feito de tão pequena estima para a presunção e confiança com que vieram, e sendo

já minguados de polvora e muito mais da esperança que tinham de lhe já aproveitar, determinaram dar por todas partes e a uma só hora um grande combate á villa, e assi o fizeram. Mas o capitão D. Duarte, porque logo nos aparelhos e alvoroço dos mouros que viu, sentiu bem o que queriam fazer, assi se percebeu e os recebeu, que d'alli por diante assi pelo grande estrago e mortindade que n'elles fez, como porque a gente sem o poderem resistir lhe fugia, e principalmente porque a polvora lhe falleceu e seus tiros e artilharias não jugaram mais, não houve mais rebates nem cometimentos porque ficaram de todo cortados.

E até então se lançaram na villa por todas, oitocentas e dez pedras grossas, XXXII de bombardas grandes, e as outras das outras meãs, de que foram muitos christãos feridos, e alguns poucos mortos. E porque o mantimento fallecia já muito, e não sabiam da detença que os mouros no cerco fariam, depois de pedir socorro ao capitão de Ceuta, que lh'o não deu e podera dar, praticou D. Duarte com esses fidalgos que seria bem matarem os cavallos; porque não lhe comeriam trigo nem cevada, que tanto haviam mester, e mais salgados lhes poderiam em sua extrema necessidade muito socorrer, e mais que não dessem de comer á gente mais de uma só vez no dia, e ainda esta com temperança que cada um com os seus tivesse, com outras prudentes cautelas e provimentos que concordaram e tudo pareceo bem, salvo o matar dos cavallos, a que acordaram que sómente por mantimento se desse palha, e que porém antes de os meterem n'esta provisão, determinaram dar primeiro com elles uma escaramuça e rebate aos mouros; porque elles tinham já por muito certo que eram mortos e com fome comidos.

Deu D. Duarte cargo da capitania d'elles, que eram pouco mais de XXX, a D. Anrique seu filho maior. E em dia de Santo Estevão primeiro dia das Oitavas de Natal sahiu D. Duarte fóra a pé, com certos homens todos fidalgos, com mostrança de recolher o almazem que na praia jazia; porque tivessem os mouros razão sahir do arraial, como saíram para lh'o defender, e com isto os offenderam. E como D. Duarte viu tempo, fez o signal que com D. Anrique seu filho tinha concertado, e elle com todos os cavalos enjaezados, e os cavalleiros bem armados e vestidos de livrés e gentileza, sahiu da barreira em que jazia em cillada, e com o nome de Santiago, deram rijamente nos mouros, que feriram com tanta força e ardidez, que certo o testemunho d'aquelle só dia, além d'outros muitos, deu clara prova de que capitães aquelle novo capitão por avoengas decendia, e que capitão se n'elle criava.

Foi a peleja d'este dia sobre todas as outras do cerco de mais dura e melhor pelejada; porque os que n'ella eram foram todos como disse fidalgos escolhidos, os quaes o capitão já não podia recolher, em que os mouros receberam muito dano e maior desmaio, vendo vivos os cavallos que cuidavam ser mortos, estimando-os por dez tantos com formosura e penso dobrado, o que deu muita causa aos mouros desesperarem da victoria do cerco, e propuseram de o mais não manter.

N'esta peleja usou Martim de Tavora de uma clara e verdadeira fidalguia; porque vendo n'ella entre os mouros Gonçallo Vaz Coutinho seu imigo capital, e sem alguma esperança de vida, só lhe foi socorrer, e com muito esforço e mais bondade, e com grande risco de sua pessoa como a um irmão o livrou e tirou de poder dos mouros, e d'hi em diante ficaram em sua imidade mortal.

N'estes danos e males que os mouros contra sua primeira maginação cada dia recebiam, e com esperança de os receber ao diante maiores, não os podendo soffrer, nem esperando de os poder mais contrariar, se queixaram e levantaram a um seu Cade, que entre elles é sacerdote maior, havido dos seus Reis e Marins em grande veneração como Papa, o qual com a

grande congregação de cacizes falou a El-Rei e a seus Marins e alcaides, apontando com palavras prudentes as maldições e vituperios que os mouros e casa de Fez principalmente por tamanha fraqueza recebiam, e que porém ou determinasse não leixar de combater a villa de noite e de dia até que a tomasse e todos morressem, ou por não terem mais mortes e padecimentos se alevantasse do cerco d'ella.

E depois d'El-Rei e o Marim terem seu conselho, acordaram por muitas razões boas que apontaram, que o cerco por então se alevantasse, com voto de o tornar a poer dobrado para o verão que logo vinha, como fizeram e se dirá.

E ao derradeiro dia de Dezembro começou a gente de se levantar e partir, e a dois de Janeiro do anno que logo vinha de mil e quatrocentos cincoenta e nove annos, El-Rei de Fez com todo seu arraial partiu de todo do cerco, que durou cincoenta e tres dias, no qual dos mouros segundo a certidão maior morreriam até mil e duzentos, e dos christãos muito poucos. E da causa porque El-Rei de Fez se partira, e assi da determinação que levava, logo D. Duarte por alguns mouros e elches que do arraial na villa se lançaram, foi de todo avisado. Do que elle e todolos christãos não ficaram menos ledos e descarregados, do que ficaram honrados e louvados por toda a christandade. Da qual cousa D. Duarte avisou logo El-Rei, que do descerco era já por castelhanos d'Andaluzia avisado; porque com esperança das alviçaras que d'elle por isso recebiam, uns após outros não leixavam de correr este pario de cobiça. E porém o messegeiro de D. Duarte as recebeu dobradas, com honra, proveito e acrescentamento.

E por isso mandou em todo o reino fazer geraes procissões, em que se deram muitas graças a Deus, e assi ordenou esmolas a todolos mosteiros e casas piedosas. E respondeu a D. Duarte; e assi a todolos principaes fidalgos e cavalleiros que mantiveram o cerco, dando-lhe por estes cincoenta e tres dias que durou o cerco, tantos agardcimentos com esperança de mercês, como se foram outros tantos annos de mui assinados serviços. E mandou logo de dinheiro e mantimentos prover a villa. E que os fronteiros que n'ella fôra da ordenança estavam, se tornassem ao reino. E ante de se virem fizeram muitas entradas, e trouxeram á villa grandes cavalgadas e muitos mantimentos das aldêas dos mouros.

FIM DO II VOLUME

End of the Project Gutenberg EBook of Chronica de el-rei D. Affonso V (Vol. II), by Rui de Pina

\*\*\* END OF THIS PROJECT GUTENBERG EBOOK CHRONICA DE EL-REI D. AFFONSO V \*\*\*

\*\*\*\*\* This file should be named 21911-8.txt or 21911-8.zip \*\*\*\*\*

This and all associated files of various formats will be found in:  
<http://www.gutenberg.org/2/1/9/1/21911/>

Produced by Rita Farinha and the Online Distributed Proofreading Team at <http://www.pgdp.net> (This file was produced from images generously made available by National Library of Portugal (Biblioteca Nacional de Portugal).)

Updated editions will replace the previous one--the old editions will be renamed.

Creating the works from public domain print editions means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg-tm electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG-tm concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for the eBooks, unless you receive specific permission. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the rules is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. They may be modified and printed and given away--you may do practically ANYTHING with public domain eBooks. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

\*\*\* START: FULL LICENSE \*\*\*

THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE  
PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS WORK

To protect the Project Gutenberg-tm mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase "Project Gutenberg"), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg-tm License (available with this file or online at <http://gutenberg.net/license>).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg-tm electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg-tm electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg-tm electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg-tm electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. "Project Gutenberg" is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg-tm electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg-tm electronic works if you follow the terms of this agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg-tm electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation ("the Foundation"

or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg-tm electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is in the public domain in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg-tm mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg-tm works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg-tm name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg-tm License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg-tm work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country outside the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg-tm License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg-tm work (any work on which the phrase "Project Gutenberg" appears, or with which the phrase "Project Gutenberg" is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)

1.E.2. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is derived from the public domain (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase "Project Gutenberg" associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg-tm trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg-tm electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg-tm License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg-tm License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg-tm.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg-tm License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form, including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg-tm work in a format other than "Plain Vanilla ASCII" or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg-tm web site ([www.gutenberg.net](http://www.gutenberg.net)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original "Plain Vanilla ASCII" or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg-tm License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg-tm works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg-tm electronic works provided that

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg-tm works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, "Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation."
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg-tm License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg-tm works.
- You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg-tm works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg-tm electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from both the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and Michael Hart, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread public domain works in creating the Project Gutenberg-tm collection. Despite these efforts, Project Gutenberg-tm electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain "Defects," such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the "Right of Replacement or Refund" described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg-tm trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg-tm electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH F3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL, PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS' WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg-tm electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg-tm electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do

or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg-tm work, (b) alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg-tm work, and (c) any Defect you cause.

## Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg-tm

Project Gutenberg-tm is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need, is critical to reaching Project Gutenberg-tm's goals and ensuring that the Project Gutenberg-tm collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg-tm and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation web page at <http://www.pglaf.org>.

## Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Its 501(c)(3) letter is posted at <http://pglaf.org/fundraising>. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's principal office is located at 4557 Melan Dr. S. Fairbanks, AK, 99712., but its volunteers and employees are scattered throughout numerous locations. Its business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887, email [business@pglaf.org](mailto:business@pglaf.org). Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's web site and official page at <http://pglaf.org>

For additional contact information:

Dr. Gregory B. Newby  
Chief Executive and Director  
[gnewby@pglaf.org](mailto:gnewby@pglaf.org)

## Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg-tm depends upon and cannot survive without wide spread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine readable form accessible by the widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

ru\_i\_pina\_afonsov\_2.txt

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit <http://pglaf.org>

While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff.

Please check the Project Gutenberg Web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: <http://pglaf.org/donate>

Section 5. General Information About Project Gutenberg-tm electronic works.

Professor Michael S. Hart is the originator of the Project Gutenberg-tm concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For thirty years, he produced and distributed Project Gutenberg-tm eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg-tm eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as Public Domain in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our Web site which has the main PG search facility:

<http://www.gutenberg.net>

This Web site includes information about Project Gutenberg-tm, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.